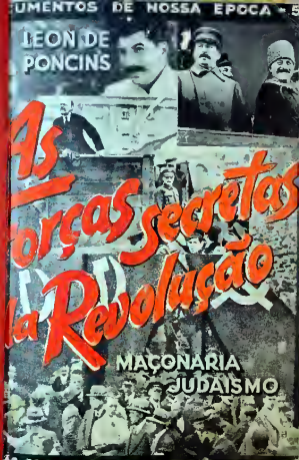


UMENTOS DE NOSSA EPOCA - 5

LEON DE  
PONCINS

# As Forças secretas da Revolução

MAÇONARIA  
JUDAISMO



Documentos de Nossa Época — Nº 5

LÉON DE PDNCINS

# AS FÔRÇAS SECRETAS DA REVOLUÇÃO

Maçonaria — Judaísmo

2.ª Edição

Traduzido por

**Marina Guaspari**



1-43

**1937**

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO  
Barcellos, Bastos & Cia. — Foto Alegre  
Filiais: Santa Maria e Pelotas



EDITORA EXCLUSIVA DE  
TODOS LOS LIBROS O  
SERIES Y PERIÓDICOS  
DISTRIBUIDOS EN ESPAÑA Y PORTUGAL  
ENCUADRA Y LEGA EN  
BARCELONA SEPTIEMBRE A O-  
LIBRERIA DO GLOBO  
RUA DO ALVARO  
N.º 100  
LISBOA

Oficina gráfica da LIVRARIA DO GLOBO



## PRECE

DE S. A. E. e GRANDUQUEIA CLOA, ARRABINADA EM  
1924, A 17 DE JULHO DE 1918

Oração escrita em Jotabá, Transmittida pelo Conselheiro Esdrás  
de M., acompanhada depois pelas laboradoras. Produzida pelo conselheiro  
esdrás ramos Estêvão, irmão do Dr. Estêvão, acompanhado com o Teor.

Inspira-nos, Senhor, paciência;  
Nestes dias sombrios e atormentados,  
Devemos suportar a população  
E as tentações dos nossos próprios.

Dá-nos, Deus Justo, e Firme  
De perdoar as inimizades  
De ti, como tu, renegados.  
Para a cruz pesada e cruenta.

E, na fúria da tormenta,  
Roubados, vituperados pelo inimigo,  
Ajuda-nos, Jesus Salvador,  
A suportar todos injúrias e desprecios.

Deus, Todo-Poderoso do universo,  
Faz com que a prece aos deuses forças  
E acabe a nossa alma dolorida,  
Na hora da angústia e do terror.

Diante da segredaria encoberta,  
Secando-te o lábio nos lábios,  
Dá-nos a força subterrânea  
De perdoar e de reger por nós.

## PREAMBULO

Atualmente, estamos, a um mesmo movimento revolucionário cujo primeira manifestação exterior foi a Revolução Francesa de 1789.

Este movimento, que depois se estendeu por toda a Terra, tem uma significação muito mais profunda do que geralmente se pensa e tende a destruir a civilização.

Dela depende a sorte da humanidade. Temos, portanto, todo o interesse em conhecer as causas do movimento e suas consequências, ou, por outra, em saber para onde vamos.

Orá, entre as forças revolucionarias, há duas que, embora não os nomes ocultas e ignoradas do publico, são preponderantes: A Maçonaria e a Justiça.

São estas as forças que nos propozem a tomar mais consciência. (\*)

---

(\*) O fim desta obra não é vulgarisar documentos mágicos mas expor e resumir o aspecto geral da questão para interessar por na exposição do autor, ignorava completamente o autor.

## PREFÁCIO

A primeira edição de *Fórces secretas da Revolução* apparece em 1928. A publicação do livro facilitou a meu trabalho, proporcionando-me novas possibilidades; porém, agora, fontes de informações que antes não tinha. Críticas e polêmicas da imprensa revelaram-me certos pontos inseguros, mas também produziram e confirmaram muitos outros. Tive acesso de manusear documentos e obras que, antes, não conseguiria obter. Aproveitei-as, para a verificação cuidadosa de tudo o que encerrava, capítulo por capítulo. Por conseguinte, apresento hoje aos leitores uma nova edição de *Fórces secretas da Revolução* que, sem sofrer modificações no seu plano geral nem nas suas directões, lei, conteúdo, foi transformada, que se pode considerar um livro novo.

Éis um breve resumo dos melhoramentos introduzidos na obra:

No que se refere às citações, substitui-as de segunda mão por outras verificadas nos textos originaes. O plano da segunda parte — Judaísmo — foi modificado e esclarecido, esta parte da obra baseia-se, agora, quasi exclusivamente nos textos hebraicos. Acrescentei um capítulo relativo às maçonarias regulares e às associações secretas que são feitas parte da maçonaria propriamente dita.

No que concerne à Maçonaria, o sr. Alberto Lantier, um dos membros mais rautozados da grande Loja de França, escreveu-me, por ter citado trechos de discursos pronunciados em honra de Kala e que, portanto, não representariam o verdadeiro aspecto da Maçonaria. Substituí, pois, os trechos mencionados por citações extraídas dos próprios escritos do sr. Lantier. Apela igualmente para os obras dos sr. Leley e Plantagnel que

das as porta-vozes autênticas do Grande Oriente da França e da associação maçônica internacional (A. M. E.). Apreensões e ansiedade, para tratar internacionalmente do papel atual da Maçonaria na França. Relativamente à revolução de 1789, utilidade da importante série de documentos do maçom G. Martine. Foi as observações necessárias concernentes à Alta Loja Romana. Tendo estabelecido que Wachtl cometeu erros de factos, sobre o papel da Maçonaria na revolução húngara, substitui as suas citações por trechos dos textos maçônicos originaes, cuja importância todos compreendem.

Modificações ao capítulo relativo à Maçonaria inglesa, porque a minha opinião, a-pesar-de errada, era demasiado absoluta.

Finalmente, graças aos textos maçônicos mais recentes pude introduzir novas precisões sobre o papel da instituição judaica na Maçonaria e desenvolver mais as conclusões.

Na segunda parte — Judaísmo — suprimo o manifesto da aliança israelita universal, porque, de uma polêmica travada no Sudez, resultou quasi a certeza de que tal documento é apócrifo. Seja como for a sua autenticidade é duvidosa. Por ordem de publicação, suprimo o documento Zander, cuja origem pouco importa. Substitui este documento por um extrato do *Secher-Ha-Zohar*.

Mas devo que o Judaísmo seria tratado com a troca.

Redigi de novo e inteiramente os capítulos relativos a magia e à religião hebraica para os quais me utilizei, entre outros, da obra recente de Kadetz-Cohen. Modifiquei ligeiramente os capítulos da imprensa e da vida social.

Dejo ter feito o que é humanamente possível, para exprimir todo o meu pensamento e espero que os que ainda pouco sabem não possam de mim desiludir-se.

Especialmente, uma vez por todas, que, quando me refiro à religião católica, tenho em vista a doutrina espiritual e não necessariamente o clero, uma parte da qual sobre as linhas da teogonia está ocupada. (\*)

Para terminar, acrescentemos que, quando *Le fidele* menciona

tar da Revolução espanhola, talo é que se passou logo previsto. A obra necessita uma observação geral. Menção-se, sem insistir, que, com raras excepções, nenhum dos jornaes ou das revistas de Paris que conservaram a liberdade imprensa conservadora lhe dedica uma linha. A pizarra, a liza esquivam-se pelo Euzépio laudat e a edição expozem-se rapidamente. Ainda no ponto, foi traduzido para o inglês e para o alemão.

Esta prova que existe na Europa um sentimento geral de reacção contra as forças revolucionarias, sentimento que se deve estender e aprofundar.

(\*) Veremos a sua origem a obra de A. Cavalier des langues sacrées. Rouen, edit. Paris, 1921.

1  
A MAÇONARIA

## INTRODUÇÃO A QUESTÃO MAÇÔNICA

### QUE É A MAÇONARIA?

É difícil responder, em poucas palavras, a esta pergunta, pelas seguintes razões:

#### 1.<sup>a</sup>) *A Maçonaria é uma associação secreta*

É julga dever ocultar os seus segredos, não só aos profanos, mas a maior parte dos seus adeptos. Se poucos iniciados conhecem os seus verdadeiros intentos. Os adeptos colaboram, mais ou menos inconscientemente, para um fim que ignoram, dirigidos por chefes insólitos de cuja existência, muitas vezes, nem suspeitam.

#### 2.<sup>a</sup>) *A Maçonaria não apresenta uma forma rígida e invariável.*

A obra que se propõe a cumprir é tão vasta, que está dividida e cada parte da Maçonaria tem a sua associação própria, variável conforme os países, as épocas, as circunstâncias: de modo que, se perguntarmos a vários maçons o que é a Maçonaria, podem, de bom lé, exprimir definições muito diversas.

#### 3.<sup>a</sup>) *A Maçonaria dissimula o seu verdadeiro intuito sob fórmulas vagas.*

Nunca exprime, de um modo determinado, o que pretende e isto deliberadamente. Graças a essas fórmulas vagas, os seus dirigentes puderam, pouco a pouco e sem excessivas controvérsias, orientar a Maçonaria no sentido que lhes parecia conveniente.

O conjunto destas razões torna a Maçonaria um problema complexo. Conseguiu-se conhecer uma parte da verdade pelas seguintes razões:



## 1.º) REVELANDO OS DOCUMENTOS MAÇONICOS

(Publicações, relações de estudos e correspondência impressa).

Este trabalho é, hoje, relativamente fácil em certos países, como na França em que a Maçonaria se julga bastante poderosa, para manter a sua verdade.

## 2.º) REVELANDO AS SÍMBOLOS DE ANTIGOS MAÇONS

(Como Exm. Alarcón, Flórid, Robinson, etc.)

Sendo algumas vezes que, quando a escrever a verdade, alguns maçons consideram no caso da existência de direitos de associação e divulgação os seus segredos e os seus perigos. Houve também raras excepções de pessoas que conseguiram introduzir-se no loge, com o intuito de descobrir os segredos maçonicos. Mas foram raras excepções. A Maçonaria não tem a sua preocupação, além de evitar a sua divulgação, e mesmo, mais tarde, que não possa parecer nenhuma debilidade, para se demonstrar diversa (segredo) (fals) ou comprometer-se.

## 3.º) REVELANDO OS DOCUMENTOS MAÇONICOS DE MAIOR ALTA IMPORTANCIA, COMO O PODER DE CERTOS GOVERNOS E POR OUTROS REVELADOS

Este caso representa-se, principalmente, três vezes:

1.º) Em 1945, Lusa, membro de uma loja maçônica dos Estados Unidos de America, quando transportava alguns documentos secretos, foi detido por um caso, em Washington.

Recordando-lhe o caso, a jefatura encontrou sobre ele papéis de correspondência, que o governo levou através de investigadores. Operava uma investigação ciranda de tudo nos papéis de uma, e o caso terminou por um celebre processo. O chefe Westgate chegou a fugir. Todos os documentos foram ligados ao Arquivo de Moscou. Foram comunicados a todos os governos europeus, que, além, não lhes deram a devida importância.

2.º) Em 1945, os documentos da associação secreta *A Alta Fraternidade Russa* foram em poder do Vaticano e foram publicados, em parte, por Estevão-Joly no seu livro *A Igreja*

*Temas* perante o Vaticano. Além daquela ocasião, foram transportadas a todos os governos europeus, com um outro maior numero.

3.º) Em 1975, após a queda de Neta Kya, chefe de revolução bolchevista da Hungria, o governo ordenou a apreensão dos arquivos maçonicos das lojas de Budapest. A ação revolucionaria dos maçons era flagrante, além de lojas da Hungria, foram fechadas e a Maçonaria em marcha.

## 4.º) TRAFICANDO A OBRA REVOLUCIONARIA MAÇONICA, REALIZADA, NO MUNDO, DURANTE DOIS SÉCULOS

Essa obra de descriptação stage todos os ramos: religião, política, costumes, artes, literatura, etc. em todos os países. É a prova mais sólida e mais segura, porque, se a não revelar um segredo, não é possível negar os fatos e a quantidade deste é tal, que, evidentemente, não se pode silenciar a tal ponto sobre a verdadeira natureza da Maçonaria.

Deste estado mental, posto à prova, o conhecimento da ação desta obra sobrevi.

Podemos definir o conhecimento, nestes termos:

A Maçonaria é um conjunto e uma separação de associações secretas, espalhadas no mundo inteiro.

Seu fim é destruir a atual civilização de base cristã, substituindo-a por outra civilização materialista e atea que terá como objetivo a morte e a ruína, o que contém, em linha reta, para o materialismo. Embora as separações tenham variado muitas vezes, o seu propósito se mantém.

A unidade posterior de base é, portanto, espiritual. É o conflito entre o racionalismo e a fé cristã, entre os direitos de Deus e os direitos do homem que está presente a base de Deus, dirigido pelo Estado-Deus. Para chegar a base espiritual final, foi necessário começar desfilando as organizações que representam os princípios da autoridade e da tradição, para substituí-las, lentamente, pela república maçônica atea e materialista.

O papel revolucionário da Maçonaria reside não em criar o estado de anarquia revolucionária do que um age diretamente.

Poder-se-ia citar, com a mesma breve resumo, no mesmo modo as seguintes. Entretanto, no caso, alguns.

"A República turca, filha da Magometaria francesa, a república universal do futuro, filha da Magometaria universal..." (1)

"Quando consideramos o trabalho realizado, temos o direito de nos orgulharmos de alguns progressos. Embora perfeitamente que o mundo ainda está incompleto; mas que em dois séculos, em vista da humanidade."

"Dois séculos depois de seu aparecimento, o projeto certamente não parecia ter correspondido a esperança dos seus projetos e, portanto, acabou demonstrando o mundo idealista."

"Deseja-se e deseja-se com a Magometaria, porque, com o progresso constante da instrução e da ciência que unites os Leste e as superação, ela aparecerá, mais ou menos, como o único religião digna dos homens"

"Não temos o direito de desistir, porque o nosso espírito continua sendo o que restava em vários livros, hoje expostos, publicado em Bruxelas em 1744, *A Magometaria ou a revolução dos mundos das nações por Nizam* (2). Consta nos escritos, inconfundíveis, uma república universal e democrática que terá como língua o Russo e como sagrada constituição, uma constituição de salvação..." (3)

Essas citações não bastam a dizer; será inútil prolongá-las. Tendo exposto, em resumo, o problema, podemos agora a entalhar-se em seus detalhes e a discutir, com o apoio das provas:

- 1<sup>a</sup> — A Magometaria, na aparência.
- 2<sup>a</sup> — Sua ação revolucionária no mundo.
- 3<sup>a</sup> — A verdadeira Magometaria.
- 4<sup>a</sup> — A unidade da Magometaria universal.
- 5<sup>a</sup> — A missão dos justos na Magometaria.

(1) Estado do presente do Grande Oriente em 1828. Compendio do Grande Oriente. 1828, pag. 103.

(2) A. Lantier — *Discours au Jardin des Orangers*. Paris 1843. Librairie Nouvelle. Paris, 1843.

## PRIMEIRA PART

### A MAGOMETARIA, NA APARÊNCIA

#### CAPÍTULO DA MAGOMETARIA

Ja sabemos que a Magometaria difere, na aparência, conforme as circunstâncias, as épocas e os países. Assim a Magometaria dos países ocidentais é diferente da dos países orientais. E a Magometaria atual é diferente da que nasceu antes de 1789 e da que se manifestou nos meados do século XIX.

Sempre e em toda parte, apresenta diferenças e contradições.

Em primeiro e segundo os seus estatutos, é uma associação secreta com rituais misteriosos, humanitários e progressistas. Tende a estabelecer e aperfeiçoar a sociedade, orientando-a para um ideal de luz, de verdade e de progresso. Portanto, na Magometaria, todos os membros, principalmente a de inferioridade e de polifaculdade inferior, entre outros. É uma associação solitária, santa e sagrada, que propugna a unidade de tudo o que se encontra de bom, de belo e de sublime na humanidade. Esta associação pretende principalmente dizer-se acima das coisas do mundo, de classe de nacionalidade e de religião; todos os seus adeptos são iguais e unidos. Nos estatutos anteriores, não se trata de política. Do ponto de vista religioso, cada qual pode dizer-se que lhe convier.

Essas declarações encontram-se no esboço das suas constituições de todos os Federações magometanas, sobretudo, por meio, autoridade.

O que logo se percebe é o profundo e o indomável desejo de liberdade. Que é a luz? Que se entende por um ideal de progresso? Cada qual pode compreendê-lo de um modo diverso.

É justamente a este a Maçonaria quer, para poder operar nos assuntos mais variados. Se duas afirmações não expõem claramente não se deve tratar de política, respectam-se todos os conceitos.

Veremos que os fatos demonstram, sem cessar, estas duas afirmações. Na França, por exemplo, a Maçonaria já não se ocupa e desceve-se francamente com guerra política e religiosa.

### ORGANIZ. DA MAÇONARIA

Das vagas e múltiplas, as nos conhecemos nos variados círculos maçônicos fornecidos pelas mesmas. Parca indicativa! que a associação data de época remota. Na Inglaterra, porém, das condições das pedreiras construídas no Sudoeste.

Historicamente, pode-se afirmar que, sob a forma atual, a Maçonaria existe desde 1717. Nessa época, diversas lojas antigas reuniram-se em Londres e fundaram a Grande Loja da Inglaterra, a qual sempre de todas as lojas do universo. James Anderson foi encarregado de redigir, corrigir e editar, sob uma forma definitiva, os estatutos maçônicos. O seu trabalho apareceu em 1723 e serviu de base a todas as constituições maçônicas atuais. (\*)

### ORGANIZAÇÃO DA MAÇONARIA

É dupla e variável: a organização administrativa visível e a organização oculta, distribuída, de vez, dos próprios segredos.

#### ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA APARENTE

A Maçonaria de todo o mundo divide-se em vários grupos, administrativamente independentes uns dos outros, correspondendo cada um deles a um país. Têm denominações diferentes, mas como Federação da Grande Loja da Inglaterra do

(\*) Informações minuciosas nos seus estatutos: W J Baylyan — *Constitutions of the Free — Masons of the premier grand Lodge of England*, Londres 1883. W. Esquimaux — *Topographie and Anstalt der Freimaurerei in England*, Berlin 1823.

Grande Oriente da França, etc. A organização administrativa de cada grupo é quasi a mesma em toda parte.

Constituídas, por exemplo, a do Grande Oriente da França, compreendem, antes da guerra, cerca de 30 000 adeptos, repartidos em 400 lojas, tendo cada uma, em média, 30 membros. (1)

Cada loja é dirigida por cinco oficiais, sob a presidência: O Venerável, o primeiro e o segundo vigilantes, o crente e o secretário, que só têm autoridade nas suas lojas. A autoridade central de conjunto social mantém-se oculta. Cada loja elegue um delegado, entre delegados reunem-se duas vezes por ano e a autoridade mais elevada, é a assembleia, ou o parlamento maçônico da Federação.

Esta convenção elegue 24 membros, nomeados pelo espaço de 3 anos, para formar o Conselho de Orde, ou a autoridade executiva da Federação inteira.

A frente do Conselho de Orde, há um pároco escolhido por um Presidente. (Em outras Federações, o Presidente denomina-se Grão-Mestre.) Este Presidente ou Grão-Mestre dirige, pois, toda administração maçônica internacional, não só tem a importância que se lhe poderia atribuir.

A convenção nomeia os membros de primeiro grau da Maçonaria, mas o organismo, mesmo as modificações dos estatutos, entra em relação com as outras federações e, em realidade, occupa-se principalmente de questões políticas e religiosas.

#### ORGANIZAÇÃO OCULTA DOS GRADOS

Explicamos a organização visível, porém, segundo nos ensinam, Léopold Alphonse, existe simbolicamente outra ainda mais secreta: a dos graus.

Explicamos-a brevemente, para não tardar a desenvolver. Quando alguém se inicia na Maçonaria, entra primeiro a fazer parte de uma loja denominada de 1.º grau. Também se costuma aprender. Depois de certo tempo, quando o seu espírito foi jágado suficientemente preparado para receber a luz verdadeira, é promovido ao grau de aprendiz, isto é, para o 2.º

(1) Na, na França, cerca de 18 000 membros.

haver parte de uma loja de companhia. Após um novo período de observação, se lhe pediu para a companhia ser novamente criada e entrar para uma loja de outros. Tudo isso pode voltar sobre uma loja existente, de categoria igual ou inferior à de sua. Cada loja tem características, ritmos e objetivos particulares.

Não há aqui uma diferença na organização administrativa aparente, os ritmos de ritmos, no passo que, na organização das lojas das categorias por seleção. Os ritmos de uma loja superior diferem de uma loja de grau inferior, e só diferem entre eles no que julgam digno de serem conhecidos.

Como generalização, a criação de um objeto para um grau qualquer é definitiva, enquanto, na organização administrativa, a criação é sempre temporária.

Os graus de aprendiço, de compreensão e de mestre formam a Maçonaria inferior, ou Maçonaria azul, da qual é feita o lapidação. Além dela, existe a Maçonaria dos Altos Graus, cuja constituição muitas das vezes se encontra ignorada. O número dos altos graus varia segundo as Federações e os ritos. Contudo, no Grande Oriente da França era de 33. Atualmente, há apenas 8. De mais conhecidos são os de Reis-Cruzes, de Cavaleiro Kadusek, etc. O rito recente praticado pelo Grande Loja canadense ou 33 graus.

O Conselho Superior de um rito não se encontra no mundo inteiro, são conferências e são realizadas com frequência geral em que os graus 33 de Grande Oriente são seus membros.

Além disso, os graus compreendem a ser aceitação por seleção, a seu término final, propriamente a elevação, e os altos graus tornam-se cada vez mais raros.

Freqüentemente, tem-se visto muitos de grau superior assistirem as reuniões das lojas de qualquer categoria, sem que, muitas vezes, os membros inferiores tenham conhecimento de sua presença. Cada loja ignora, pelo, o que se diz ou se faz nas lojas de categoria superior à de sua, mas quanto a entrada lhe é interdita. E, pelo contrário, tem de ser conhecido, mesmo nos superiores, a frequência das lojas de grau inferior, se quer serem transmitidas as inspirações que lhes próprios membros de inferior.

A Maçonaria é, por conseguinte, uma superposição de atividades secretas. Enquanto na organização administrativa a direção provém da camada inferior, por eleição, a organi-

zação provém dos graus superiores e além da prestação material de um grupo superior a superior com sua direção, de uma natureza finalista, à sua vontade por toda a atividade superior. Compreende-se que os diversos graus compreendem dois grupos no primeiro. São esses os de Hierarquia de Branca, de Alta Verde e das duas últimas, embora coloridas predominantemente, os brancos e os verdes de Maçonaria. O branco que surge e vive no silêncio dentro-a indistintamente.

Seja como for, esta a superior natureza da organização dos graus é evidente e certo que entre a Maçonaria aparente, isto é a organização aberta, transitória e ilusória, e a Maçonaria oculta, revolucionária que ela entra no mundo, o contraste é flagrante.

A mesma disposição existe entre a sua organização ritual e as extraordinárias reuniões conhecidas. Nenhum indivíduo, sem obrigação e necessidade de ter o juramento imposto a todos os membros, certamente acompanhado de condições e condições, se não de alguns dentro das direções se acredita de ser. Uma simples associação de beneficiários jurídica do grau dispensa e semelhança aquelas de prestação? Ou, quer, embora discretamente, prestar o bem, não necessita aceitar-se entre: além de beneficiários, deve haver alguns ritos.

Estudemos pois, o papel da Maçonaria na história e em sua natureza de Maçon, de Verde e de Branco, e em seguida sob o seu verdadeiro aspecto e de uma linha internacionalista e revolucionária.

Não me ocuparei aqui no rito, no ritual e no conteúdo ritualístico para criar, no exterior das lojas, a vida de homem organizado e para a propagação de doutrinas ocultas. Cada grau tem as suas cerimônias, os seus ritos, os seus costumes e os seus rituais. Tudo isto não interessa aos profanos.

Diremos apenas algumas palavras sobre o grau mais importante e vulgar de todos, isto é a ordem de Maçonaria. A cada grau compete o dever de a observar e trabalhar-se os castigos reservados ao mesmo rito!

Em um Ritual

"De eu não conheço a meu juramento não se entende o conceito, não sei, não devo e não sei entender

sejam arremetidas e debeladas ao fundo do mar; queiram-se e todo corpo e dissipem-se as míseras estas no ar, para que cada resto de má e das raras passagens entre os boatos e entre as suas lídicas magens". (7)

Sob este aspecto, a Maçonaria está tão bem organizada e pode fazer uma adapção tão benéfica, que não transpõe uma única página, nem entre os graus inferiores que não se têm de importância e formam a mesma escuridão. Não há, que eu saiba, exemplo algum de iniciado superior que tenha traido a sua — ainda a morte lhes fecharia os lábios.

Mais uma página sobre do emprego de tempo nas lojas. Exortando as reuniões de noite, fazem-se e fazem-se principalmente conferências destinadas a estudar e a propagar a doutrina maçônica.

Depois disto trata-se da organização da Maçonaria, passando a estudar a sua ação revolucionária no mundo, desde 1789 até aos nossos dias. Os fatos, por si mesmos, demonstram o que é realmente a Maçonaria.

## SEGUNDA PARTE

### O PAPEL REVOLUCIONÁRIO DA MAÇONARIA NO MUNDO

#### A MAÇONARIA E A REVOLUÇÃO DE 1789

Nenhuma das grandes historiadoras clássicas da Revolução reconhece o papel que esta desempenhou a Maçonaria. Isto, na verdade, é incompreensível: uma revolução é o maior acontecimento desde do mundo nos últimos 1800 anos, um acontecimento que alterou a face do mundo. Como pôde a língua oculta que não exercia um papel primordial, mesmo, ficar durante séculos, ignorada?

Alguma, muito raro, subvertem a verdade e, por isso, são por interesse, conservaram-na sob silêncio.

Outros, ainda mais raras, falaram: foram considerados visionários. Muitos destes são — reflectem nos que eram silenciosos — parelhosam que as manifestações revolucionárias de 1789 são suas naturalmente espontâneas. Percebemos em muitos segredo, sem se poder descrever a origem.

Out, na época atual, a Maçonaria reconhece abertamente a Revolução francesa como obra sua.

No Câmara dos Deputados, no sessão de 1.º de julho de 1904, o Marquês de Ruvigny pronunciou as seguintes palavras:

"A Maçonaria trabalhou em silêncio, mas de uma maneira constante, para preparar a Revolução".

Jenard — "Efectivamente organizamos esse dia".

Alexandre Ébvald — "E o maior elogio que V. S. De pode fazer".

(7) Jornal maçônico L'Esprit, 1910, pág. 81.

Henri Michel (Filhos do Bócio) — "Eis a razão pela qual V. S. e os seus amigos a destruíam"

M. de Roubaix — "Então, pois, perfeitamente de acordo sobre este ponto: a) Moisés foi a única encarnação da Revolução e os apóstolos que vieram da esquerda e os quais todos pouco habituado previam os seus, que reconhecerá sempre que não há a Revolução francesa".

Juste — "Fazemos mais do que reconhecer os profetas-moisés". (1)

O plano moisés foi o seguinte:

"É preciso destruir a civilização atual no mundo. O que deve começar pela França que é a sua representante mais poderosa: É preciso adquirir o que detentam a sua língua e a monarquia e o catolicismo. Provada estas bases, a ordem social ficará isolada e será possível abolir a hierarquia, a disciplina, a família, a propriedade, a moral.

Como a Moisés não pode entrar em luta aberta com a Igreja, atacou os seus ensinamentos e a monarquia e a família: partiu os seus estudos religiosos não é só política, mas essencialmente social e religiosa, desde que a civilização ocidental tem por base a doutrina e a disciplina cristã.

A abolição da monarquia por direito divino em a condição que era o do feito do plano atual. A Revolução que aconteceu ter sido feita pelo povo foi, na realidade, praticada contra ele. A monarquia e a religião não foram aniquiladas porque opunham a França, mas pelo contrário, porque a protegiam demais.

Ficou excessivamente irreversível, poderia abogar

Entretanto foi traçado, essencialmente e por escrito, pela mão de Washington, chefe da sua revolução dos Estados Unidos, muito antes de 1789. Nos documentos subsequentes, apreen-

hidos pelo governo francês na própria sede do Congresso, foram enviados ao Arquivo de Basileia. (2)

Além, a Inglaterra pratica que tiveram em 1789, é uma garantia da sua insubordinação.

#### A IDEIA, ARMA DE DESTRUIÇÃO

A subordinação prova de insubordinação do estado poder nacional foi se feito a França trabalhar para a sua própria destruição e serviço do povo, para destruir tudo o que, na realidade, a protegia.

A doutrina e a hipocrisia tornaram-se características de todos os movimentos revolucionários do mundo, desde 1789 até a atualidade. Alguns usou como a opera-se, essencialmente, em estado contrário.

"É preciso manter como um domínio, sempre Voltaire, não imediatamente, nem só transparentemente, mas sempre a sua utilidade". (Carta a Thérèse).

Segundo Collot d'Herbois, o princípio geral é "Tudo é feito para a volta da Revolução".

Essa língua misteriosa que dirige a etapas seguintes algumas ideias belas e sublimes, os apóstolos, mas que eram, na realidade, uma arma terrível de destruição. Além disso, tem a um serviço a verdadeiro gênio da liberdade, o essencial é fazer as massas a fruir com ela, embora o chefe de belas promessas: poderia dejetos fazer o contrário do que se pretende, que não terá essas condições indispensáveis. Serviu de conselhos as 1789 palavras de ordem moisés: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, que serviram para destruir a França.

(2) Esses documentos foram reproduzidos em parte pelo livro de BARRIS, no seu livro "Mémories pour servir à l'histoire de Jacobins", 1781, e mais recentemente, por M. de Deleurye, no seu livro "Le mouvement révolutionnaire, 1789. Vingt ans de la France" — Les Éditions de la Revue, 104 e S. E. Wolter — 707 West Washington, 1901.

(1) FUNDINE: História da Democracia dos Estados Unidos, de Washington, Estados Unidos.

'Escrupuloso' a Revolução de 1790 não foi um movimento espontâneo de rebeldia contra a tirania do antigo regime, nem um levante directo e espontâneo a favor dos Milhões contra a Escalada, a guilhotina e a guilhotina, como se aqui foram creditar. A Revolução foi a inspiradora do movimento. Se não criou completamente a nova doutrina, cuja base era o sistema jurídico da Eritreia, elaborou os princípios de 89. ditando-lhe as regras e contribuindo altamente para a sua realização.

Provejo, agora, este assunto.

#### A AÇÃO REVOLUCIONÁRIA NA MAGONARIA DE 1790 A 1794

Tudo coincide a preparação revolucionária dos Escaladistas. O que se ignora é o papel desempenhado que a Magonaria desempenhou em 1794 a Revolução. Leia-se a introdução do novo Bando criado da convenção de Grande Oriente da França, em 1794.

"No século XVIII a guerra entre os Escaladistas encontrava-se nos seus termos em substância ferozmente que, além daquela de uma, levava a outras duas, ainda desconhecidas dos mortais: "Liberdade, Igualdade e Fraternidade". A revolução revolucionária permitiu deturpar essas mesmas ideias. Os novos livros de *Além do Horizonte*, *Declarar*, *Relatório*, *d'Além do Horizonte*, *Constituinte* tornaram a revolução dos mortais, passando a era nova. E, quando a Família desmoronava sobre a Magonaria a sua única fonte de inspiração é a humanidade a Carta que com esta revolução, elaborou.

"Foi o novo título de La Fayette nome primeiro assinado a "Declaração de uma declaração dos direitos naturais do homem e do cidadão vividos em sociedade", que levou a primeiro capítulo da Constituição.

"A 23 de julho de 1792, a Constituinte que estava, entre suas reuniões, não de interesses comuns, sempre definitivamente e mais sábios por sempre, em caso das consequências coladas nos leis, a favor de liberalização do Direito de Homem. Masela não decidiu com a Constituição a Magonaria francesa eternamente a constituição universal e não apenas, depois de contribuir com o resultado das leituras elaboradas.

que das suas folhas para as imperfeições e as incertezas dos constituintes".

Esta afirmação é devida e explícita, que torna supérfluo qualquer comentário.

Entre os documentos que atestam a ação revolucionária da Magonaria, os mais completos são os dois *Manuscritos*.

Temos em que o manuscrito a petição da Grande Assembleia aprovada, em 1790, o artigo de uma do Manuscrito, a 11 de outubro de 1790. O chefe Westhope, comprou logo da preparação operada realizada e desenvolvimento de um movimento plano de revolução mundial. (Todos os documentos foram reunidos sob o título de *Escalada* segundo de ordem, e de uma das *Manuscritos* e publicados por A. Fonseca, impresso de Carta, em 1790, 179, 17).

A ideia de associação era o seu chefe, Westhope. Na sua *História de Escalada*, Leon de Fonseca, revolucionário bastante para que não seja possível duvidar das suas palavras, lêmos de característico a ação:

"Consegue simplesmente pela criação de um novo, além disso da associação, voluntária a mesma revolução e mesmo uma mesma ideia militar de base, em vários países do mundo e principalmente na Alemanha e na França, especialmente entre homens em seus interesses comuns, por meio de uma educação lenta e gradual, sobre os elementos de um sistema e à custa a criação de um novo e ignorante, muitas vezes com o plano de semelhante leições sobre as associações, criando os sistemas, desde, não que o processo, no governo e levar a Europa inteira ao ponto de alcançar toda a superioridade (não se religião) de destruir toda a sociedade, de destruir todos os sistemas de propriedade de natureza e de criar o próprio sistema de propriedade tal em o plano gigantesco de *Manuscrito*.

Para passar da preparação à realização, operou-se um trabalho de organização e de concentração mundial. Para esse fim, instalou-se em Wilmshurst, perto de Finsbury, em 1794,

(\*) Os dois livros documentais foram publicados, na França, pelo Ateneu de Paris, em um livro *Escalada* para a história de Escalada, em 1794.

um congresso maçônico europeu no qual os Maçons de tiveram um papel preponderante e era que foi feita em discussão a marcha da obra e, segundo alguns assuntos, a morte de Luis XVI e de Gustavo III rei da Suécia.

Temos sobre este ponto os testemunhos particulares de Mierbrau, do nome de Haugwitz, do nome de Vireux, do Rev. Padre Abel, etc.

No Congresso de Viena, em 1822, o delegado da Prússia, conde Haugwitz, foi um relator em que confessava ter sido maçon e entregara as suas maçãs em diversos países. (2)

Éa um trecho do seu relatório:

“Foi em 1777 que me lancei de direção das Lojas da Prússia, da Polónia e da Rússia.

“Perguntando-me, adqui, a firme conexão de que todo quanto aconteceu na França desde 1788, se seja a Revolução francesa, incluído e assumido do Rei com todos seus herreiros, não se fora resolvido naquela época, uma lista preparada com reuniões, manifestos, juramentos e milícias que são perdidos a estranha duração, sobre da intelligência que tudo preparou e dirigio’.

O conde de Vireux fora delegado em Willehelmsbad, como representante da Loja maçônica dos Cavallheiros hereditarios de Lütz. Depois do seu regresso a Paris, interrogado pelo que sabia, declarou:

“Mas vos darei os segredos de que sou portador, mas julgo poder vos afirmar que se era formado uma conspiração tão larga e tão profunda, que abrangia a religião e o governo de todo o mundo”.

O Rev P Abel, filho do ministro de Bernara, narra curiosamente em Viena, por occaso da Quaresma de 1808, proferiu estas palavras:

(2) O conde de Haugwitz foi relator, pela primeira vez, em Berlin, em ago de 1840, na obra intitulada *Bernara's Souberänität und Verträge mit Charakteristik der Welt und Lebens*, (vol. IV, págs. 182-183)

“Em 1788, houve, em Franciça, um colóquio extraordinario do Grande Loja Eritima. Um dos membros propoz a votação da sentença de morte de Luis XVI rei da França e de Gustavo III rei da Suécia. Essa sessão era esta así’.

Um jornal judeu, *A Neue Israelische Leser*, terminou o autor por ser muito descontentado a sua sessão. Na conferência seguinte, o P. Abel declarou:

“Antes de morrer, meu pai determinou, como última vontade, que me applicasse um reparar o mal que fiz e os meus parentes tinham praticado. He sido obrigado de executar essa prescrição do testamento de meu pai, datado de 23 de julho de 1870, não direi as palavras que pronunciou”.

Tendo elaborado o seu plano de acção, a Maçonaria pôz-se a agir activamente, dirigida de um modo horrivel as eleições de 1789.

Nessa altura publicando a 1.<sup>a</sup> e a 86 de novembro de 1806, no *Journal d'Avril française*, os Drs. Cochon e Charpentier dirigiram a conclusão, desenvolvida por todos os seus pontos, de que no estado de desorganização que haviam chegado tinha as antigas autoridades insubordinadas, promovem, ordens e interrupções, era fácil que um partido organizado se apozasse da situação, para a dirigir.

Capta Albasard, ao seu obra *Le Jour après le jour* a França, assim, narra terrivel o estado de Confusão e Confusão:

“Esses dois escritores compararam os documentos dos arquivos monarchicos e nacionaes de 1788 e 1789, nos quais encontraram milhares vestigos da acção maçonica. Para obter confirmação, fizeram que se agitassem de maneira especial as eleições electoraes de 1789 no processo de Beignobas, e aqui encontrou o resultado desse estado. Verificaram que as propostas foram o resultado de um comitê de Beignobas, não tinham sido propostas e foram feitas para a acção maçonica. Verificaram que as propostas foram o resultado de um comitê de Beignobas, não tinham sido propostas e foram feitas para a acção maçonica. Verificaram que as propostas foram o resultado de um comitê de Beignobas, não tinham sido propostas e foram feitas para a acção maçonica. Verificaram que as propostas foram o resultado de um comitê de Beignobas, não tinham sido propostas e foram feitas para a acção maçonica.



delas na cooperação; estas notícias e subterfugos, para chegar ao seu fim, e quando não os alcançava, chegava ao ponto de falsificar os votos aditados.

"Mas é tudo, evidentemente mais que, um documento provalente desse grupo em ação na Borgonha, era empregada uma pena que ligava misteriosamente ao trabalho: a gíria revolução. E, finalmente, para completarem a sua demonstração, os autores dos artigos, considerando as suas pesquisas, encontraram pessoas análogas espalhadas em outras localidades, as mesmas ideologias marcadas, formadas de elementos semelhantes, agindo em toda parte de mesma modo, obedecendo, portanto, a mesma ordem, empregando esse mesmo gíria tão especial e tão fácil de reconhecer e provar-se, por conseguinte, que essa ordem emanava de Maçonaria. De modo que — concluem Cochin e Charpentier — de 1787 a 1793, nenhum movimento — exceto o da Vendéia — foi propriamente popular, mas todos foram sociais, organizados, determinados em todos os seus detalhes pelos chefes de uma organização secreta, agindo, em toda parte, ao mesmo tempo e com os mesmos métodos e fazendo executar, em todos os lugares, a mesma ordem".

Out, a sua ordem, além natural, do maçon G. Martin levava sobre o papel preparatório da Revolução desorganizado pela Maçonaria uma serie clara e exposta de documentos. (1) Este autor conta de tal fe todos os adversários da Maçonaria. Isto torna qualquer discussão. "A Maçonaria não é subversiva, afirma ele; respeita a lei, a religião e a família. Todavia, corrêta a reconhecer que esse respeito não é passivo. As leis são respeitadas, mas não são invioláveis". (Pág. 43). Como exposto, esclarecidos que se orgulham de ser, os maçoas reservam-se o direito de atacar os leis e estabelecimentos propagação princípios que têm por objeto a sua destruição.

Tudo isso não passa de um jogo de palavras; restam os fatos, sobre os quais todos os opiniões concordam.

A Maçonaria profana e distande tem como sistema de idéias políticas e religiosas que consistem em uma revolução diferente e radicalmente oposta à antiga. Para a Maçonaria, ela é, por

(1) G. Martin — A Maçonaria francesa e os preparativos da Revolução. Paris — Imprensa Universitária de França, 1912.

definição, superior; próximo a Maçonaria e uma força construtora.

Não a julgamos, pelo teor, perigosa e maliciosa e assim, para estabelecer essa ideia distorção, é indispensável descrever passagens a outros, temos o direito de afirmar que a Maçonaria é uma força destrutora.

G. Martin enceta a ação da Maçonaria francesa no período preparatório da Revolução.

Este período compreende três fases:

- 1.º) A elaboração da doutrina revolucionária.
- 2.º) A propagação da doutrina.
- 3.º) O papel ativo da Maçonaria.

#### 1.º) A ELABORAÇÃO DA DOUTRINA REVOLUCIONÁRIA.

Conhecemos atualmente a maioria livros da Maçonaria entre os Enciclopedistas. Torna de importante os filósofos os livros ideológicos da doutrina?

O maçon Assolant (citado por G. Martin) opõe pela primeira hipótese, G. Martin, pela segunda. Esta posição não é, portanto, inconseqüentemente esclarecida.

Os filósofos elaboraram suas doutrinas abstratas. De 1773 a 1786, a Maçonaria construiu e a revolução possuída a sua aplicação na prática, trabalho que G. Martin resume nestes termos.

"Assim se desenvolve lentamente a doutrina que será a dos Estados Gerais. Os maçoas de Saint Ursus tem razão de dizer que ela se encontra todos os filósofos; os de Rennes também não se enganam, afirmando que, em toda parte, a Maçonaria se uniu para de a tornar o instrumento de emancipação política e social em que essa doutrina se está transferindo". (pág. 50).

Duas condições eram necessárias, para que essas principais idéias se aplicassem, na prática.

- 1.º) A existência de forças passivas de natureza de cunho.
- 2.º) Uma força capaz de suprir os obstáculos que, naturalmente, se opõem a essas idéias sob o aspecto de uma força de massa.

"A Maçonaria agitou libérrime, para desenvolver esta nova doutrina.

"Para promover a união de todos os maçons, organizou a sua propaganda; para conseguir a força, usaramos ao mesmo de parte pelas eleições, marcando-se ao mesmo tempo por destruir as hostilidades existentes". (pag. 581)

A propaganda ficou, e principia, nos termos maçónicos, nos os seguintes aspectos:

"Os princípios fundamentais da Maçonaria tornaram-se parte integrante da mentalidade de todos os maçons, não só como uma espécie liberalista adquirida, mas como uma maneira de sentir e, muitas vezes, até como uma maneira de ser". (pag. 130)

A fundação do Grande Oriente, em 1793, e a reorganização da Loja dos Nove Unidos (a qual pertenceu Voltaire) assentou a base de uma nova orientação: a propaganda fora das lojas.

"Podemos dividir em três categorias os meios de propaganda utilizados pelos maçons, para difundir, no mundo profano, as doutrinas reformadoras que lhe queriam inculcar. A primeira, é a propaganda oral e o espírito dialéctico e o clube". (pag. 130).

O âmbito de acção maçónica, no domínio das ideias predominantemente ditas, evoluiu-se assim:

1.º) A Maçonaria foi o mais útil instrumento de propaganda da difusão das ideias filosóficas.

2.º) Se não criou as ideias reformadoras, criou-lhe todo o, a maneira de as divulgar.

3.º) Noutra transformação da sociedade por meio das ideias, a Maçonaria não se contentou com a adopção dos princípios aos indivíduos. Passou rigorosamente a promover os meios políticos de realizar os seus ideais. Sob este aspecto, foi a verdadeira criadora, não só dos princípios, mas da própria revolução social.

4.º) Estes meios criados simultaneamente, foram a grande propaganda do moderníssimo evangelho.

## Logo

"A Maçonaria agitaria, como é seu dever, a ideia desta revolução constituinte; aliás, aliás, não se prepara as doutrinas, mas prepara os meios e, talvez inadvertidamente, sustentou certas opiniões, derivados do antigo regime: tais opiniões, succedendo rapidamente as suas previas, assistem ao de uma de agitação e actividade de 1789". (pag. 145)

## 1.º) A PROPAGANDA DA DOCTRINA

A Maçonaria dirigiu as eleições de março-abril de 1789.

"Em muitas partes, foram abraçadas e discutidas após considerar os detalhes".

A Maçonaria teve uma influência poderosa na religião dos eslavos de 1789:

"A identidade das religiões eslavas com as antigas no seu critério, sugerindo a ideia de preparar os bases eslavos não houve, pelo seu espírito que trouxe a ideia, de liberdade em liberdade".

Desta maneira realizou muito de presso a crítica de base, não sendo espartilhos, por toda parte, instruções e modelos para de eslavos.

"Não pode deixar de ser impressionante a base de acção feita entre instruções de origem maçónica".

O resultado foi que o conteúdo dos documentos eslavos para os Estados Gerais eram maçons, e G. Marten relata a sua influência neste trecho:

"Formaram-se, no terceiro estado, um grupo que a Maçonaria dirigiu por meio de regras de que abastar nos espartilhos, das regras brás e vantagens da mesma, de uma percepção nada das suas plenas, de âmbito dos debates parlamentares e, os princípios, uma expressão quase perfeita.

"Representava, de primeiro, a mentalidade da assembleia a

grande maioria da ordem. Mas estava destinado à impotência, se não fosse em vigor o artigo anterior do voto por ordem.

"O grupo estava, por conseguinte, sob os depósitos das outras ordens, representados pelo seu acaute e pela sua vontade, e, graças aos discursos magníficos proferidos entre eles, conseguia equitativa, entre os dois de mais e visto a falta de justiça. Assegurava assim a capitulação da sua e a vitória da reforma. Em tais condições, é difícil encontrar os serviços prestados pela Maçonaria à Revolução nascente".

Os dados eram, efectivamente, sólidos e uma rigorosa vigilância graças à sua organização demorou-se a substituir de correspondência, cujos detalhes são descritos por G. Martin:

"Os maçons não tinham, com efeito, de desgrar a opinião parlamentar, e o sistema de correspondência e o ponto era que se opera a justiça entre as lojas, o público e os elctos".

#### Além disso:

"Nas mesas imperantes é o auxílio financeiro da Maçonaria à obra reformadora. A realização de semelhante obra de transformação devia necessariamente custar muito caro. A Maçonaria não poupou o seu dinheiro, como o seu tempo e a sua actividade intelectual".

A Maçonaria dispunha, efectivamente, de grandes capitais.

"As duas formas principais de sua utilização pareceram ter sido a imprensa e a definição dos escritos que serviram de modelo aos aderentes, e o equipamento de grupos de maçons que auxiliavam, ao mesmo tempo, a vitória das ideias novas e a manutenção da ordem, ameaçada por uma espécie de anarquia rural, em princípios de 1789".

A Maçonaria distribuiu também numerosas enciclicas, uma parte das quais tinha um fim exclusivamente político — ditas as bojas derramadas.

"O certo é que, no caso de desordem, a parte da povo que apontava, com o flagelo, as reivindicações políticas da guerra reformadora tinha o cuidado de ser auxiliada por completo pela loja maçoica". (pag. 156).

#### Logo:

"Subveccionando jornais, imprimindo cartazes, ajudando as vítimas da guerra civil, empregando as escholares, a Maçonaria cooperou, secretamente disfarçada, para a batalha decisiva que travou-se pela convocação das Estados Gerais" (pag. 164).

"Entretanto, chegaram os, em Versalhas, a assembleia dos Estados Gerais, em que a Maçonaria devia acompanhar um papel preponderante".

Ela conseguiu dominar a assembleia, graças à acção organizada dos deputados maçoicos.

"A partir dos dias de maio o projecto de assembleia reunida dos representantes tornou-se uma realidade. Mas era sabido que não se conseguiria secretamente, sendo preciso a um ataque, para que os outros deputados não fossem induzidos a formar um grupo que a hostilizasse. Bastava que os elctos fossem maçoicos, com o espirito de classe fosse maçoico, para subjugarem os principis e estabelecer a concentração necessária" (pag. 168).

#### 1.º O PAPEL REVOLUCIONARIO ATIVO DA MAÇONARIA:

É um assunto escurioso e G. Martin, que não se ignora, trata-o de modo muito mais vivo.

Mostrando a Maçonaria iniciando elctos populares que já não podiam escapar deliberação e encarapelo, ao mesmo tempo, alguns maçoicos de arietas à parte:

"Sem qualificação de maçoico é ignorada dos que os interesses seus são a habilidade de fazer com os maçoicos que se sabe a importância das relações herdadas, dirigidas, mas não se impõem".

A Maçonaria não se limita às arietas, organiza a militância, tanto para manter a ordem, como para combater as suas pretensões.

Por outro lado e graças ao auxílio muitas entre maçoicos, outros membros da associação se interessam no governo real, no qual conseguem limitar a produção das bilhas de reformos, finalizada a Maçonaria mostra os detalhes:

"Muito mais árdua seria, talvez, na prática, a vitória das doutrinas maçoicas, se a associação não tivesse, nos Estados

anos do século, com a ajuda de grande parte do estéril. Os beneficiários que poderiam ter sido não passaram ter-lhe por-lhe claramente a causa, que foi a extrarredenção dos bens das terras que antes tinham.

Deves, em parte, a queda do antigo regime à circunstância de haverem havido e com aqueles subsídios toda terra livre, para o governo. Mas um ponto em que as circunstâncias da propaganda maçônica favoreceram extraordinariamente os progressos dos seus princípios influíram. Deba ocorrer primeiro à revolução maçônica a Maçonaria admitir os seus elementos essenciais de vários dos seus ritos, é muito antigo não, mas não, a "grande obra" ficou extremamente comprometida" (pág. 274).

Também se à revolução politicamente dita, G. Mestre assim conclui a sua obra:

"Não se deve pois, desviar a atenção da Maçonaria na Revolução. Foi ela, e a única parte das ideias maçônicas — poucas ideias, e estas de respeito de honra — que têm sobrevivido para fundamentar a Maçonaria teve muito de importante a não se desvincular que desde então a história tem parte. Mas, ao lado dessas ideias históricas, deve-se a falta de ser a Maçonaria a uma declaração ao respeito de todos os momentos presentes da guerra que em conjunto, formam a sociedade maçônica. Foi ela a necessária que convenceu que pelo estado, condições de existência que, sem a sua presença, se desintegrariam logo, ou abstrairam, por falta de movimento e pela incapacidade dos antigos espartanos e atenienses" (pág. 284).

A MAÇONARIA E O TERROR

Os ataques, sobretudo de grande Revolução, conseguiram sempre, no espírito público, as mais terríveis consequências do terror da Terra. Explorou, portanto, as consequências de 1793 como feitas repetidamente desde historicamente a um estado de entusiasmo em oposição dos interesses principais (particularmente do da liberdade?)

Concluiu, a Maçonaria, associação filantrópica e humanitária, teve a sua parte de responsabilidade na organização do Terror.

Podemos dizer hoje sobre os documentos formados a de Bertrand de Molléville, ministro de Luís XVI, a do nação Maçonaria e também o de Dupont, o mais antigo e importante de todos, a saber do plano revolucionário da Terra e suas outras formas preparadas, principalmente pela Comissão de propaganda da Loja dos "Amigos Reunidos"

Eis o que escreve Molléville.

"O trabalho é, antes de mais nada, a esperança de alcançar as mais elevadas virtudes. Assim, a obra se verifica, no âmbito do Santo Antão, com a facilidade, o Dupont d'Orléans consegue que fosse repellido a manifestar desde logo a Revolução que, em nome da liberdade, seria a substituição de uma família. Molléville escreve evidentemente que, com um milhão de baços, é possível criar um bom modelo.

Tentamos de obter a facilidade de receber da parte que ignora os seus princípios e pelo que está disposto a praticar o seu conceito"

"E' claro que, por esse lado, por esse caminho, nos seus princípios, nos seus princípios, a obra para obter os seus efeitos deve obter muito pouco. Mas, desde então a sociedade se a desmancha e se desmancha. Mas a sua desmancha está feita e desmancha. Não, porém, a obra é que quer? Finalmente deve a obra a que deve trazer. E o trabalho, se conseguirmos, como Cópula se inspira. "E' a nossa história"

"A obra é um grande trabalho, com o de ser feita a que, com o auxílio de bons ritos, os melhores podem dirigir a sua obra. Assim, é com um bom o que se quer, é com o trabalho. Mas o trabalho sempre, com o trabalho, com os costumes, sempre dos seus princípios, particularmente os costumes, com o trabalho. Tudo isto com o que se quer, a sua obra com o trabalho, e, para sempre o seu plano, é indispensável fazer o trabalho.

"Para nos libertarmos da liberdade, devemos, se for necessário, com o trabalho que não tem nada a ver com a liberdade e sempre, pelo contrário, ter todo o trabalho.

"Para nos libertarmos, devemos com o trabalho a sua parte.

com a carreta, a terra, o dinheiro, os bens de almas e de terra e o direito de tudo e de côlera com que se representavam os espíritos.

"A harpista só produz sonoras alegrias; todos lhe dão isto, cooperando com todos Desoladores a um estado que, nas tabernas e nas praças públicas, nos jardins e nos céus, acendiam estrofas, heráldicos, stóicos sagrados e heráldicos de sangue e corações para unir o cofre de Paris

"Ainda o requer o progresso social. Que se obtém da pena, associando-o com os princípios de honrada e de justiça? Os homens de bem são fracos e tímidos; só os velhacos são resistentes. A revolução do povo, sua revolução, é tão heróica. Quem pode resistir a honra, para guerra todos os males são lidos? Nem um só dos antigos vícios nos serviu. O povo não precisa d'isto ou, no requer de outra liberdade. Tudo o que é necessário para a Revolução, tudo o que lhe é útil, é justo: ou a grande honra".

Nota. — 1.<sup>o</sup> Desde o princípio da Revolução, para se proteger a Magistria contra o fechamento de livros as Leis. Mas esta separação agreste, sempre possível de prevenção, não se prejudicava a situação, pois as leis secretas continuavam a existir, como se passando, e no outro eram substituídas pelas stóicas. Esta circunstância foi confirmada por um caso de ordem Stóicas, publicado, em 1890, no Boletim Magistria de Loja Stóica Escocesa.

Não esqueceremos ainda, que o papel de Magistria propriamente dito é mais ativo e estado de espírito revolucionário de que combater abertamente à taxa de um movimento.

A Magistria criou dois estados de espírito e lançou os seus homens ao campo. Estes, heróicos de princípios religiosos aplicados-se à Revolução, sem que fossem necessariamente dirigidos pelo stóico.

2.<sup>o</sup> Notamos, de passagem, que Adriano Dupont concebia que a Constituição adotava a esterilização dos Judens; isto de obter desta realidade. Tinha algumas tentativas e só no véper de encerramento de Assembleia a lei foi votada, depois que Régis de Saint-Jean d'Angely disse:

Requero que sejam chamados à ordem todos os que têm

sem outra mais proposta, pois estaria combatendo a própria constituição".

O que significa: combater os Judens é combater a revolução. (1)

Vejamos agora qual foi o papel de Magistria na França, de 1790 aos nossos dias.

#### A AÇÃO MAGISTRIA NA POLÍTICA FRANCESA, DE 1790 ATE 1870000 DIAS

Esta ação foi decida, naturalmente por diversos fatores, como Deschamps, Delmas, Capin Alkanoull e é de uma obra que entrámos neste breve resumo.

Por ter agido com demanda rápida, a Magistria via naturalmente os seus fins. Os excessos do Terror produziram uma violenta reação no país. À falta de outro, a Magistria recorre a sua situação filosófica e observações de ordem social.

Após, portanto, Napoleão que, aliás, a estava expulsando o espírito revolucionário pela Europa, a Magistria, com razão:

"Consegue a Revolução, sempre a mesma".

E também:

"Esses exploradores a liberdade, por toda parte onde se apresenta o meu antigo stóico".

Nesta palavra, Napoleão foi, para a Europa, a que a Revolução teria sido para a França.

"Enquanto Bonaparte, general, foi o servidor da Revolução, a Magistria francesa colocou-se unicamente como a política

(1) Lemb-se a história (relatada de investigação dos Judens no livro de Adriano Lemaire (Judeu convertido) a entrada foi feita por os seguintes.

ceder que, repellido o estrangeiro, colloc-o na impossibilidade de pretender o desenvolvimento da República". (1)

Mas as associações secretas começaram espontaneamente a formá-las, logo que se manifestou a velocidade do restabelecimento, em seu governo, uma catástrofe hereditária, natural e convencional. A primeira excomunição maçônica contra Napoleão data de 1809.

Cada o imperio, o poder oculto não cessava opôr-se ao desejo da nação unida e teve de suportar a restauração dos Bourbons. O que pretendia a Associação era salvar, a qualquer preço a Revolução, mantendo a sua república e conservando tudo o que podia das suas conquistas. Os dois pontos essenciais para elle eram a separação da Igreja e do Estado e a supressão da monarchia absoluta. O regime constitucional foi, pois, instituido na França e, com elle, a Maçonaria organizava a doutrina.

"Leão XVIII, de Bona, secretario do Grande Oriente da França, concede a Carta e a governo constitucional; elle sempre protege-o".

Tendo perdido a guerra sem recurso, o poder oculto recorre a um outro expediente inevitavelmente numa campanha esvaziada contra a Restauração que se substituiu e tornou a povo dramaticamente feble. Citando a este respeito as palavras de Stenhal (Honoré Beyle) cuja opinião são uma garantia de absoluta parcialidade a favor dos Bourbons:

"Serão talvez necessarios adidos, para que a maior parte dos povos da Europa alcance o grau de prosperidade que a França desfruta, sob o reinado de Carlos X".

A sãta também esteve feita na revolução de 1830.

"Não se possa, em um importante momento, o sr. Dupin Sénior, da Loja dos Trabalhadores, que tinha been sido feito em

(1) Albertus Ludovicus — *Historia et Juris, des Sociétés —* Libreria Neapolitana Classica. Paris, 1801. Pág. 18.

uma dia. Se a revolução foi tão rápida e tão nobilissima e se a revolução em poucos dias, é que se tinha planejada e possivelmente arbitrária, imediatamente, por uma terra e completa ordem de modo a que actives de desmancha".

Não se atengam além a promulgação maçônica da revolução de 1793. Robert Desbarreaux, Delmas, Capes Albano e outros organizaram-se vários capitulos em quasi todo o que acontecia.

Napoleão época, a restauração dos Juchas. Inscrita com a Revolução de 1793, desenvolve-se na Austria, na Alemanha, na Gécia, na Suécia, na Dinamarca. Em diversos pontos da Europa existiam repúblicas cujo característico era a impopularidade, sem o apoio internacional das Lojas. Na França a 6 de março de 1848, o governo provisório de cinco membros nomeou uma comissão, recebeu uma delegação oficial das Lojas que apresentava, abertamente, numerosos artigos maçônicos.

"Eles substituem a triada dos seus princípios e fabricam-se de poder afirmar que a guerra civilisada resolveu, nos pontos de seu governo, a constituição maçônica. Quando em tal momento, distribuídos em seus de quantos lojas, constituída em um conselho e em um espirito, promette o seu concurso, para completar a obra começada" (O Monitor, 7 de março de 1848).

A pesar-da pressão desse governo essencialmente maçônico, a Assembleia nacional, eleito, foi um congresso paritário, reunido obedecer às normas maçônicas previamente pelo poder oculto. Logo, uma bofetada, voltou-se então para um homem que lhe pertencia, ligada pelas suas juramentações de carbonário e associou-se ao reinado de Napoleão III. Desde o primeiro dia o imperador prova que era profundamente o honra da Revolução e se julgava honrado de a missão de a analisar na França e introduzi-la em toda a parte da Europa".

"Napoleão III foi um exemplo perfeito, como houve pouco na história, até então se proprios incomparáveis e gloriosos. Seus propositos rapidamente foram expostos no ato anterior à sua constituição, enquanto apenas parecia completamente

dões e um só eleito no terra, para dar-lhe as monarquias, inclusive a sua . . .

"Essa império assumiu-se extraordinariamente a uma república laica e, a despeza do seu lauto aparato, foi o resultado da democracia e da liberdade de pensamento". (1)

A Maçonaria viveu-o, enquanto julgou poder contar com a obediência, depois das aulas foi retirando-se, e meditou que Napoleão procurava apaiar-se na França, para recuperar a sua independência.

Em 1861, deu-se o cílio definitivo, não a sede do Senado recluso à manutenção do poder temporal do Papa. Os desastres de 1870 precipitaram os acontecimentos: a Maçonaria foi impetiva a uma sede mais rápida do que teria desejado. Repletos a expectativa de 1871, que, com a vitória de Comuna, retiraram os olhos do governo. A 26 de abril de 1871, do cento e cinco lojas mais de dez mil maçons, chefiados pelos seus dignitários, marcando as suas insignias, percorreram em cortejo as lazararias onde hauriam recebido a cura das suas feridas. Solidária, no Paço Mariscal, o poder revolveu sobre, a maçon Thellierque desera as amotinadas:

"A Comuna é a única das revoluções que o mundo pôde contemplar".

Demanda a Comuna não poderia impedir a eleição de uma assembleia com uma maioria monárquica, as associações secretas combateram-se, em toda a Europa (sob forma de um apelo à Maçonaria reunida) para se oporem ao advento do cortejo de Chamberi, representante do poder laico pela legitimidade, pela honra e pela autoridade. Depois de ter tido o nome presente dos diferentes governos que se sucederam, desde 1789, e baseado oficialmente sobre experiências, a Maçonaria chegou finalmente à forma de governo que mais lhe convém: isto é a República, regida sob o qual se lhe torna fácil influenciar o poder.

"Quando o sistema da República permitia que a Maço-

nia manifestasse a sua ação e receposse ao Estado um lugar tão importante, que os seus adversários poderiam dizer que a França não estava sob a república mas sob a Maçonaria, o Grande Oriente experimentou a sensação delicada e inquietadora da liberdade. Quis, então, exortar não só para os seus membros, mas para o mundo profano. A associação deixou de ser secreta, sendo os seus apurados, pelo menos os seus अधिकारी. E a aprovação do Grande Arquitecto foi, não que da o politicamente clarissimo, mas das provas suas expressões de sua nova orientação". (2)

A terceira República não lhe mais do que apaiar as leis elaboradas e ditadas pela Maçonaria, deturpada, pouco a pouco, tudo o que restava em sentido de conservação social. Instruída pelas experiências de 1789, 1848 e 1871, a Associação evitou tentativas, mas com segurança. Abandonou a consagração total agora de discutir a outra base da civilização, o catolicismo. Há momentos e até anos que toda política se concentra sobre esse ponto.

Citamos as palavras de um dos que altamente celebravam, para a vitória das idéias dos revolucionários: não porque era sincero, mas porque em seu dia os reconheceu o seu erro! Gas-tão Heine, que teve a coragem de escrever:

"Nos primeiros tempos da terceira República e nos meios dos partidos republicanos e radical, o sistema laico foi, durante os vinte e cinco anos que precederam a guerra, uma coisa, a serviço de uma coisa, a coisa única e exclusiva de tornar um dogma a quem uma nova religião, para dissipar as crenças religiosas de nossos dias". (3)

"O mal processa de um erro fundamental que previu a nossa grande Revolução. Na dia em que os grandes filósofos do século XVIII, após muitos preparativos e apertado conselho da sociedade, proclamaram que a razão humana — por si mesma era suficiente, para dar origem a todas as coisas, e a todas as leis que a, na verdade parte dos homens, a mesma parte muito he-

(1) E. Huguier — A grande conjuração mundial — 2.ª edição. Oerrman. Paris, 1921.

(2) Alberte Lantier — Viresa conjura de mactas. — Vol. 81, pág. 118. E. Doiner. Paris, 1911.

(3) G. Heine — Acontece de após a guerra — pág. 11. Livreria de Tâcher, Paris, 1896.

ma — em a única estrada que, a partir daquela época, devia levar ao paraíso, para o progresso material e moral, tanto da França como da civilização nos seus domínios.

“Mas a essa grande Romagem, havia, então, uma outra estrada para, que Igreja pedrosa e interdita que, mediante sim-bolos, reverências e letras apropriadas à escuridão e à solidão das realidades, fazia passar no templo da obra popular certas ideias instituídas de respeito, de disciplina, de moralidade, de dever, de respeito de si próprio. A religião era o poderoso agente de união, de moral, de propiedade, de patria e de hospitalidade.

“O espirito explorava devotamente pelas filandras do século XVIII, aliado aos raios do povo desceus, sem dúvida, as classes da antiga regime, mas, por outro, ao mesmo tempo, a ideia do trabalho moral da sociedade, os trabalhos — sempre mais e mais — em si mesmos — estavam e se-la vincular, até ao descomunalmente real. Foi-se aqui um templo e um quarto, que se principiou a abrir o mecanismo da doutrina, a medida que, pelo corola, pelo portal e nos colunas, pelo trançado popular e pelo crenças, o espírito desceia para das filandras materialistas do século XVIII, foi penetrando nas questões profundas da vida.

“Não há instituição que mais útil e venerável que seja, que não esteja o tempo a passar, se se reconhecerem do ponto de vista da sua missão — moral, religiosa, propiedade física e até a própria moralidade — de cada uma e a passagem do critério. Tudo isto nada são os trabalhos para esse para o bem e o mal, se não se tomar cuidado, a tempo de estabelecer que se segue a guerra espiritual e, para a civilização da terra, uma nova submissão.

“A família francesa não foi criada e é feita que a França seja porca.” (1)

Começo as palavras pronunciadas, na tribuna, pelo sr. Viviani, a 15 de janeiro de 1904.

<sup>1</sup> Estava destinado de preservar de toda maneira o pa-

trabalho da Revolução... Apresentamo-nos aqui tratando nos artigos, além das tradições republicanas, mais tradições francesas, marcadas por séculos de combates em que, pouco a pouco, se explorou logo se libertou do passado da sociedade religiosa. Nas mesmas condições em face das congregações, mas da própria Igreja católica.

“Agora, deve estudar de um dia, não para, mas para uma vida, esse espírito fundamental em que o poder espiritual e o poder temporal disputam as prerrogativas soberanas, procurando, com a conquista das consciências, manter, não no lim, a direção da humanidade?”

“Mas, comparado com as batalhas do passado e do futuro, não passas de mais esse tempo? O certo é que se encontram aqui na bela frase do Sr. de Maistre, em 1828, a sociedade baseada na vontade do homem e a sociedade baseada na vontade de Deus.

“E’ preciso saber se, além disso, uma lei única as Associações está suficiente. As congregações e a Igreja não são um tempo alguma coisa com a sua atividade, mas também com a propagação da fé... Não temos as laçadas que nos temos ignorância e medo. E, se nos encontramos em face dessa religião divina que aponta o solenemente, pronunciado repetição futura, estabelecer a religião de humanidade que também aponta a deus, referendo-lhe, como representação, a liberdade das nações”.

Muito antes se tentou a construção das leis doutrinas estudadas pelo terceiro República, basta que cada um se medir a consciência.

Encarregado pela a cidade de França, chegou-se naturalmente a esse conceito a *Maçonaria*, neste sentido, que, finalmente, é, desta vez, uma verdade um modo de pensar que, sob certos aspectos, é análogo ao da *Ressurreição*, mas sob outros não o é.

Como concepção da realidade:

A resposta é feita sempre desde 1871, quando da intervenção e dos movimentos que se estabeleceram representando a França. A resposta republicana francesa não é a de um republicano espartaco. A doutrina da Igreja e da sociedade socialista francesa.

Para alcançar o seu fim, que sempre tendem, a Ma-

(1) S. Maistre — *Argumento de após a guerra* — Prefácio. LPO de Viala, Paris, 1891.



nessa — era a única estrêla que, a partir daquela época, devia guiar os povos, para o progresso material e moral, nesse dia do mundo foi abalado nos seus alicerces...

"Até à nossa grande Revolução, havia, entre nós como em toda parte, uma Igreja poderosa e venerada que, mediante símbolos, cerimônias e lições apropriadas a instrução e à sensibilidade das multidões, fazia penetrar no ânimo da alma popular certas ideias tradicionais de respeito, de disciplina, de moralidade, de dever, de espírito de sacrificio. A religião era a poderosa unidade da família, da moral, da propriedade, da pátria e do Estado.

"O terrível exposto descoberto pelos filósofos do século XVIII, camou nas mãos do povo destruiu, sem dúvida, os alicerces do antigo regime, mas provocou, no mesmo tempo, a ruína do alicerce moral da sociedade, em vez de — porque essa ruína não foi total — abalou-o no âmbito da alma popular e pelo futuro, o espírito dissolvente dos filósofos racionalistas do século XVIII foi penetrando nas camadas profundas da nação.

"Não há instituição, por mais útil e venerável que seja, que não ofereça o limbo a crítica, se a examinarmos do ponto de vista da sua razão — estado, utilidade, propriedade, pátria e até a própria moral mais elementar; tudo isto é passível de crítica. Tudo isto ainda não foi criticado, mas esta para o ser e o ser, se não se tomar cuidado; a tempestade bolchevista que se seguiu à guerra mundial é, para a civilização inteira, uma séria advertência.

"A família francesa não lhe resistiu e é disto que a França perece". (1)

Citemos as palavras pronunciadas, no trilema, pelo sr. Visiú, a 15 de janeiro de 1901:

"Estamos incumbidos de preservar de todo ataque o pa-

(1) G. Hervé — *Asas da opõe e guerra* — Prefácio. L'Édition, Paris, 1936.

trimónio da Revolução... Apresentamo-nos aqui, trazendo nas mãos, além das tradições republicanas, essas tradições francesas, atestadas por séculos de combate em que, pouco a pouco, o espírito leigo se libertou da pressão da sociedade religiosa... Não estamos somente em face das congregações, mas da própria Igreja católica.

"Acima deste combate de um dia, não paira, mais uma vez, esse conflito formidável em que o poder espiritual e o poder temporal disputam as prerrogativas soberanas, procurando, com a conquista das consciências, manter, até ao fim, a direção da humanidade?

"Mas, comparado com as batalhas do passado e do futuro, não passa de uma escaramuça! O certo é que se encontram aqui na bela frase do Sr. de Mon, em 1878, a sociedade baseada na vontade do homem e a sociedade baseada na vontade de Deus.

"É preciso saber se, nesta luta, uma lei sobre as Associações será suficiente. As congregações e a Igreja não vos ameaçam somente com a sua atividade, mas também com a propagação da fé... Não temais as batalhas que vos torem oferecidas; marchai. E, se vos encontrardes em face desta religião divina que postea o sofrimento, prometendo recompensas futuras, oponde-lhe a religião da humanidade que também postea a dor, oferecendo-lhe, como recompensa, a felicidade das gerações".

Muito extensa se tornaria a enumeração das leis destrutoras, emitidas pela terceira República, basta que cada um as medite sinceramente.

Examinando bem o estado da França, chega-se naturalmente a esta conclusão: a Maçonaria soube estabelecer, gradualmente e, desta vez, sem violências, um estado de coisas que, sob certos aspectos, é análogo ao da Rússia bolchevista, mas sob formas mais envolventes.

Como conseguiu este resultado?

A resposta é bem simples: desde 1871, nenhum dos governos e dos ministérios que se sucederam representou a França. A suposta república francesa não é senão a república maçônica, destruidora da Igreja e da verdadeira sociedade francesa.

Para alcançar o seu fim, que diante estudaremos, a Ma-

çonaria conseguiu aniquilar-nos completamente e transformar o nosso país num focos de propaganda revolucionária. Porque, embora dissimulada, a ditadura maçônica é muito poderosa.

A Maçonaria começa a abandonar o véu e, em toda parte, celebra o seu triunfo. Já em setembro de 1893, o *Matin*, que é considerado o reflexo das idéas predominantes no seio do Grande Oriente, diz francamente num dos seus artigos:

"Pode-se afirmar, sem hesitação, que a maior parte das leis a que estão subordinados os franceses — referimo-nos às grandes leis políticas — antes de apparecerem no *Officiel*, foram estudadas pela Maçonaria".

E acrescentava:

"As leis sobre o ensino primario, sobre o divórcio e, entre outras, a lei sobre o serviço militar para os seminaristas acausam-se da rua Cadet (*sede do Grande Oriente*) para o Palácio Bourbon: voltaram invioláveis e definitivas".

E conclua com este brado de triunfo:

"Somos ainda onipotentes, mas com a condição de sintetizarmos as nossas aspirações numa fórmula. Durante dez anos, avançamos, repetindo: "O clericalismo é o inimigo!" Temos, por toda parte, escolas laicas, os padres foram reduzidos ao silêncio, os seminaristas são soldados. Não é um resultado vulgar, para uma nação que se denomina a "*Filha predileta da Igreja*". (1)

Citamos ainda a seguinte proposta, votada na convenção de 18 de setembro de 1891:

"A convenção maçônica inicia o Conselho da Ordem a convocar, na sede do Grande Oriente, todos os membros do Parlamento pertencentes à ordem, a fim de lhe comunicar os votos expressos pela generalidade dos maçons, bem como a

(1) Artigo do *Matin* citado pela Maçonaria desmentada; se-  
tembro de 1893; págs. 105-106.

orientação politica da Federação. Depois de cada reunião, o Boletim publicará a lista dos que se excusarem e dos que deixarem o convite sem resposta. Estas comunicações officiaes do Grande Oriente, bem como as trocas de idéas que lhes succedem, deverão ser feitas num dos nossos templos, sob a forma maçônica do grau de aprendiz. O Conselho da Ordem dirigirá os trabalhos e os convidados tomarão lugar nas colunas". (2)

Na convenção de 1894, foi adoptado o voto seguinte, publicado pela *Coleção Maçônica*, pág. 308:

"Todo profano admitido a receber a luz deverá, antes assumir o compromisso seguinte: Seja qual for a situação politica ou de qualquer outra espécie a que possa chegar um dia, prometo, pela minha honra, responder a toda convocação da Maçonaria e defender, por todos os meios ao meu alcance, todas as soluções dadas por ella ás questões politicas e sociais".

Essa introdução da Maçonaria nos negócios do Parlamento e o dominio exercido sobre grande número de deputados e senadores affirmou-se ainda mais, no ministério Herrriot, após as eleições de 1924, das quais resultou a vitória do *Cartel*.

"Os adversários da Maçonaria sofreram, nesse dia, a derrota mais completa entre as que lhes foram infligidas. A vitória republicana caracterizou-se, do ponto de vista maçônico, pelo facto de levar a Câmara dos Deputados um número considerável de membros, notoriamente conhecidos como adeptos da Associação, e muitos os chefes das organizações anti-maçônicas, tais como o general de Castelnau, no Aveyron, o Conde de Leusse, no Alto-Reno, o sr. Marcellet, no Alto-Marne, etc., eram vergonhosamente derrotados". (3)

"Que é o *Cartel*? É, há mais de trinta anos e sob diferentes formas, a coalizão do partido socialista-radical e do partido colectivista S. F. I. O., aliança travada no seio da Maçonaria que é, desde 1871, a verdadeira senhora da República.

(1) Boletim do Grande Oriente, 1894; pág. 116.

(2) R. Menard — A organização anti-maçônica no *Frango*;  
N.º 52. Paris, 1910.

"O ramo radical da Maçonaria, que, durante muito tempo, dominou, quasi sozinho, a grande organização secreta, especializou-se sempre em extirpar do país o cristianismo por meio do iluminismo irreligioso.

"Debilidade deve chamar que a escola leiga — aliás escola de livre pensamento — se tornou um viveiro de revoltados e fabrica, por séres, legiões de revolucionários; que a extirpação do cristianismo, por meio da escola leiga e das leis especiais contra as congregações religiosas, é a fonte da corrupção moral que penetra, gradualmente, em todas as camadas da nação e da assustadora despovoação que nos reduziu, numericamente, a uma nação de segunda ordem.

"Nada o devia da aplicação implacável das leis irreligiosas, ditas leigas.

"Ora, apesar das insinuações do *Cartel* na última Câmara, o partido socialista-radical conseguiu eleger, para a Câmara atual, 125 membros, aos quais devemos acrescentar uns trinta deputados socialistas-republicanos, igualmente maçons e que não valem muito mais.

"Quanto aos inuitos do partido coletivista S. F. I. O. de Blum, segundo ramo da Maçonaria, com tendência a sobrepujar o ramo simplesmente socialista-radical, são bem conhecidos: não é somente um partido anti-religioso, mas um partido de luta de classe e de revolução social, que tem por objeto a destruição do chamado regime capitalista, isto é de propriedade individual, para substituí-lo por uma sociedade coletivista ou comunista, em que os bancos, as minas, as fábricas, os meios de transporte e as terras seriam explorados pelo Estado proletário.

"Ora, esse partido S. F. I. O. enviou, à Câmara atual, 100 deputados que concentraram sobre seus nomes, nas eleições de 1928, 1.700.000 sufrágios, sem contar com o partido comunista, momentaneamente divorciado do *Cartel*, e que por sua vez reuniu 1.100.000 votos.

"Eis o ponto a que chegámos.

"E cada ano que passa agrava o perigo.

"A cada ano que passa, a escola leiga, entregue a um magistério cuja maioria professa as idéias da extrema esquerda, prepara, para a vida pública, uma nova classe de jovens que vai engrossar as fileiras dos partidos revolucionários.

"A cada ano que transcorre, uma nova parte dos ambient-

tes populares e contaminada por *l'Humanité* e outros jornais revolucionários que podem, impunemente — como nós mesmos fazíamos, no tempo do nosso iluminismo subverbalvo — solapar os alicerces da autoridade e as bases da sociedade.

"Finalmente, a cada ano que passa, a natalidade diminui". (1)

A. G. Michel publicou um livro *A ditadura da Maçonaria, na França* (edições Spes) assentando as resoluções tomadas nos diferentes congressos maçônicos e, simultaneamente, a sua realização oficial, durante o ministério Herriot.

I — As Lojas decretam a supressão da embaixada junto ao Vaticano. (Boletim oficial da Grande Loja da França, janeiro de 1923, pág. 39).

Lei realizada em 24 de outubro de 1924.

II — As Lojas requerem a aplicação da lei sobre as congregações. (Boletim of. da Grande Loja da França, convenção de 1922, pág. 220).

Primeira declaração ministerial Herriot, seguida de realização: 17 de junho de 1924.

III — As Lojas querem o triunfo das idéias leigas. (Convenção do Grande Oriente, 1923, pág. 220).

Primeira declaração ministerial Herriot, seguida de realização: 17 de junho de 1924.

IV — As Lojas reclamam anistia plena e sem restrições para os condenados e os traidores, especialmente Marty, Sadooul, Cullaux, Malvy, Goldsky, etc. (Grande Conferência na sede do Grande Oriente, rua Cadet n.º 16, a 31 de janeiro de 1923 — Boletim hebdomadário n.º 339, 1923, pág. 13).

(1) G. Hervé — *A Félicia*, 25 de fevereiro de 1896. Primeira carta às almas.

Lei votada na Câmara a 15 de julho de 1924.

V — As Lojas protestam contra os decretos-leis. (Grande Loja da França, fevereiro-abril de 1924, págs. 209-210).

Declaração ministerial Herriot de 17 de junho de 1924.

VI — As Lojas querem o escrutínio dos distritos. (Grande Loja da França, 1922, pag. 287).

Declaração ministerial Herriot a 17 de junho de 1924 e realização a 23 de agosto de 1924, pelo voto do Senado.

VII — As Lojas decretam a introdução do regime leigo na Alsácia-Lorena, a pesar das promessas contrárias. (Convenção do G. Oriente de França, pag. 271, 1922).

Declaração ministerial Herriot a 17 de junho de 1924 e diversas realizações.

VIII — As Lojas reclamam o estabelecimento da escola única e o monopólio do ensino. (Convenção do G. Oriente da França, 1923, págs. 265-266).

Declaração ministerial Herriot a 17 de junho de 1924 e diversas realizações.

IX — As Lojas querem a continuação das relações com os Sovietes. (Boletim oficial da G. Loja, outubro de 1922, pag. 286).

Declaração ministerial Herriot a 17 de junho, e realização oficial a 28 de outubro de 1924.

X — As Lojas querem instaurar um regime económico, preparatório do socialismo. (Convenção do G. Oriente, em 1922, págs. 233-234).

Vejam-se, na obra de A. G. Michel, as realizações.

XI — As Lojas adotam uma política colonial leiga e emancipadora. (Convenção do G. Oriente da França, 1923, pag. 247).

Vejam-se, na mesma obra, as realizações.

XII — As Lojas hostilizam o exército. (Convenção do G. Oriente, 1922, págs. 142-143).

Declaração ministerial Herriot e realizações.

XIII — As Lojas são favoráveis à reconciliação com a Alemanha e à Liga das Nações, para torná-la a Internacional dos povos e a Federação mundial. (Grande Oriente da França, 1923, pag. 97).

Tudo isto são etapas do programa maçónico para o futuro, que é:

A destruição do catolicismo,

O socialismo universal.

"É muito estúpido injuriar e maldizer a sociedade capitalista. Não há aqui um só que não a deteste e não sofra as suas injustiças. Mas é necessário substituí-la.

"Para esse fim, devemos primeiramente entender-nos. Examinemos, excitemos e desenvolvamos as organizações coletivas que ela admite e postula e que, em muitos casos, já possui, regulando-as conforme o espírito de justiça que lhes falta. Em uma palavra; arrastemo-la ao que deve nascer dela, mas não nos exasperemos em excomunhões pueris". (\*)

Tais são as tendências atuais da Maçonaria francesa. O trecho seguinte de Alberto Lantime mostra-nos como ela as aplica e de que modo influencia a política francesa:

"A Instituição existe, para preparar constantemente o futuro, pelo estudo do presente, e não para impor uma ideia, pelo prestígio efêmero da sua influência.

"Cabe às organizações profanas, mais aparelhadas do que a ordem maçónica, a missão de prosseguir a realização dessa

(\*) A. Lohy — *No Loja Maçónica*, pag. 86. — E. Chiron, Paris. Discurso de encerramento da Convenção de 1929.

idêa; e a seu eventual insucesso não poderia atingir a Maçonaria, hábilmente encurralado no seu papel expectativo. Os atos da vida pública nunca deveriam ser, para ela, um campo de ação, mas um campo de experiências, para a correção dos seus erros e o aperfeiçoamento da sua inteligência. Assim não haveria a política militante de que o Grande Oriente pretende, sem razão, se ocupar e pela qual a Grande Loja, contrariamente aos seus interesses bem compreendidos, tem, às vezes, a fraqueza de se deixar influenciar. Haveria, apenas, política filosófica. Por este motivo, se devemos suprimir o artigo que interdiz, nas Lojas, as discussões sobre a própria vida do país, devemos conservar zelosamente (pois é a própria base da nossa instituição) o que só se preocupa com a sinceridade e a lealdade dos postulantes, sem averiguar as suas opiniões. Porque — note-se a desastrosa contradição — ouso-se escrever que se interdinem os assuntos políticos e, na prática, rejeita-se sistematicamente um republicano demasiado tímido ou um estóico. (Repetimos: católico, porque, no nosso país, que não sofreu só as perseguições da Igreja Romana, gozou de uma especial mercê, nos ambientes do pensamento livre, os judeus e os protestantes). Por exemplo, no momento em que as obediências osavam elevar-se oficialmente — o que constituiu uma falta inmercedável — contra os atos do ministério Poincaré, um candidato que se declarasse partidário desses atos seria certamente recusado. Em plena sessão da Grande Loja, um deputado da *Jerusalem Errances* declarou abertamente que a Maçonaria devia ser pelo *Mocro das esquerdas*, e exprimeu infelizmente a opinião da maioria, da grande maioria, manifestando uma mentalidade de contêcio e a disposição de esquecer a virtude fundamental da ordem que rejeita a sua subordinação a qualquer dogma". (1)

Este resumo da ação de Maçonaria, na França, desde 1789 à época atual, basta para fixar a nossa opinião. Examinemos, agora, a ação revolucionária da Maçonaria, nos diferentes países europeus. Não podemos transcrever a história completa da Maçonaria na Europa, limitamo-nos a escolher alguns dos casos mais significativos.

(1) Alberto Lantime — *Nirva coroados de Espanha* Vol. II, pág. 548. (O grifo é nosso).

## A MAÇONARIA REVOLUCIONÁRIA NA EUROPA

### Portugal

"Em Portugal, a Liberdade de pensamento, a República e a Maçonaria andam de mãos dadas, mas, dos três, a que dirige é a Maçonaria que antes de tudo, protege a Liberdade de pensamento e difunde o seu ensino". (1)

À frente da Maçonaria portuguesa, está o Grão-Mestre Magalhães Lima, jornalista, advogado, político, livre pensador, republicano, revolucionário e um dos personagens dirigentes da Maçonaria universal.

Em dezembro de 1907, esteve em Paris e realizou, nas Lojas da capital francesa, uma série de conferências sob o título de: *Portugal, destruição da Monarquia, necessidade da República*.

Algumas semanas depois, el-rei D. Carlos e seu filho mais velho eram assassinados. D. Manuel subia ao trono, mas, como era inofensivo, limitaram-se a enviá-lo para o exílio.

Os maçons nem se dignaram ocultar que eram os autores da revolução portuguesa. Na sessão de 12 de fevereiro de 1911, o maçon Furnemont, grande orador do Grande Oriente da Bélgica, dizia:

"Lembrai-vos do profundo sentimento de alívio que todos experimentámos, ao sabermos da rápida revolução portuguesa? Em poucas horas, ruía o trono, o povo triunfava e a república era proclamada. Para os profanos, foi um raio no céu sereno. Mas nós, meus irmãos, nós sabíamos, conhecíamos a maravilhosa organização dos nossos irmãos portugueses, o seu zelo infatigável, a sua atividade incessante. Conheçamos o segredo desse glorioso acontecimento". (2)

(1) Rafael Rane — *Jornal Maçônico Benéfico de 25 Junho de 1909*, n.º 4, pág. 29.

(2) *Boletim do G. Oriente da Bélgica*, 6310, de 1910, pág. 92, citado pelo Dr. Wichel — *Weltrevolution, Weltrevolution*, Munich, 1928.

Citando esta passagem, Widfal acrescenta:

"Quereis outra prova? Vede o *Bundesblatt*, órgão oficial da Grande Loja prussiana *Zu den drei Weltkugeln*. Esse jornal fala de um livro do professor português Jorge Grainha sobre a história da Maçonaria, em Portugal, de 1733 a 1912, e cita as primeiras palavras do prefácio:

"A maioria dos homens que se distinguiram no decorrer das convulsões políticas, religiosas e literárias de Portugal, nos dois últimos séculos, pertencem à Maçonaria.

"E o Dr. Grainha acrescenta: "Todos os chefes importantes da revolução política de 5 de outubro de 1910 eram maçons". (1)

Os que auxiliaram a queda da Monarquia pertenciam às famílias seguintes: Castro, Costa, Cohen, Pereira, Ferreira, Teixeira, Fonseca, etc., famílias poderosas, ocupando postos importantes na Espanha, na Holanda, na Inglaterra, na América, unidas pela Maçonaria e pela Aliança Israelita Universal.

#### Espanha

Na Espanha, como em toda parte, o fim principal da Maçonaria é a destruição da Monarquia e da Religião. O Grão-Mestre Morayta disse-o claramente, no congresso maçônico internacional de Madri (julho de 1894):

"O povo seguiu sempre a política do rei; esse tempo passou; na Espanha, a república é um progresso próximo e necessário". (2)

Se não conseguiram assassinar Afonso XIII, não foi por falta de tentativas. O número de atentados contra o rei é impressionante. Todavia, falaremos apenas do caso Ferrer que é interessante, porque revela a organização mundial da Maçonaria:

(1) Mesma obra de Wichtl, pág. 102.

(2) Citação do Dr. Braunsilar — *Dreigünckle Bruder*, pág. 27.

"Sob um vão pretêto, houve, em Barcelona, uma revolta e os incêndios e os massacres obrigaram o governo a estabelecer, na cidade, o estado de sítio. O agitador Ferrer foi preso. Em lugar de ser fuzilado imediatamente, foi entregue ao tribunal militar que o condenou à morte. E, logo, despachos mentirosos foram enviados a todos os jornais do mundo: Ferrer não foi julgado conforme as leis, seu defensor foi preso. O clero e o próprio Papa foram responsabilizados pelo fato. "A mão sangrenta da Igreja, que é parte no processo, escrevia a *Lanterna*, dirigiu tudo e os esbirros do rei da Espanha cumpriam apenas as suas determinações. Todos os povos se devem insurgir contra essa religião de assassínio e de sangue". E, para reforçar o efeito de tais palavras, uma caricatura representava um padre com um punhal nas mãos. Ameaças de represálias, de assassínio do Rei e do Papa choveram em Madri e em Roma. Petições circularam de Paris a Roma, a Bruxelas, a Londres e a Berlim, para protestar contra o julgamento. Ferrer foi executado. Imediatamente se realizaram, em todas as principais cidades da França e de todos os países europeus, numerosas e sangrentas manifestações. Para cúmulo, arriou-se, nas ruas de Paris, uma espécie de triunfo em que, sob a proteção da polícia, e com a participação do exército, Ferrer foi glorificado, ao som das estrofas do *Internacional*.

"Os governos foram interpelados, nos diversos Parlamentos, conselhos departamentais e municipais ssinarant protestos. Cincoenta e sete cidades da França resolveram dar o nome de Ferrer a uma das suas ruas.

"A espontaneidade e o número prodigioso dessas manifestações, por uma causa estranha aos interesses dos diversos países, indicam uma organização extensiva a todos os povos e atuando até nas suas localidades menos importantes.

"O Conselho da Ordem do Grande Oriente de Paris, enviou a todas as suas Lojas e a todos os poderes maçônicos do mundo um protesto contra a execução de Ferrer, no qual reivindicava o agitador como um dos seus membros: "Ferrer foi um dos nossos. Sentiu que, na obra maçônica, se concentra o mais sublime ideal, que o homem pode realizar. Afirmou os nossos princípios, até à morte. O que procuraram ferir nele foi o ideal maçônico. Diante da marcha do indefinido progresso da humanidade, eleva-se uma força retrógrada que, com os seus

princípios e a sua acção, visa rejeitar-nos nas trevas da Idade-Média".

"A Maçonaria declarou, portanto, com palavras e atos, que considerava e defendia Ferrer como a encarnação do seu ideal. Por uma carta do próprio Ferrer a um dos seus amigos conheceremos uma parte desse ideal: "Para não alarmar o povo e não oferecer ao governo o pretexto de fechar os meus estabelecimentos, denomino-os *Escola Moderna*, em lugar de *Escola de Anarquistas*. Porque o fim da minha propaganda, confesso-o francamente, é formar nas minhas escolas, anarquistas convictos. O meu voto é a favor da revolução. Momentaneamente, todavia, devemos limitar-nos a inculcar aos cérebros da mocidade o princípio da revolução violenta. Ela deve aprender que, contra os esbirros e a lousura, existe um único meio: a bomba e o veneno".

Éis o homem que a Maçonaria apresentou ao mundo, como um dos apóstolos do seu ideal.

Alguns dias depois da extinção de Ferrer, o ministério de Madrid foi obrigado a apresentar a sua demissão: os chefes dos partidos liberal e democrático, obedecendo, sem dúvida, às injunções das Lojas, comunicaram ao presidente Maura que se oporiam incondicionalmente a qualquer projeto ou medida apresentado por ele. A sua retirada encheu de alegria todos os adeptos da liberdade de pensamento, na Europa. O jornal *Acacia* escreveu: "Não é verdade que no mundo inteiro, se travou um duelo formidável, o mesmo em toda parte, entre as religiões e o pensamento livre, entre a autocracia e a democracia, entre o absolutismo e a revolução? Há fronteiras para a Igreja e tem o Vaticano uma pátria? Não se concentra o drama da humanidade, ao redor das forças internacionais que são a Convenção e a Escola? A queda do gabinete Maura e a execução de Ferrer são apenas episódios desse grande e infinito drama". (1)

(1) O trecho relativo ao caso Ferrer é extraído da obra já citada de Mrs. Delaunay; págs. 92 e 93, Vol. I.

### Itália

As revoluções que, a partir de 1821, se desenvolveram, na Itália, foram obra da Maçonaria, segundo afirmou o maçom Chiassone, em uma conferência realizada, em 1907, na loja parisiense *Sofisticoriedade*. (2)

O mais célebre revolucionário italiano é Mazzini, cuja atividade europeia, entre 1830 e 1872, é tão conhecida, que não há necessidade de a evocar nestas páginas. Seu intuito era a revolução universal e ele mantinha relações com os revolucionários do mundo inteiro. Mazzini e Garibaldi são considerados as estrelas de primeira grandeza da Maçonaria italiana. (3)

Mazzini foi nomeado Grão-Mestre, em 1871. Como seria necessário dedicar um volume inteiro, para mencionar os nomes dos revolucionários italianos, limitar-nos-emos a dizer apenas poucas palavras sobre os documentos da Alta Vendita Romana de que, anteriormente nos ocupámos. Essas cartas, de cujo conteúdo foi enviada, naquela época, uma cópia a todos as côrtes da Europa, têm uma importância capital, pois provêm de um dos grupos supremos da Maçonaria; foram publicadas, em parte, no livro de Criténeau-Joly, *A Igreja Romana perante a Revolução*, e revelam a organização secreta geral do movimento revolucionário, na Itália. Na base, estavam as lojas maçônicas; acima destas, as associações ou *ordens* ou *carbonários* que eram, segundo Louis Blanc, a parte militante da Maçonaria.

A frente de todas, ficava a Alta Vendita, composta de 40 membros, todos escolhidos cuidadosamente, um por um, entre os revolucionários de eleição das lojas e das vendas. O chefe era Nubius, cujo verdadeiro nome não foi revelado pelo Vaticano. Nubius dirigiu a Alta Vendita até 1844. Tornou-se, então, repentinamente fraco de espírito e morreu quinze anos depois. Realizara já o que exigiam dele e sabia muitos segredos.

Entre esses quarenta adeptos, muitos eram membros das mais importantes famílias de Roma; outros haviam sido admitidos, pelo seu valor pessoal; outros, finalmente, eram judeus.

(1) Extr. da Revista Maçônica, junho de 1907, n.º 397, citada por Wiehl.

(2) Revista da Maçonaria Italiana, 1901, págs. 148.

póe veremos adiante que os judeus constituem sempre a maioria, nos conselhos superiores das associações secretas.

Diversos membros da Alta Venda frequentavam continuamente a Córte de Roma, eram íntimos dos Cardeais e do Papa, sem que ninguém concebesse qualquer suspeita, nem pudesse desconfiar d'elles. Foi só mais tarde que se descobriu o seu verdadeiro papel, quando os documentos caíram em poder do Papa; entretanto, não se pôde saber como o Vaticano os conseguiu obter.

A existência da Alta Venda era ignorada de todas as vendas inferiores e, portanto, da Maçonaria inferior. Contudo, acima d'ella, havia outro grupo ainda mais secreto, desconhecido dos próprios membros da Alta Venda que lhe obedeciam cegamente, sem saber donde provinha a ordem. Prova-o a carta de um d'elles, Melegari, dirigida ao Dr. Breitenstein, em 1836:

"Queremos escudir todo jugo e há um que não se vê, que apenas se sente e pesa sobre nós. Onde vem? Onde está? Ninguém o sabe ou, pelo menos, ninguém o diz. A associação é secreta, até para nós veteranos das associações secretas. Exigem de nós, há vossa, coisas de arrear-pis e cabelos, e acreditareis que me informam, de Roma, de que dois dos nossos, bem conhecidos pelo seu ódio ao fanatismo, foram obrigados, por ordem do chefe supremo, a ajoelhar e a conjugar, pela última Páscoa? Não discuto a minha obediência, mas quiseira saber o objeto de tais falsas provas de devoção".

Essas cartas são, sem dúvida, documentos extraordinários. Como eram trocadas entre confrades, os quarenta membros não se contrangiam e manifestavam claramente os seus verdadeiros pensamentos, dando provas de um cinismo frio e tranqüillo e de uma perversidade impressionante. (1)

Infelizmente, a maior parte dos textos originaes foram queimados e Crétineau-Joly compôs o seu livro, baseando-se em notas e borrões que haviam sido conservados. Foi, portanto,

(1) Essas cartas foram publicadas por Crétineau-Joly em *A Igreja Romana perante a Revolução* (absolutamente esgotado) e por Meun Delaunoy em *Conjuração Anticristã*.

acessado de não ter publicado o texto original e de ter feito litteratura. Embora a parte essencial da obra seja exacta, pelo conteúdo, o Vaticano não autorizaria a sua publicação, não é possível garantir a autenticidade literal do texto. Transcrevemos, todavia, a título de amostra, a carta de *Vinício*, escrita de Castellamare a *Nubius*, a 9 de agosto de 1838, na qual se desenvolve o plano da Alta Venda:

"Os assassínios que os nossos cometem, ora na França, ora na Suíça e sempre na Itália, causam-nos vergonha e remorso. E' o apólogo de Cain e de Abel, explicando a origem do mundo, e nós progredimos tanto que tais meios já não nos podem satisfazer. De que serve matar um homem? So para amedrontar os tímidos e alistar de nós os corações valentes. Os carbonários, nossos predecessores, não compreendiam o seu poder. Não é ao sangue de um homem isolado ou de um traidor que deve ser exercido, mas sobre as massas. Não individualizemos o crime; para engrandecê-lo até ás proporções do patriotismo e do ódio contra a Igreja, devemos generalizá-lo. Uma palmalada não tem significação nem consequência. Que resulta, para o mundo, de alguns cadáveres desconhecidos, semeados nas ruas pela vingança das Associações Secretas? Que importa ao povo que o sangue de um operário, de um artista, de um fidalgo e até de um príncipe seja derramado, em virtude de uma sentença de Manzini ou de alguma das seus sédríos? O mundo não tem tempo de prestar ouvidos aos gritos das vítimas; passa e esquece. Somos nós, meu *Nubius*, os únicos que podem suspender-lhe a marcha. O catolicismo não teme mais do que a monarquia, um estípite acerado; mas essas duas bases da ordem social podem desmoronar, pela corrupção; logo, não ceasemos de corromper. Tertuliano dizia, com razão, que o sangue dos mártires gerava cristãos. Ficou assentado, em nossos conselhos, que não queremos mais cristãos; logo, não façamos novos mártires, mas vulgarizemos o vicio entre as esmalitões. Respirem-nó estas, pelos cinco sentidos, até à saturação; esta terra, em que caiu a sementeira do Aretino, está sempre disposta a receber enunciacões líblicas. Formai corações viciosos e não tereis mais estílicos. Afastai o sacerdote do trabalho, do altar e da virtude; procurai hábilmente dar outra occupação ao seu tempo e aos seus pensamentos, tornai-o curioso, guloso e patriota, e de será ambiguo, intrigante e per-



verso. Alcançareis assim um resultado mil vezes melhor do que despendendo os nossos estíquetes contra os ossos de alguns pobres diabos. Eu não quero e vós também não desejais — não é verdade, amigo Nubius? — dedicar a minha vida aos conspiradores, para continuarmos a trilhar a senda antiga.

"Empreendamos a corrupção em larga escala, a corrupção do povo pelo clero e a corrupção do clero por nós; a corrupção que nos levará, um dia, a enterrar a Igreja.

"Ouvi, ultimamente um dos nossos amigos rir-se filosoficamente dos nossos projetos, observando: "Para abater o Catolicismo seris preciso suprimir, primeiro a mulher". O conceito é verdadeiro, mas, como não podemos suprimir a mulher, corrompamo-la com a Igreja. *Corruptio optimi pessima*. O fim tem bastante atrativos, para tentar homens da nossa tempera. Não nos desviemos d'êlo, pela satisfação de algumas míseras vinganças pessoais. O punhal mais apropriado, para ferir o coração da Igreja, é a corrupção. Mãos à obra, pois, e até ao fim!"

Após a morte de Mazzini, seus discípulos melhores e mais fiéis assumiram a direção da Maçonaria. Foi nomeado então o primeiro conselho da ordem dos maçons italianos, com 33 membros. No decorrer de 1872, fundou-se a unidade maçônica italiana que, em 1887, consolidou as suas posições.

A Maçonaria italiana foi sempre unicamente revolucionária e, assumindo o poder, o fascismo a dissolveu.

A êste respeito, o *Popolo d'Italia* publicou:

"Pela primeira vez, um partido no poder tem a coragem de quebrar o obscuro abraço envolvente e sufocante da Maçonaria. Pela primeira vez, uma coalizão governamental ousa lançar um desafio irreparável a essa velha seita secreta, cujos tentáculos se haviam insinuado em todas as organizações do Estado e que, até há pouco tempo, costumava impor uma espécie de investidura a todos os gabinetes derivados do temeroso e vacillante liberalismo italiano. Desde que era necessário resolver o problema, toda tergiversação reforçaria o oculto poder do Palácio Giustiniani e confirmaria mais uma vez, a invulnerabilidade da seita que se julgava um governo do governo, um Estado acima do Estado. O ato corajoso do Grande Con-

selho demonstrou, pelo contrário, que o Fascismo, perdido de mocidade e de reforma, possui um poder tão seguro e meditado, que ousa desafiar a Maçonaria e afrontar, com iluminada energia, todo risco de desordens interiores.

"Uma vida nova se inicia para a Itália".

Comentando êste manifesto, Alberto Lantini, escreveu:

"Obrigada, por assim dizer, a retroceder sobre si mesma, a Maçonaria vai consagrar-se a trabalhos espirituais, evitar toda tentativa de manifestação, que seria muito mal recebida, e, chegada a hora da possibilidade de represália, saberá vingar-se da afronta que lhe foi infligida". (1)

Após esta rápida revista da ação maçônica nos países latinos, passemos à Europa Central.

#### Austria-Hungria

Muito longa seria a enumeração do papel exercido pela Maçonaria nas modernas revoluções da Turquia, da Sérvia, da Grécia, da Alemanha, etc. Trataremos apenas da sua ação na Hungria, país muito interessante sob o nosso ponto de vista, porque, após a revolução bolchevista de Bela Kun, o governo apreendeu e publicou os arquivos maçônicos, provando assim claramente a relação da Maçonaria com o movimento revolucionário.

A 28 de abril de 1918, o venerável Grão-Mestre da Maçonaria húngara, Dr. Arpad Bakay, pronunciou, em Viena, um discurso muito patriótico:

"Os inimigos da Hungria são também os inimigos da Austria: os que se aliam, para desmembrar a Austria, querem fazer o mesmo com a Hungria; foi a monarquia o que, na tempestade da guerra, protegeu mais eficientemente os povos da Austria-Hungria, etc."

Em novembro do mesmo ano, o império desmoronava e na primeira página do seu boletim, que podia finalmente aparecer,

(1) A. Lantini — *Serviço secreto de espionagem*, Vol. II, pág. 469.

sem obstáculos, (\*) a Maçonaria vienense solidava, neszes termos, o acontecimento:

...<sup>1</sup> "O novo estado de coisas sobreveio, de surpresa. Repentinamente tornamo-nos republicanos livres, senhores de nós mesmos. Não éramos mais os escravos e os milítrios de um governo de burocratas, rastejando servilmente perante o absolutismo e o militarismo". (2)

Por uma vez, o Dr. Arpad Bokay, Grão-Mestre da Maçonaria húngara, pronunciava, a 2 de novembro de 1918, um discurso significativo, de que transcrevemos uma passagem, tirada do *Wiener Freischaerer Zeitung* (o governo revolucionário de Karáyi acabava de se constituir):

"Este programa maçônico (que o orador acabava de expor) é também o programa do Conselho Nacional húngaro e do governo popular que ora se forma.

"Ele traça nitidamente o nosso ataqüção.

"Marcharemos com eles, trabalharemos com eles, pertulharemos a sua tarefa, vasta e pesada mas também nobre, para que a velha Húngria penetre, sem estremezimento, na terra abençoada da nova Húngria, o que é o voto mais fervoroso de todo bom patriota.

"Nossos amados e muitos estimados irmãos trabalham, hoje, na primeira fila e isto excita-nos de tranqüilidade, pois os conhecemos e sabemos que cumprirão, com espirito maçônico, a obra que empreenderam".

(Nota do jornal — "Seis irmãos maçons pertenceram ao primeiro governo republicano húngaro, como ministros, secretários e sub-secretários de Estado").

Com o advento de Bela Kun, a Maçonaria teve de afrontar certas dificuldades; por uma ironia da sorte, passava a ser considerada demasiadamente burguesa e desconfiava-se dela.

(1) Autorizada constitucionalmente na Húngria, a Maçonaria era interdita na Austria e que, mediante algumas concessões, não impedia a sua existência e a sua actividade.

(2) *Wiener Freischaerer Zeitung*, de 1/2, Maio de 1920, pág. 2.

Após a queda de bolchevismo, o governo húngaro ordenou a dissolução das lojas e publicou os seus arquivos. Na sua desgraça, os maçons húngaros apelaram para os seus irmãos do mundo inteiro.

Relativamente a este ponto, o jornal maçônico *Lotovais* de Leipzig publicava, em março de 1922, o interessante artigo que segue:

### "Húngria"

"Mediante informações de um dos nossos irmãos húngaros, residentes em Nuremberg, sobre a triste sorte dos maçons da Húngria, podemos fazer a seguinte commoção:

"Depois de endereçar, durante a guerra, uma mensagem de saudação ao imperador Francisco-José, os maçons aderiram, depois da catástrofe, à idéa republicana socialista, na nobre persuasão de que havia chegado finalmente o tempo de realizar o ideal maçônico; fizeram-lhe, com seus escritos, uma propaganda ativa e a maior parte dos dirigentes foram maçons.

"Quando, mais tarde, a onda bolchevista submergiu a Húngria, os homens que se apossaram do poder não tardaram a oprimir a Maçonaria, como se fosse uma instituição burguesa.

"Pouco depois, graças ao auxilio estrangeiro, a reacção reassumiu o poder e, inspirada por uma direcção clerical, interdição igualmente as lojas, occupou os seus locais, apoderou-se do dinheiro das emittações e de tudo o que foi encontrado.

"Na sua desgraça, os irmãos húngaros dirigiram-se às Grandes Lojas Norte-Americanas. E, como a Húngria negociava, então, um empréstimo nos Estados Unidos, os americanos responderam que não era possível tratar d'esse empréstimo, enquanto as instituições do direito não fossem restabelecidas na Húngria, alusão muito clara à interdição da Maçonaria húngara.

"Em consequência, o governo húngaro viu-se obrigado a entrar em relações com o Grão-Mestre. Propôs o restabelecimento livre dos trabalhos maçônicos, com a condição de conceder aos profanos direito de acesso.

Esta proposta foi, naturalmente, recusada pelo Grão-Mestre e o empréstimo não se realizou". (1)

Não é necessário insistir sobre a importância deste artigo, pois, em poucas linhas, revela a ação exercida na revolução húngara, pela Maçonaria e pelo governo americano que, nessa circunstância, se tornou agente da Maçonaria americana, o que é grave. E por outro lado, onde está em tudo isso a célebre distinção entre a Maçonaria continental e a Maçonaria anglo-saxônica? Ora, não esqueceramos que é maçônico o jornal que forneceu a informação; logo, ela é indiscutível.

O número de setembro de 1922 do *Jornal Maçônico de Viena* anunciava, da Itália, que o Grão-Mestre Torrigiani promettera intervir, na conferência de Genebra, junto aos governos de diversas potências maçônicas, para influenciar o governo húngaro. A França agiu energeticamente no mesmo sentido. Mas, para honra sua, o governo húngaro não cedeu e afrontou todas as dificuldades. (2)

Leia-se a seguinte carta aberta do deputado Júlio Gombós ao Presidente do Conselho húngaro, conde Paulo Teleki.

"Como todos sabem, o governo húngaro dissolveu a Maçonaria, porque alguns dos membros dessa seita cooperaram na preparação da revolução de outubro e na obra de destruição sistemática, contrária aos interesses do povo e do Estado da Húngria. Segundo as declarações dos inquiridores, havia, entre esses homens, alguns que, entre nós, representavam as tendências dos judeus para o domínio universal e que tentaram, sob a proteção do segredo, adormecer o sentimento nacional,

(1) *Lettonic de Leigis*; no 2/3, 1.º de março de 1922, pág. 31.

(2) Durante a guerra, a comissão checa no exterior tinha a sua sede no Grande Oriente da França, em Paris, à rua Cadet, 16. Outra organização exterior checa era a *John Hus League of Slaves* nos Estados Unidos; foi ela que obteve que a Entente declarasse em dos seus fins, de guerra a independência da Tcheco-Slováquia. Isto, segundo Wicthl. Além, no seu livro *a Revolução Mundial* o Dr. Masaryk, pres. da Rep. Checa, declara que, desde 1907, os grandes chefes da América, entre outros Brande e Sokolov, auxiliavam ativamente a sua propensão democrática. Informação do *Wald-kampf* n.º 48, de 1921; Munique.

para fazer triunfar uma doutrina anti-nacional que nos é estranha, mas que eles muito prezam.

"Sabemos também que as Lojas empreenderam a luta contra o que se denomina o clericalismo, porque a força da ideia cristã e a organização da cristandade eram um obstáculo à realização do seu plano.

"Em tempo, a *Mace* e com ela, segundo creio, grande parte da sociedade cristã da Húngria receberam, com pulso, a ordem do governo, proscrevendo a Maçonaria, e foi com alegria ainda maior que penetramos nos locais misteriosamente dispostos da grande loja simbólica. Não mencionamos abandoná-las, pois veríamos nesse abandono a anulação da obra atual para a salvação nacional.

"Considerando o passado dos órgãos da Maçonaria húngara e a diversidade das concepções do mundo nos e, segundo creio, o governo só podemos manter o nosso ponto de vista de interdição. Ainda que a decisão da sorte da Maçonaria húngara seja um caso de ordem interior, na minha opinião, V. Exa. prestará um valioso serviço ao país, influenciando os estrangeiros sobre essa questão e outra que a ela se prende: a questão judaica, para que, no exterior, não se formem ideias errôneas acerca das medidas tomadas para a defesa da religião, da moral, do povo e da nação".

Eis o resumo dos papéis secretos encontrados nas lojas de Budapest: (1)

"O livro sobre a Maçonaria na Húngria que a União das Sociedades cristãs e nacionais húngaras acaba de editar divide-se em três partes: a primeira intitulada *Os crimes da Maçonaria por Adorju Barcov*, reproduz grande número dos documentos apreendidos na época da dissolução das lojas, em 1920. A segunda parte, escrita por *Joseph Palatinz*, intitulou-se: *Os segredos de uma loja de província* e revela, como a primeira, a obra oculta de destruição que arrastou a Húngria a revolução de outubro de 1918 e ao comunismo de 1919.

"O último parte contém a lista dos membros das lojas maçônicas da Húngria e prova que 90% dos maçons húngaros

(1) Publicada por Mons. Josse *O perigo judeu-maçônico*, vol III, pág. 126 e seguintes, segundo o dr. Júlio Gombós.

eram judeus. Os três primeiros capítulos resumem brevemente a história geral do movimento maçônico. Os capítulos IV-VIII analisam os métodos de ação dos maçons húngaros, a sua luta contra a Igreja e o ensino religioso nas escolas, a sua campanha em favor do sufrágio universal, a sua política das nacionalidades e a sua tendência internacional. Finalmente os últimos capítulos, os que devem, mais especialmente, merecer a nossa atenção, demonstram como os judeus agrupados nas lojas, prepararam sistematicamente a derrota e as perturbações que sucederam à guerra.

“O capítulo XI revela-nos, com o apoio de numerosos documentos, que na Húngria como ailleurs, a Maçonaria é uma obra eminentemente judaica; assim, por exemplo, o livro que contém a constituição da Grande Loja Simbólica da Húngria, impresso em Budapeste, em 1905, traz a data da era judaica de 5886. O texto dos votos pronunciados pelos adeptos está expresso em idioma hebraico; as senhas secretas eram também palavras hebraicas. A lista publicada no fim do livro prova, que 90% dos membros das lojas eram judeus: Abel, Bloch, Berger, Fuchs, Herz, Lévy, Pollak, Rosenthal, Schon, Hun, Habar, etc. O autor do livro cita, a esse respeito, um prefácio muito característico da obra do professor Pedro Agoston (um dos conselheiros do povo que participou do poder com Bela Kun e que os tribunais húngaros condenaram à morte, em dezembro último) obra intitulada *A vida dos judeus*, no qual, entre outras cousas se diz que estiver a história dos judeus da Húngria é escrever a história do movimento maçônico no mesmo país.

“O capítulo X fornece-nos a prova de que, a-pesar-das aparências, a caridade pública nunca foi o objeto principal dos maçons húngaros. Embora só tivessem conseguido o reconhecimento de suas lojas pelo ministro do Interior, em 1886, com a condição expressa de não se occuparem de política, a caridade foi, para eles, apenas um frontispício, atrás do qual se occultavam os intuitos secretos dos maçons judeus de se apoderarem, lentamente, do poderio público.

“Num relatório de 25 de fevereiro de 1911, assinado por Paulo Szende, Venerável da Loja *Martinosz*, encontramos trechos como este: “Reconhecemos, de boa vontade, que a caridade, como a exercemos atualmente, não corresponde às nossas idéias. Devemos concentrar a nossa atenção sobre a necessidade

de alcançar as mudanças radicais que transformem a sociedade atual”.

“Em 1916, Carlos Szalay Gröb-Mestre da Loja *Cosmosis*, em discurso pronunciado numa assembléa plenária, reconhece que o espírito que anima os verdadeiros maçons foi sempre revolucionário e destrutor. As obras de caridade pública não são o seu objeto principal, mas simplesmente um meio, para alcançar o termo final.

“No que concerne a acção maçônica, na revolução comunista na Húngria, a obra púe em destaque o trabalho desenvolvido pelos maçons, principalmente por meio da imprensa. Com um labor paciente e encarnizado, conseguiram conquistar a maior parte dos jornais, por meio dos quais procuraram diminuir o nacionalismo magiar. O quotidiano *Pilag* é especialmente responsável pelo enfraquecimento da disciplina no exército húngaro, tendo sido espalhado, aos milhares, nas trincheiras.

“A imprensa judeu-maçônica também foi sempre a defensora dos judeus emigrados da Galícia onde, durante a guerra, arduamente, com suas verghozas especulações, a vida económica da Húngria. Os mesmos jornais enveneraram a mocidade das escolas com as suas teorias anti-patrióticas. O *Vilna* de 8 de dezembro de 1910 escrevia: “O ensino exagerado da língua húngara, a exaltação dos sentimentos patrióticos, pelo estudo dos cânticos nacionais têm apenas um resultado: o embrutecimento da infância”. E o *Kelet*, jornal oficial dos maçons húngaros, imprimia, em 15 de dezembro de 1910: “Necessitamos conquistar os professores, para chegar, por meio d'elles, ao coração da mocidade e preparar o ensino lievo. Os mestres devem ser os precusores das idéias mais avançadas”.

“Além de conquistar a imprensa e as escolas, os maçons tratam de adquirir a maior influencia possível, na politica, e de stressar o voto do sufrágio universal que era ainda — e elles não o ignoravam — irrealizável, na Húngria. E, por meio de algumas citações, o autor pde em evidência a attitude dos maçons, durante a revolução.

“Em 1918, a Grande Loja Simbólica de Budapeste resolveu, unânimemente, enviar ao conde Miguel Karólyi e ao Conselho Nacional revolucionário uma mensagem de saudação, declarando que a maçonaria húngara apoiaria, com todo o seu poder, o novo governo, porque o considerava favorável à realização dos seus fins. A 2 de novembro, a mesma loja definiu os seus sentimen-

tos. "O governo que está atualmente no poder visa realizar as nossas próprias idéias. Há, entre os seus membros, muitos dos nossos irmãos, o que é para nós a garantia de que a Húngria revolucionária seguirá o caminho das reformas radicais. Temos o dever de o analisar, na medida dos nossos meios".

"Lembremos, para terminar, que todas as lojas maçônicas foram dissolvidas desde 1920 e seus bens confiscados, em proveito do Estado, segundo as leis da Constituição húngara. O ministério do Interior ordenou um inquérito, para averiguar quais eram os maçons culpados de atos anti-constitucionais e entregar os responsáveis nos tribunais regulares, logo que se encerrasse a investigação. Todas as associações cristãs que, em parte, se constituíram depois da guerra, inseriram, como primeiro artigo, no seu programa, a luta contra os maçons e exigem com energia a declaração da sua culpabilidade, pois a opinião pública os considera como os maiores responsáveis da derrota e, principalmente, dos movimentos revolucionários que causaram tanto mal ao país.

"Quando, em 1920, foi decretada, na Húngria, a dissolução das lojas, o sr Berthelot, em nome dos maçons da França, endereçou uma carta ao conde Alberto Apponyi, chefe da Delegação húngara da paz, rogando-lhe que intervisse, afim de decidir o governo húngaro a desistir a sua resolução. Membros da missão diplomática inglesa de Budapest e de Viena operaram no mesmo sentido, mas o governo respondeu que, enquanto a ação da Maçonaria não fosse completamente esclarecida, não era possível tratar de restabelecer a seita nos antigos privilégios".

Para terminar, exaustivemos a ação da maçonaria, durante a guerra.

#### A MAÇONARIA E A GUERRA

Depois de um estudo profundo da questão, certos autores afirmaram que a guerra de 1914 foi, na realidade, uma guerra de judeus e de maçons, talvez provocada e, em todo caso, utilizada por eles, para a realização dos seus fins; foram eles, com efeito, os grandes beneficiários da paz de Versáilles, pela queda das monarquias e pela democratização da Europa, pelo desmembramento da Áustria católica, pela transferência, para os seus ju-

daicas, da hegemonia financeira, pela criação da Liga da Nações, reclamada e anunciada, há muito tempo, pelas lojas e pelos judeus.

A discussão desta afirmação é assunto que excederia os limites deste estudo; seria também sair do nosso quadro. Mas alguns documentos maçônicos apresentados ao leitor bastarão, sem dúvida, para que possa formar a sua opinião.

#### O ATENTADO DE SARAJEVO

A 15 de setembro de 1912, a *Revista Internacional das Associações Secretas*, dirigida por Monsenhor Jouin, publicava as seguintes linhas:

"É possível que, um dia, se esclareçam estas palavras de um importante maçon sulço, relativas aos herdeiros do trono austriaco:

"É um homem como se quer; é pena que esteja condenado: morrerá nos degraus do trono". (2)

A 28 de junho de 1914, o Arquiduque herdeiro da Áustria e sua mulher pereceram em Sarajevo, vítimas das balas dos maçons sérvios.

A 12 de outubro do mesmo ano, um dos assassinos, Caltrinovic, declarava tranquilamente aos juizes do Conselho de Guerra:

"Na Maçonaria, é permitido matar".  
Tais são, em resumo, as incógnitas inquietantes do crime político que desencadeou a guerra.

Evoquemos brevemente os fatos:

O Arquiduque e sua esposa chegavam em viagem oficial a Sarajevo, cidade da Bósnia-Erzegovina, próxima da fronteira sérvia. Ocupavam os assentos posteriores de um automóvel, tendo, em frente, o general Potiorek e o conde Harrach. O carro

(1) *Revista Internacional das Associações Secretas*, Avenida Fontaine, n.º 8, Paris. Número de 15 de setembro de 1912, págs. 797-798.

percorria lentamente o cis Appel, em direção ao Palácio Municipal. Armados de bombas e revólveres, oito assassinos estavam disseminados na multidão. Três eram mais resolutos: Cabrinovic, Princip e Graber.

Perto da ponte Cuzumrja, Cabrinovic lançou uma bomba que caiu sobre o automóvel, oscilou uma instante e rolou até ao chão, onde explodiu, ferindo diversas pessoas, entre ellas, as que occupavam o carro seguinte ao dos príncipes. O Arquiduque parou, para se informar do estado dos feridos; depois continuou, conformando-se ao programa estabelecido. Terminada a recepção no Palácio Municipal, o conde Harrach resolveu collocar-se no estrão esquerdo, para proteger suas altezas contra um provável atentado d'esse lado. Mas este havia de vir pela direita. Na esquina da rua Francisco José, o automóvel parou justamente diante de Princip, outro assassino que disparou, de perto, vários tiros de browning. Os Arquiducos não se moveram, mas, decorrido um instante, a Arquiducuesa caiu lentamente contra o ombro do marido. O conde Harrach ouviu o murmurar docemente: "Sofia, Sofia, não morra, viva para os nossos filhos".

Entretanto o príncipe continuava sentado tranquillamente, amparado a Arquiducuesa; appareceu-lhe um pouco de sangue nos lábios e, à pergunta do conde Harrach, respondeu com voz fraca: "Não é nada, não é nada". Depois, também desmaiou. O cortejo chegava ao Palácio do Governo; os dois corpos foram transportados rapidamente para o primeiro andar, mas os médicos, chamados com urgência, puderam apenas verificar a morte.

O drama terminara. Havia durado só alguns minutos, alguns breves minutos que deviam abalar o mundo.

Vinte accusados compareceram perante o Conselho de Guerra de Sarajevo. Oito haviam participado directamete do crime. Os quatro mais ativos haviam sido Princip, Cabrinovic, Graber e Mile. Todos eram moços, entre dezotto e vinte annos de idade; a maior parte eram estudantes. Princip era judeu.

Resolvido o assassinio, os conjurados careciam de armas; e aqui se entrecruza, pela primeira vez a poder occulto cuja influencia nesse drama teve consequências tão formidáveis. Falavam-lhe as armas e, para as obter, dirigiram-se, de comum accordo, a *Narodna Odbrana*, na pessoa de um dos seus membros, Ciganovic, que, em tudo isso, servia de traço de união entre os conjurados e o major servo Tankosic, um dos diri-

gentes da *Narodna Odbrana*, associação secreta do genero dos carbonários, cujos chefes eram tambem maçons. (1)

Sob uma apparencia filantrópica de educação popular, o seu verdadeiro intuito era provocar uma agitação revolucionaria, entre as populações eslavas da Austria-Hungria.

Ciganovic recebeu os conjurados, de braços abertos; garantiu-lhes logo que a *Narodna* se encarregaria de fornecer as armas e de organizar a conspiração, com a condição de que elles se conservassem tranquilos e esperassem. No momento oportuno, seriam prevenidos.

E o major Tankosic tomou logo o caso a seu cargo. Um tal Casimirovic, cuja situação se conserva obscura, partiu para uma misteriosa viagem, em visita a certas lojas maçônicas da Europa.

(1) Vejam-se os detalhes do processo em: *Der Prínz gegen die offentlichkeit von Sarajewo*. Trechos do relato, a escriptura do protrezo, reuñidos pelo prof. FRANZ, de Berlin, Decksch Verlag, 1914.

Mile e mais dois accusados foram condemnados à morte e enforcados a 3 de fevereiro de 1915. Princip, Cabrinovic e Graber, que eram moços, foram condemnados a vinte annos de prisão. Os dois últimos morreram no carcere. O papel da Maçonaria no atentado de Sarajevo ainda não pôde ser definitivamente esclarecido. O *Journal de France*, publicou dois artigos de origem diversa, em resposta ao que eu escrevi sobre este assunto. Um é do sr. Alberto Morand e o outro de maçon serviu Tomich. Ambos affirmam terem tido em mãos o texto original do veredicto do processo, e quando eu lhes combeço o texto allemão, unico publicação official até a esta data. Ambos alegam que a traducção allemã não é exacta, mas posso dizer de original e o que d'elles dizem é contraditório. Muitos fragmentos do original e o que d'elles dizem é contraditório. Muitos fragmentos, sem modificar o texto, e tradutor releu trechos originaes, sem modificar, conferido mais gravidade à accusação. Tomich mente separados, conferido mais gravidade à accusação. Mas, pois, alguma pretensão que não he nenhuma allusão à Maçonaria. Há, pois, alguma allusão entre os meus contraditores. Nestas condições é preferivel expor que se estandem, antes de receber e modificar, ao sr. Morand, a passagem relativa a Sarajewo.

Vejam-se as memorias reunidas do *Journal de France*, de 1.<sup>o</sup> de abril, 1.<sup>o</sup> de maio e 1.<sup>o</sup> de agosto de 1914.

Depois do seu regresso, os conjurados foram enviados a Sarsjevo e o atentado se realizou, tal como o narrámos. Além da Narodna, julgámos entrever confusamente a influência da Maçonaria internacional, que no decorrer do processo foi definida por certos trechos dos interrogatórios, cujo relatório stenográfico reproduzimos:

*Cabrinovic* — "Casimirvic era maçon e, de um certo modo, um chefe. Partiu quasi immediatamente (depois que os conjurados se ofereceram para perpetrar o crime) para o estrangeiro. Esteve na Rússia, na França, em Budapest. Toda vez que eu perguntava a Ciganovic, quando se realizariam os nossos projetos elle respondia: "Quando Casimirvic voltar". Naquella época, Ciganovic contou-me também que, dois annos antes, os maçons haviam condemnado á morte o herdeiro do trono, mas não haviam encontrado ainda quem quizesse executar essa sentença. Mais tarde, quando me entregou a *browning* e os cartuchos, disse-me: "O homem voltou ontem de Budapest". Eu sabia que o móvel dessa viagem fóra a nossa embaixada, acerca da qual elle conferenciara, no estrangeiro, com certos circulos (organizações)".

*Presidente* — "Não são histórias o que me estás contando?"

*Cabrinovic* — "E' a verdade pura, muito mais exacta do que os vossos documentos da *Narodna Odbrana*".

Em outro ponto do processo, o defensor, Dr. Premusic, dirigindo-se a Cabrinovic faz a seguinte pergunta: "Leste os livros de Rosic?"

*Cabrinovic* — "Li o seu tratado sobre a Maçonaria".

*Premusic* — "Esses livros eram distribuidos em Belgrado?"

*Cabrinovic* — "Eu os comprei, como tipógrafo".

*Premusic* — "Dize-me: acreditas em Deus ou em alguma coisa?"

*Cabrinovic* — "Não".

*Premusic* — "E' s maçon?"

*Cabrinovic* — (Perturba-se e escla-se um instante; depois, voltando-se para Premusic): "Por qué me pergunta isso? Não posso responder".

*Premusic* — "Tankosic é maçon?"

*Cabrinovic* — (após um breve silencio) "Por qué me pergunta isso? Sim, é maçon como Ciganovic".

*Presidente* — "Donde se deduz que também és maçon."

porque um maçon nunca confessa, scilicet a um confrade, que pertence á seita".

*Cabrinovic* — "Peço-lhe que não me interrogue sobre isso. Não responderei".

Outro trecho do processo:

*Presidente* — "Dize alguma coisa dos motivos. Sabias, antes de te decidires ao crime, que Tankosic e Ciganovic eram maçons? O facto de os seres, tu e elles, influir na tua resolução?"

*Cabrinovic* — "Sim".

*Presidente* — "Recebeste d'elles a missão de executar o atentado?"

*Cabrinovic* — "Ninguém me incumbiu de o realizar. A Maçonaria liga-se ao atentado, só porque me fortificou no meu plano. Na Maçonaria, é permittido matar. Ciganovic disse-me que os maçons, há mais de um anno, haviam condemnado á morte o arquiduque Francisco Fernando".

*Presidente* — "Disse-te isto logo, ou só depois que lhe referiste o teu desejo de executar o atentado?"

*Cabrinovic* — "Já havíamos falado antes da Maçonaria, mas Ciganovic não me referiu a sentença de morte, enquanto não nos mostrámos bem decididos a praticar o atentado".

Transcrevemos outro trecho do processo, uma passagem do interrogatório do jovem Gabrilo Princip que feriu de morte o Arquiduque:

*Presidente* — "Fallo a respeito da Maçonaria com Ciganovic?"

*Princip* — (com insolência) "Por qué me pergunta isso?"

*Presidente* — "Pergunto, porque desejo saber. Falou-lhe ou não?"

*Princip* — "Sim; Ciganovic disse-me que era maçon".

*Presidente* — "Quando lhe disse isso?"

*Princip* — "Quando o interroguei sobre o modo de executar o atentado. E acrescentou que fabrica com certa pressa, e esta lhe forneceria os utens necessarios. Noutro occasio, contou-me que o herdeiro do trono fóra condemnado á morte, numa loja maçónica".

Presidente — "O sr. também é maçom?"

Princip — "Pos quê me pergunta? Não responderei (após um breve silêncio). Não".

Presidente — "Cabriniovic é maçom?"

Princip — "Não sei. Pode ser; disse-me certa vez que ia entrar para uma loja."

No seu último livro, Ludendorff relata que um maçom alemão, chamado Kothner, descobriu, em 1913, o que se preparava, principalmente o assassinio do Arquiduque herdeiro da Áustria, e mais tarde teria lido uma declaração pública a esse respeito.

E ainda, segundo Ludendorff, no seu livro *Weltkriege* (Na guerra mundial) o conde Czernin afirma:

"O Arquiduque sabia claramente que o perigo de um atentado contra ele estava sempre iminente. Um ano antes da guerra, anunciou-me que os maçons tinham decretado a sua morte. Mencionou também a cidade em que essa resolução fóra tomada — eu depois a esqueci — e citou-me os nomes de diferentes políticos húngaros e austriacos que também deviam estar informados". (1)

#### A GUERRA MAÇÓNICA

No congresso maçónico internacional de Paris, em 1917, o objeto principal da deliberação foi: Estudar os meios de provocar, na própria Alemanha, um enérgico movimento contrário à monarquia, pois a base da paz deve ser a deposição de Guilherme II e de Carlos I. Todos os jornais passaram, imediatamente, a exprimir esta ideia, sob todas as formas: a paz não se poderá concluir, antes da deposição de Guilherme II e de Carlos I. O que, entretanto, não se dizia era que o escreviam, obedecendo a sugestões ou a ordens maçónicas.

Na sua declaração de guerra, o maçom Wilson anunciou, solenemente, ao Congresso americano que fazia guerra ao governo e não ao povo alemão.

Tudo isto concorda de um modo perfeito com a norma tra-

(1) Ludendorff — *Kriepthete und Völkermöden*, 1922.

çada nitidamente, na conferência maçónica de Lisboa, pelo Grão-Mestre Magalhães Lima, a 13 de maio de 1917:

"A vitória dos aliados deve ser o triunfo dos princípios maçónicos". (2)

Os jornais maçónicos ingleses e americanos não se cansaram de repetir que o grande conflito era uma guerra maçónica, na qual se lutava, no campo mundial, pela vitória dos ideais maçónicos.

O *Freemason* de Londres publicava:

"A Maçonaria compreende mais de dois milhões de membros. Cada maçom americano sabe o que isto significa, para a segurança e a perpetuação da República. A guerra mundial é a luta da democracia contra a autocracia; e o futuro do mundo será democrático, quer o Kaiser alemão o saiba, quer não". (23 de junho de 1917; pág. 651).

Quasi ao mesmo tempo, uma das nutridas maçónicas francesas, A. Lebey, dizia em Paris:

"É necessário saber onde está a razão entre a bon fé e a maldade, entre o bem e o mal, entre a liberdade e a autocracia. A luta atual é a continuação da que se iniciou em 1789; é indispensável que um dos dois princípios triunfe ou pereça. A própria existência do mundo está em jogo. Pode a humanidade viver livre, é digna de liberdade ou, pelo contrário, o seu destino a condena à servidão?"

"Eas o dilema que a catástrofe estabeleceu e ao qual todos os democratas já responderam. Não há meio de recusa, nem de transigir."

"Em uma guerra tão séria, tão clara, tão formal, ninguém pode ter hesitações quanto ao seu dever."

"Não defender a Pátria seria querer a rendição da República."

Pátria, república, espirito revolucionário e socialismo estão ligados indissolivelmente. (3)

"Ora, já é tempo de completar os direitos do homem com

(1) Citação dos *Nove Novecentistas*, 1917, n.º 108. Cf. *Wichit*.

(2) Citado pelo autor desde 1870.



os direitos dos povos, e a essência da batalha é realmente a luta do princípio anárquico da união livre dos seres contra a vilta morte de um despotismo estéril e total". (1)

A 28, 29 e 30 de junho de 1917, a Grande Oriente e a Grande Loja da França reformaram, em congresso, os representantes das maçonarias civis e militares, para discutirem as condições de 1914 e, entre outras, foi adotada esta conclusão:

"A base da existência das Nações é a soberania ministrada por vontade livremente expressa das populações.

"A unidade, a autonomia e a independência de cada nacionalidade são inevitáveis. Uma povo que não é livre, isto é, que não possui na instituição a democracia e liberais indispensáveis ao seu desenvolvimento, não pode constituir uma nação". (2)

No mesmo tempo, preparava-se ativamente a revolução, no interior da Alemanha. O social-democrata Vater, falando, em Magdeburgo, numa reunião de conselheiros de operários e soldados, definiu o modo como essa preparação se organizava:

"A partir de 25 de junho de 1918, preparámos metódicamente a revolução. Era uma tarefa difícil e extremamente perigosa: pagámos-a com vários anos de prisão e de presidio. O partido social-democrático verificara que as grandes greves não levam à revolução e que era necessário lutar, por outros meios. O trabalho produziu os seus frutos. Organizámos a deserção, na frente. Mantivemos os desertores de documentos falsos, de dinheiro e de estêreis de propaganda incitando a deserção. Espalhámos os nossos em todas as direcções, sobretudo na frente, para que operassem entre os soldados e desistissem o exército, encaminhado aos combatentes que se co-

tragassem ao inimigo; assim se conseguiu o desmoronamento, pouco a pouco, mas com tanta segurança". (3)

Em resumo, portanto, sob as fervorosas proclamações de guerra do direito, da liberdade e da civilização, oculto-se o verdadeiro intuito: o destruição das monarquias, o abateamento das potências católicas em proveito das nações protestantes e a vitória da revolução.

Agora que esse triunfo parece próximo, é supérfluo ocultá-lo e o sr. Coohde, presidente da República Norte Americana, acaba de o reconhecer publicamente, um discurso pronunciado em Hammond, a 14 de junho de 1927:

"A principal questão em jogo no conflito formidável era decidir a forma de governo que devia predominar entre as grandes nações mundiais: a forma autocrática ou a forma republicana. A vitória manifestou-se finalmente a favor do povo". (Renter; Londres, 14 de junho de 1927). (4)

## CONCLUSÃO

### A MAÇONARIA NA REALIDADE

Vimos o que é a Maçonaria, na aparência.

Examinámos a sua acção revolucionária no mundo

Illuminados pela lição dos fatos e pelos documentos maçônicos que publicamos, podemos, já, revelar o que é a Maçonaria na realidade.

Na aparência: associação secreta, Bistrópica e humanitária.

Em absoluta contradição com isto, mostrámos, com o apoio das provas, a obra revolucionária da Maçonaria no mundo.

Faiz-nos, todavia, expor a organização da Maçonaria e resumir o que ela é, na realidade: sua origem, seu objecto, seu modo de proceder, sua organização real, a unidade maçônica mundial e a sua suprema direcção.

(1) A. Leboy — Na Loja Maçônica. Comunicação do Conselho do Grão-Mestre, 9 de dezembro de 1917; pág. 327.

(2) A. Leboy — Na Loja Maçônica, pág. 321.

(3) Bem conhecida a célebre fórmula: Direito dos povos de dispor-se de si próprios. Mas, pelo que se deduz da exploração acima, um povo que não beneficia de um governo democrático não é livre, não constitui, portanto, uma nação, não tem, por consequência, nenhum direito. Apenas isto!

(4) Das Deutsche Fundation, Viena, 21 de dezembro de 1926. Wirkel e memorias de Ludendorff.

(5) Realizada a democratização da Europa Central, as potências maçônicas favoreceram ativamente a reconstrução da Alemanha proletária e judaica em prejuizo da França católica, de comum acordo com os lindeiros judeus internacionais que desejam salvar a Alemanha em seu proveito.

## ORGANIZAÇÃO DA MAÇONARIA

## I — Origem da Maçonaria

A origem da seita é indiscutivelmente muito antiga; prende-se às associações secretas anteriores e até aos judeus cabalistas do Egito. (1)

Só se tem certeza de sua existência, sob a forma atual, desde 1717, data da constituição Anderson, base fundamental de todas as constituições maçônicas presentes.

## II — Intuito da Maçonaria

O intuito da Maçonaria é destruir a civilização atual, essencialmente cristã, para edificar sobre os seus escombros o mundo maçônico, baseado no racionalismo ateu.

"Instituição essencialmente filantrópica, filosófica e progressista, a Maçonaria tem por objeto a procura da verdade, o estado da moral e a prática da solidariedade; esforça-se pelo melhoramento material e moral e pelo aperfeiçoamento intelectual e social da humanidade. (2)

O maçom assume o compromisso geral de

"procurar a verdade, em qualquer campo, unicamente por meio dos recursos naturais do espírito humano, só com a luz da razão e da experiência". (3)

"A nossa missão não é instruir o indivíduo, mas esclai-

(1) Veja-se a este respeito as seguintes obras:  
N. E. Webster — *Associações secretas e documentos subversivos*.  
Cando Lecoteux de Cantilien — *Seitas e associações secretas*  
políticas e religiosas. Estado sobre a sua história, desde os tempos  
moles remotos até à Revolução Francesa. (1963).

(2) A. Plantagenet — *A Maçonaria Francesa* pág. 41. Edições  
La Paix. Paris, 1928.

(3) Mesma obra, pág. 44.

recê-lo. Não inculcamos ao homem os rudimentos do saber, damos-lhe a Luz" (4)

## • A Maçonaria

"não é, pois, uma simples instituição filantrópica e social; é uma ciência, uma filosofia, um sistema de moral, uma religião. A Maçonaria francesa, inglesa, americana são uma só — a Arte, a Instituição, a Fraternidade, etc. estão sempre no singular". (5)

"A Maçonaria é, na realidade, a renascença do misticismo pagão, a aplicação religiosa dos princípios dos humanistas que tentaram reconduzir o mundo aos tempos do paganismo. Organizada na Inglaterra, espalhou-se rapidamente no Continente europeu e nas colônias americanas, verdadeiramente uma pelo espírito e pelo projeto dos corações e das inteligências dos maçons esotéricos, isto é: desfaer o que a Igreja católica edificou no mundo". (6)

O intuito da Maçonaria nunca mudou, apesar das aparentes contradições, no tempo e no espaço. Mas como é eterno, progride por etapas sucessivas. Cada secção maçônica exerce a sua ação própria, ação diferente e até aparentemente contraditória, conforme as épocas, as circunstâncias, os países e os diversos grupos maçônicos.

"Digamos, antes de tudo, que seria erro crer que todos os maçons conhecem explicitamente a obra em que colaboram e que não é revelada completamente nem aos próprios iniciados dos altos graus ou das lojas superiores. Cada indivíduo ou antes cada grupo realiza a tarefa que lhe foi confiada, no lugar que lhe foi designado, junto dos príncipes e do clero, dos parlamentares e dos funcionários, dos jornalistas e dos profanos,

(4) A. Plantagenet — *A Maçonaria Francesa*, pág. 28.

(5) A. Preuss — *Estados sobre a Maçonaria americana*, pág. 25. Revista Internacional das Associações Secretas. (trad.).

(6) A. Preuss. Obra citada, pág. 277.

dos magistrados e dos officiaes, e até no meio do povo. Mas, cumprido a missão que lhe é imposta, o individuo e o grupo ignoram o lugar occupado pela sua tarefa no plano inteiro, porque não têm, sob os olhos, o traçado geral.

Esse plano é duplo: destruição e reconstrução. Destruição da cidade cristã, reconstrução da cidade maçônica. Vimos a obra e as ruínas da demolição. Assistiremos agora à edificação do templo. Os mesmos maçons, os mesmos obreiros são empregados neste segundo trabalho". (\*)

Assim, até à guerra mundial, em certos paizes da Europa Central, a Maçonaria era, na aparência, religiosa e observadora da ordem, por dois motivos:

Se fosse francamente subversiva, não seria tolerada.

Não podendo alistar com um só golpe o mundo cristão, a Maçonaria avança gradualmente, ahando-se com os paizes protestantes contra as nações catolicas mais fortes, graças à unidade da direcção romana. Vencida a agreja romana, a seita se voltava contra os aliados da véspera.

Além disto, essa obra de duplicitude é ainda dupla: enquanto algumas lojas maçônicas são, aparentemente, conservadoras e observadoras da ordem, as lojas occultas, protegidas por esse disfarce, trabalham secretamente para a propagação e a vitória dos principios revolucionários.

A essência da civilização actual é cristã; logo o sentido profundo da luta é religioso. É o conflito entre Deus e o homem, que será o homem-Deus e o estado-Deus.

"É absurdo, declarou o sr. Aulard, professor de história da Revolução na Sorbonne, continuar a dizer que não queremos destruir a religião, quando, por outro lado, somos obrigados a confessar que essa destruição é indispensavel, para a fundação racional da nova cidade social e politica. Portanto, não digamos: "Não pretendemos destruir a religião". Digamos, pelo contrário: "Queremos destruir a religião, para lançarmos, no mesmo lugar, os fundamentos da cidade nova".

Podemos, portanto, concluir daí que a Maçonaria e os movimentos subversivos têm um programa destrutor definido,

(\*) Mens. DeLassens — "A conjuração anti-cristã".

para cuja realização empregam, não sem resultado, todos os meios; mas o seu programa de reconstrução é vago e parece destinado a um insuccesso certo.

### III — O modo de proceder da Maçonaria

O grande principio pelo qual parece guiar-se a seita e a propagação de idéias aparentemente belas e nobres mas devastadoras, na realidade, cujo prototipo é a célebre divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

A Maçonaria, vasto organismo de propagação, opera por meio da sugestão lenta e esqualda o espirito revolucionário de um modo insidiosos. Os chefes supremos e secretos semeiam no nas lojas secretas: estas transmitem-no às lojas inferiores, através das quais penetra nas instituições maçônicas filiaes (\*) e na imprensa que, por sua vez, se entorrega de o espalhar no publico. Incessantemente e durante o número de anos determinado, a sugestão continua, mais occulta e inatingivel do que uma ordem, opera na opinião, induzindo-a a descejar as reformas que matam as nações.

Em 1789 como em 1948, a Maçonaria, senhora, por breve espaço, do poder, não conseguiu realizar a sua tentativa de hegemonia. A sua ação fora demasiadamente rápida, instruida pela experiência, avança, agora, mais lenta e mais segura. Logo que julga a preparação revolucionária arrigada e sufficiente, cede o lugar às organizações de combate: carbonários, bolchevistas não ter participado do movimento e pode assim recenstar os continuam o seu trabalho obscuro e maléfico de vésperas rodar.

Como é, antes de tudo, uma associação secreta, nunca opera claramente. Todos conhecem a sua existência, os locais das suas reuniões, muitos dos seus adeptos, mas todos ignoram os seus verdadeiros intuitos, os seus meios reais e quem são os seus dirigentes.

(\*) Tais como a Liga do Ensino, a Liga dos direitos do homem, o Sindicato dos professores, a União dos combatentes republicanos, a Fraternidade do Cinema, etc.

A imensa maioria dos próprios maçons não sabe muito mais; é apenas o mecanismo cego da seita que serve por uma ambição (políticos e jornalistas) por interesse (homens de negócios, atores) por fanatismo convicto (idealistas cegos e sinceros) ou por temor.

Muitos entre eles são tão cegos e honrados, que ficariam mudos de espanto, se soubessem realmente para que fins são empregados. Como o segredo é a condição essencial do sucesso, a Maçonaria preza-o mais do que tudo e antes de tudo; e, sob este aspecto, a sua organização é maravilhosa.

#### IV — A organização oculta da Maçonaria

Baséando-nos nas observações feitas, julgamos poder afirmar que é dupla: a organização administrativa já descrita e a organização oculta, desconhecida da grande maioria dos próprios adeptos.

Na organização oculta, tudo tem por fim a conservação do segredo.

Não esqueçamos que, quando um maçom é nomeado para um grau superior:

I — E' nomeado definitivamente.

II — E' escolhido pelo grupo superior, que o chama a si, e não eleito pelo sufrágio de seus pares.

III — Seus antigos companheiros ignoram, muitas vezes, a sua nova dignidade, embora ele continue a frequentar oficialmente a loja.

Essas três condições dão a solução do problema, aparentemente incompreensível: o da transmissão invisível da vontade de um poder oculto que, insensivelmente, se apoderou da França.

Essa separação impermeável dos graus torna a Maçonaria uma superposição de associações secretas, na qual cada grau conhece a existência e os segredos do seu grupo e dos grupos inferiores, mas ignora o que se trama e se resolve no grupo imediatamente superior.

Um maçom só é escolhido, quando, depois de ter sido objeto de uma longa e secreta observação, é julgado digno de se elevar, não em virtude do princípio nivelador do sufrágio universal, mas pelo princípio autocrático do poder absoluto.

A medida que se sobe na hierarquia, o número dos altos

graus diminuem; a Maçonaria forma, pois, uma pirâmide com três superposições principais.

Na base vemos a Maçonaria azul ou de São João (aprendizes, companheiros e mestres) espécie de depósito em que são examinados e escolhidos os que irão formar a Maçonaria superior, outro estágio em que são submetidos à educação maçônica indispensável e ao contacto necessário para a difusão dos princípios maçônicos.

Em segundo lugar, vem a Maçonaria dos altos graus que, apesar do seu título, é ainda uma secção subalterna, via de comunicação e de ligação indispensável, para chegar à Maçonaria superior internacional, do género da Alta Venda Romana. A partir desse ponto, o mistério torna-se completamente opaco. A carta de Melegari revela-nos que, acima da Alta Venda, existe ainda um poder mais forte e mais misterioso. Mas ignoramos quantos degraus se devem subir, para alcançar a direção suprema.

Compreende-se, pois, facilmente como pode esse poder oculto transmitir, de modo invisível, a sua vontade por toda a pirâmide das lojas maçônicas.

Efetivamente, se dois ou três membros de um grupo superior se entenderem entre si e participarem da reunião de um grupo subalterno, conseguirão com facilidade que as suas sugestões sejam adotadas, pois a sua combinação prévia é ignorada pelos seus inferiores. E empregarão, para esse fim, todo o tempo necessário.

E' assim que as vontades se transmitem, por sugestão e não por ordem, porque uma imposição poderia revelar e comprometer a autoridade imediatamente superior e, através desta, a direção suprema.

Só quando o poder oculto se julga forte e inabalável, arrisca-se a ordenar claramente pelo trâmite da Maçonaria. E' o caso da França atual, em que vemos os nossos parlamentares receberem e executarem servilmente ordens dessa natureza. Essa superposição de associações secretas explica também a extraordinária conservação do mistério. O poder oculto conseguiu imprimir, nos cérebros maçônicos, uma verdadeira religião do segredo.

Essa disciplina é imposta com absoluto rigor, desde o acesso aos graus, mantida e renovada a cada elevação subsequente. Repetem-na incessantemente, embora a grande maioria dos ma-

cons não conheça nenhum segredo importante. Estabelece-se assim um estado de espírito especial que explica como os maçons, que, depois de vários anos, ascendem aos verdadeiros altos graus, nunca revelam os mistérios da ordem. Aliás, os perigos em que incorreriam aconselham a mais absoluta discreção.

Muito pouco sabemos acerca da Maçonaria superior. O Grande Oriente e a Grande Loja da França são secções do primeiro, segundo e terceiro grau. Acima dessa Maçonaria visível, há outra, compreendida entre o IV.º e XVI.º grau, cujos rituais são conhecidos, sendo entretanto ignorados os seus pontos de reunião, os nomes das lojas, os seus fins, e sua obra e a sua filosofia.

Parece que uma nova separação se estabelece entre o XVI.º e o XVII.º grau, que é, provavelmente, a base de uma Maçonaria superior, extensiva até ao XXXII.º grau e na qual, segundo todas as probabilidades, se encontra a direcção suprema e se faz a união internacional.

O XXXIII.º grau, novamente visível, é constituído pelos Conselhos supremos, cuja importância é, talvez, mais aparente do que real.

Além da Maçonaria propriamente dita, devemos mencionar as Maçonarias irregulares, tais como os Iluminados de Weishaus, os Ritos de Memphis e de Misraim, o *Ordo Templi Orientis*, dirigido por Aleister Crowley, sucessor de Teodoro Reuss, cujos graus em geral se vendem a preços estabelecidos.

Há ainda o *Ordem Universal dos Bnai Brith*, as grandes associações poderosas pela riqueza e pela influência, tais como a Rosa-Cruz da Califórnia, a tosenfia da sua, Annie Besant, estreitamente ligada ao Grande Oriente. Os adeptos são, muitas vezes, iluminados, ocultistas, fracos de espírito, mas, atrás deste, operam os membros sérios que sabem perfeitamente o que fazem, como Rodolpho Steiner cuja associação antroposófica tem uma organização potável, sendo o chefe um maçom de grande valor, muito superior aos vulgares antebelícos das lojas inferiores.

Há ainda as seitas quasi desconhecidas do público, como a dos Catsrthes (entre Albi e Béziers) ligada à igreja católica gnóstica, de ritual único. (Em muitas destas seitas ocultas, pratica-se o culto fílico).

Resumido, há um número extraordinário de associações e maçônicas cuja existência é, geralmente, ignorada do público,

mas cuja importância é, muitas vezes, real. Todas operam mais ou menos no mesmo sentido. As suas principais tendências foram resumidas nos seis princípios seguintes, correspondentes às seis pontas da estrela cabalística: (1)

**I Religioso** — Destruir e desacreditar toda fé cristã, pela filosofia, pelo misticismo e pela ciência empírica.

**II Moral** — Corromper a moralidade das raças ocidentais, por infiltração da moralidade oriental; enfraquecer os laços do matrimónio, destruir a vida familiar, abolir as sucessões e até os nomes de família.

**III Estético** — Culto da fealdade e da extravagância na arte, na literatura, na música e no teatro. Modernismo, orientalismo puro, degeneração.

**IV — Social** — Abolição da aristocracia, criação da plutocracia; tornar a riqueza a única distinção social; criar a revolta nos cérebros proletários, pela vulgaridade, pela corrupção e pela inveja, dando origem ao ódio de classe.

**V Industrial e financeiro** — Destruição do ideal do artífice; vulgarização e centralização; *cartel e trust*, preparando a abolição da propriedade particular e o socialismo de estado.

**VI Político** — Aniquilar o patriotismo e o orgulho de raça; estabelecer, em nome do progresso e da evolução, o internacionalismo, como ideal da fraternidade humana.

#### A UNIDADE DA MAÇONARIA

Chegámos, neste ponto, a uma objecção que os ingleses, por exemplo, não deixariam de fazer:

"O que dizeis é verdadeiro, quanto à Maçonaria dos países católicos, mas deixa de ser exacto, se se refere à dois países

(1) Ver-se *The Rosicrucian Order by Dargun*. Londres.

protestantes. A Maçonaria inglesa cortou toda relação com o Grande Oriente da França e não é revolucionária<sup>11</sup>.

Haverá, pois, duas Maçonarias, uma subversiva e outra observadora da ordem estabelecida?

O certo é que na aparência, todos têm razão. Mas vimos a imensidade da obra maçônica, sabemos que a Maçonaria é um conjunto de associações secretas, tendo cada uma a sua ação própria, uma ação que varia conforme os países, as épocas e as circunstâncias.

Vimos, finalmente, que o poder oculto, protegido pela Maçonaria visível, dirige e utiliza a seita, coordena todos os esforços e é o único que conhece o caminho a seguir, enquanto a imensa maioria dos maçons o ignora.

Isto explica que um maçon inglês ou americano possa, sinceramente, afirmar que a Maçonaria a que pertence não é subversiva. Dirá a verdade, mas só em relação ao ramo maçônico de que faz parte e por um espaço determinado.

O mesmo já ocorreu na França, em que vimos a Maçonaria mostrar-se, sucessivamente, monarquista, constitucional, revolucionária, imperialista, republicana, etc. Julgamos ter dado provas suficientes de que, atrás dessa aparência, o fim se conserva imutável e que o poder oculto, o único informado, sabe utilizar homens de opinião muito sã que ficariam estupefatos, se chegassem a descobrir a verdadeira obra em que, inconscientemente, colaboram. Estou persuadido de que a maioria dos maçons ingleses é sincera, como o eram quasi todos os maçons franceses, antes de 1789, mas isto não impede que o fim geral seja o mesmo, na Inglaterra como na França, tanto hoje como em 89. E' lícito admitir a existência de um laço comum que confere à Maçonaria mundial uma uniformidade de caráter, de intuítos e de religião.

Tem-se afirmado que há duas Maçonarias: a dos países católicos e a dos países protestantes. A guerra de 1914-1918 revelou circunstâncias ignoradas em que a suposta Maçonaria conservadora e religiosa preparava e apoiava as revoluções que sucederam à guerra, na Austria, na Húngria, na Alemanha, etc., operando geralmente de acordo com o Grande Oriente da França.

Resolvida a questão na Europa Central, restam os países anglo-saxónicos,

A escritora inglesa Webster desenvolve três argumentos que nos devem servir de base.

"Antes de tudo, embora seja formada pelos mesmos graus hierárquicos, a Maçonaria inglesa difere nos rituais, nos fórmulas, nas cerimônias e na interpretação dos textos e dos símbolos. Além disto, a Maçonaria inglesa é essencialmente honesta. Enquanto no Grande Oriente, através do célebre das cerimônias, o iniciado coopera para um fim que ignora e que mais tarde, muito tarde, lhe pode parecer absolutamente diverso do que julgava, na Maçonaria inglesa, embora só se adiante gradualmente no conhecimento dos mistérios da ordem, sabe, desde os primeiros passos, o intuito geral da Associação.

"Em terceiro lugar, a Maçonaria inglesa é principalmente filantrópica e as quantias que consagra às obras de caridade são inculcáveis. Desde o fim da guerra, as principais instituições maçônicas de beneficência receberam, anualmente, 300 000 libras esterlinas. Mas o ponto em que se deve insistir é que a Maçonaria inglesa se conserva rigorosamente estranha à política, não só em teoria como na prática, e define e repete continuamente esta asserção".

Ao que podemos responder: A questão dos ritos e da interpretação dos textos e dos símbolos é um ramo acessória e varia em diversos países, sem, entretanto, pôr em absoluto o fim primordial.

Pelo seu próprio mistério, toda associação secreta não dá prova de honradez. Para que tantos segredos, se só se quer praticar o bem? Este não tem necessidade de se ocultar assim. A força e o perigo da Maçonaria consistem em que, graças às fórmulas voluntariamente vagas que encobrem os seus verdadeiros intuítos, sabe oferecer a homens sinceros um ideal aceitável e até invejável, ao passo que, na realidade, os dirige intencionalmente para o que mais lhe convém. O indeterminado dessas fórmulas gerais confere à associação a flexibilidade necessária, para subordinar o seu procedimento às suas conveniências e às diversas circunstâncias.

Já ouvimos, muitas vezes, que a Maçonaria é filantrópica e não trata de política. E' exato... enquanto não deixar de ser. Assim foi sucessivamente, em toda a Europa. Os do-

cumentos maçônicos apreendidos em Budapest não nos dizem claramente, em termos indiscutíveis, que a filantropia é uma máscara que se abandona, no dia em que se torna supérflua, como se pode renegar a afirmação relativa à política, afirmação repetida na França, antes de 1789, na Europa, antes de 1918, com as conseqüências que sabemos?

Há, em favor da tese da sra. Webster, um argumento que ela não invocou: será possível admitir que personagens importantes, portadores de nomes célebres, sejam realmente agentes subversivos e anti-religiosos? De boa vontade nos inenharíamos perante esse argumento, mas, em todos os países europeus, a Maçonaria contou, nas suas fileiras, príncipes e reis que, iludidos e sinceros, ignoravam o que realmente se passava no mistério das lojas secretas, donde partia a verdadeira direção. E a história ensina que seus tronos foram destruídos pela mesma Maçonaria em que confiavam e que julgavam dirigir.

Atualmente, a Maçonaria inglesa não é subversiva, nem anti-religiosa. A maior parte dos maçons ingleses é formada de homens muito respeitáveis e os seus chefes aparentes são superiores a qualquer suspeita; isto não obsta a que a Maçonaria seja uma organização perigosa e essencialmente contrária ao catolicismo e ao cristianismo. Além disto, há nessa Maçonaria aparentemente conservadora infiltrações revolucionárias muito graves, reveladas por um autor inglês.

"Prosperam, na Inglaterra, associações ocultas como a seita teosófica da sra. Besant com as suas ordens da *Estrela do Oriente* e da *Missã Redonda*; estas, sob a direção de Krishnamurti, servem de veículo para a manifestação do seu Messias que deve revelar a verdade ao Mundo. Estão associadas aos maçons continentais e pretendem estar sob a influência direta dos Grãos-Mestres da Grande Loja Branca.

"Em fevereiro de 1922, a co-maçonaria, outro ramo da associação teosófica, celebrou a sua aliança com o Grande Oriente, no grande Templo do Direito Humano, em Paris.

"Deve-se citar também a associação Antroposófica de Rudolph Steiner, sob a Insignia da Rosa-Cruz, associada à Maçonaria continental e que, com o grupo da sra. Besant, invoca os Estados Unidos da Europa, sob a direção do Grande Oriente.

"Outra associação secreta ligada ao movimento do Dr. Steiner e que requer também a nossa atenção é a *Stella Matutina*, que se proclama "Ordem sublime e santa, destinado ao desenvolvimento espiritual da humanidade", sendo, na realidade, uma seita político-pseudo-religiosa de adeptos da alta magia.

"Um fato interessante revela o nexo existente entre o ocultismo e o comunismo.

"Em julho de 1899, reuniu-se, em Paris, o congresso intencional dos trabalhadores. A sra. Besant estava entre os delegados. Ao mesmo tempo, os marxistas realizavam o seu congresso internacional e a sra. Besant, muito aclamada, propôs a fusão das duas assembleias. Ainda em mesma ocasião, havia em Paris a reunião dos espiritistas cujos delegados eram hóspedes do Grande Oriente. O presidente dos espirítas, Denis, não ocultou que os três congressos haviam terminado por um entendimento mútuo, como se deprende desta sua declaração:

"Os poderes ocultos operam entre os homens. O espiritismo é um poder poderoso que se desenvolverá e originará a transformação das leis, dos ideais e das forças sociais. Exercerá uma influência notável sobre a economia e a vida pública." (1)

Esta breve descrição de algumas das associações secretas inglesas prova que são mais íntimas do que se pensa as relações entre a Maçonaria continental e a Maçonaria anglo-saxônica.

Em resumo, afirmamos a unidade mundial da Maçonaria, porque, se há diferença aparente de rito ou de direção, o caráter e o intuito são uniformes.

Essa uniformidade foi demonstrada:  
Pelos escritos e pelas afirmações maçônicas;  
Pelos fatos.

#### ESCRITOS MAÇONICOS, COMPROBATÓRIOS DA UNIDADE DA MAÇONARIA MUNDIAL

Os oradores e os autores maçônicos não se cansam de proclamar a universalidade da Maçonaria. Citamos alguns exemplos:

(1) *The Newsless Beal* por char. H. Russ, págs. 16, 17, 17. Boswell; Londres, 1922.

A Maçonaria é um corpo, uma instituição que abrange o mundo inteiro. Provem-no as afirmações mais claras das obras clássicas maçônicas. Na *Encyclopedia of Freemasonry*, à página 650, temos que a diferença de ritual não constitui uma obediência.

"O modo de sheir, de fechar ou de instalar uma loja, diz o Dr. Mackey, (1) de conferir os graus, além de outros deveres constitui um sistema de cerimônia denominado ritual. Este ritual é, na sua maior parte esotérico, e, como não pode ser escrito, é comunicado somente por meio de instruções verbais. A autoridade diretora exige que o ritual seja sempre o mesmo, mas pode apresentar diferenças, conforme os ritos e as jurisdições, fato que não altera a universalidade da Maçonaria. O ritual é apenas a forma exterior e extrínseca da doutrina maçônica, que é, em toda parte, a mesma. O corpo se conserva invariável, sempre e em toda parte. O ritual é o vestuário exterior que cobre o corpo e está sujeito a contínuas variações. Seria conveniente e preferível que fosse perfeito e idêntico, em toda parte. Mas se isto é, atualmente, impossível, consolemos-nos, pensando que, se as cerimônias e os rituais variaram em certas épocas e diferem ainda em diversos países, a ciência, a filosofia, o simbolismo e a religião são e serão os mesmos em todo lugar em que se praticar a verdadeira Maçonaria".

Os comentários poderiam apenas prejudicar a clareza desta doutrina.

(1) O Dr. Mackey, 31.º grau, Grão Mestre das lojas Royal and Secret Master da Carolina do Sul e Royal Arch do Chicago, secretário geral do Conselho Supremo da jurisdição maçônica meridional dos Estados Unidos, foi uma das autoridades maçônicas norte americanas.

A *Encyclopedia of Freemasonry*, edição de 1906, às págs. 616-617, se lhe refere nestes termos:

"A personalidade do Dr. Mackey, como historiador e escritor profundo e hábil em tudo o que concerne a Maçonaria, não tem rival entre todos os autores contemporâneos, exceto o venerável Dr. Olivier, na Inglaterra.

"A unidade mundial da Maçonaria está claramente provada nos *Landmarks* ou princípios essenciais da ordem. O XIV *landmark* está concebido nestes termos:

"Todo maçom tem direito de visita e de residência em toda as lojas regulares". (2)

"Esse direito, explica o Dr. Mackey, (3) é um *landmark* absoluto da ordem e foi sempre reconhecido como prerrogativa indiscutível de todo maçom que viaja pelo mundo, porque, as lojas são consideradas justamente divisões, organizadas para a comodidade da família universal.

"Todo maçom filiado e de boa reputação, acrescenta o mesmo autor, tem o direito de visitar qualquer loja e em qualquer parte, sempre que lhe pareça útil ou agradável e, nos termos da lei maçônica, esse direito denomina-se "direito de visita". Está classificado entre os mais importantes privilégios maçônicos, pois baseia-se no princípio de identidade, da Instituição maçônica, considerada como família universal, e põe em evidência a unidade conhecida: "O maçom pode encontrar um lar, sob todos os céus e um irmão, em todos os países". Esse direito é universalmente reconhecido há tanto tempo, que não hesitei em classificá-lo entre os *landmarks* da Ordem.

"Repetidas vezes ouvimos afirmar, nos termos mais claros e mais enfáticos, a unidade do corpo maçônico no mundo e vemos os Estados Unidos figurarem, no seu lugar, na lista alfabetizada maçônica, como a França, a Inglaterra, o México, a Alemanha ou qualquer outra região do globo. A Maçonaria é uma; o ritual e a jurisdição variam, conforme as cerimônias preferidas pelos irmãos e as conveniências da direção maçônica. E' o que atesta o nosso autor, tão claramente, de modos tão diversos, com tanta assiduidade e perseverança, que o maçom que pretendesse contestá-lo ficaria à verdade ou manifestaria uma completa ignorância da sua Ordem. A unidade de Maçonaria repousa nos *Landmarks* e está expressa nas suas leis, nos seus símbolos e nos seus emblemas. Foi proclamada pelos oradores e pelos escritores maçônicos a glória e o orgulho da Instituição. E' assunto dos brindes ordinários, nos banquetes

(1) *Masonic Ritualist*, pág. 247.

(2) *Encyclopedia of Freemasonry*, pág. 442.



maçônicos, e apontam-na frequentemente como uma das grandes vantagens temporais dos maçons". (1)

Essa unidade maçônica, afirmada em diferentes escritos, é incessantemente confirmada pelos fatos.

#### A UNIDADE DA MAÇONARIA COMPROVADA PELOS FATOS

Mais do que as palavras e os escritos, os fatos demonstram a universalidade da Maçonaria.

Seja qual for a sua nacionalidade, um maçon encontrará logo acolhimento e assistência, em qualquer loja do mundo, desde que seja conhecida a sua qualidade de adepto da Associação.

Congressos internacionais reúnem delegados das lojas de todas as regiões do mundo; um dos objetos mais frequentes de deliberação é a união maçônica mundial, a república maçônica universal, a começar pelos Estados Unidos maçônicos da Europa. (2)

Citemos especialmente o congresso Maçônico internacional de Paris, em 1900, cuja ideia predominante era a criação dessa república universal e ao qual, entre outros, o maçon Quartier-La-Trente, conselheiro de Estado do Cantão de Neuchâtel, expôs os meios de chegar ao acordo das forças maçônicas mundiais, para a vitória dos seus princípios e para a criação da república maçônica universal.

E, parafraseando Arquimedes, acrescentava: "Essa união universal das forças maçônicas será o ponto de apoio, graças ao qual conseguiremos levantar o mundo".

Durante a guerra, houve conferências internacionais e, segundo Wichtl, participaram dessas reuniões os delegados de certos países da Europa Central.

As comunicações com os impérios centrais faziam-se por meios disfarçados, tais como o Congresso da Paz de Stockholmo, a que assistiram especialmente maçons como Viktor Adler,

(1) A. Pross — Estudo sobre a Maçonaria americana, pág. 287; tradução pela Sociedade Internacional das Associações Secretas.

(2) Veja-se a esse respeito a mesma obra de A. Pross à pág. 286 e seguintes.

Brantig, Troelstra, Vanderveide e Scheidemann, que foi o portador da ordem de democratizar a Alemanha.

Em junho de 1917, realizou-se, em Paris, o célebre congresso em que se discutiram as condições de paz da Esteate. A todos esses congressos compareciam delegados das potências aliadas e dos principais países neutros.

Os poderes maçônicos estão em relação e auxiliam-se mutuamente em todo mundo. Há um exemplo:

Quando o governo de Budapeste interdiu a Maçonaria, depois da revolução judéo-bolchevista de Bela Kun, os maçons húngaros apertaram para os seus irmãos do mundo inteiro e estes responderam em massa. Vimos que a América estabeleceu, como condição para a realização de um empréstimo, o restabelecimento das lojas maçônicas e o empréstimo não se pôde realizar.

O Grão-Mestre italiano Torrigiani obteve, em Genebra, que os governos de todas as potências maçônicas fizessem pressão sobre a Hungria, em favor dos seus irmãos oprimidos. Em nome dos maçons franceses, o sr. Berthelot dirigiu uma carta ao conde Apponyi, chefe da delegação húngara da paz, rogando-lhe que intervisse, para decidir o governo húngaro a revogar a ordem de dissolução. Membros da missão diplomática inglesa de Viena e de Budapeste fizeram tentativas análogas, mas o governo respondeu, negando-se a restabelecer os maçons nos seus antigos privilégios.

E' supérfluo prolongar esta exposição; não é possível contestar a universalidade da grande instituição maçônica e podemos concluir com Pross:

"A Maçonaria é uma, em toda parte, não pelo rito, que é apenas de uma unidade acidental, não pela jurisdição, que depende igualmente da conveniência, nem pelos seus membros esotéricos, que são conservados na ignorância das doutrinas da Arte. A Maçonaria é uma, no seu espírito real e esotérico, uma no seu fim e no seu objeto; uma, em sua luz e suas doutrinas; uma, em sua filosofia e sua religião. Forma assim uma família, uma corporação, uma instituição. Forma assim uma ordem que tende, pela sua universalidade, a substituir o catolicismo instituído por Jesus Cristo." (3)

(3) A. Pross — Obra já citada, pág. 282.

## A INFLUÊNCIA JUDAICA NA MAÇONARIA

Vimos o que é a Maçonaria, na aparência e na realidade. Provimos a sua acção revolucionária e a sua unidade universal.

Qual é, então, a força directriz que a inspira?

Muitos responderão: a força judaica.

Chegamos à região interdita e ulcragível. Porque a questão judaica está indissolúvelmente ligada à Maçonaria.

Na época atual, judeus e maçons colaboram, no mundo inteiro, para a vitória da revolução universal. Nos diferentes países, os altos graus maçônicos são, na sua maior parte, occupados por judeus. (1)

Existem lojas exclusivamente judaicas, tais como as da famigerada ordem maçônica do *Osni Brith*, com sede em Chicago.

O experte judeu doutrina a Maçonaria e imprime-lhe essa ódio anti-cristão cuja pertinência seria, sem essa circunstância, inexplicável.

A Maçonaria sustenta e defende, em toda parte, os interesses judaicos.

De quando data essa aliança?

## A ORIGEM DA MAÇONARIA E OS JUDEUS

Defrontam-se duas teorias.

Uma ta de Gougenot des Mousseaux, de Copin Alban-celli) diz:

Os judeus criaram completamente a Maçonaria, para corromper os povos de civilização cristã e propagar, sob essa máscara, a revolução geral que deve dar origem ao domínio de Israel. A associação é apenas um instrumento e um meio nas mãos dos judeus.

O artigo do Dr. Isaac Wise, publicado na revista *O Irreconciliable*, a 3 de agosto de 1866, serve, para confirmar essa teoria:

"A Maçonaria é uma instituição judaica, cuja história,

(1) Não esqueçamos que, no período tão importante da guerra. Nithap era Grão-Mestre de Maçonaria Italiana e Kohn, Grão-Mestre da Maçonaria alemã, para citar só nomes bem conhecidos.

deveres, senhas e explicações são judeus, do princípio ao fim exceto um único grau secundario e algumas palavras na fórmula do juramento". (1)

A outra (teoria Webster, Wicht) diz:

A Maçonaria era, em princípio, uma instituição boa e séria, mas alguns agitadores revolucionários, principalmente judeus, aproveitando-se da sua organização secreta, infiltraram-se lentamente na associação, corrompendo-a e desviando-a do seu destino moralizador e filantrópico, a fim de a utilizar para intentos revolucionários; isto explica a circunstância de se haverem conservado intactas algumas das suas partes, como no caso da Maçonaria inglesa.

A respeito desta segunda teoria, podemos citar as palavras do judeu Bernardo Lazare, em *Antisemitismo*:

Quais foram as relações entre os judeus e as associações secretas? E' assunto difícil de elucidar, por falta de documentos sérios. Evidentemente os judeus não predominaram nessas associações, como pretendem os autores que acabo de mencionar, não foram necessariamente a alma, o chefe, o Grão-Mestre da Maçonaria, como afirma Gougenot des Mousseaux. Todavia é certo que houve judeus, no próprio berço da Maçonaria, judeus cabalistas, como o provam certos ritos que foram conservados; muito provavelmente, nos anos que precederam a Revolução Francesa, os israelitas entraram, em maior numero, nos conselhos das associações e fundaram elles próprios outras associações secretas. Houve judeus ao redor de Weishaupt; e Martinez de Pasqualis, judeu de origem portugueza, organizou, na França, numerosos grupos de illuminados e recrutou muitos adeptos aos quais iniciava no dogma da reencarnação. As lojas morthuozistas foram místicas, enquanto as outras ordens maçônicas eram antes racionalistas, o que permitiu que se disseminasse que as associações secretas representavam as duas faces do espirito judaico: o racionalismo pratico e o pantelimo, esse pantelimo que é o reflexo metafisico da crença em um Deus único teísta que é o reflexo cabalístico. Seria fiel demonstrar a concordância destas duas tendências, a aliança, de Ca-

(1) Citação extraída de Gregor Schwartz, *Bekehrung Die Freimaurerei*, 1911.

zotte, de Cagliostro, de Martínez, de Saint Martin, do conde de S. Germain, de Eckartshausen com os Enciclopedistas e os Jacobinos e o modo como, a-pesar-de serem opostas, chegaram ao mesmo resultado, isto é ao enfraquecimento do cristianismo. Mas isso serviria unicamente para provar que, se os judeus puderam ser últimos agentes das associações secretas, porque as doutrinas destas concordavam com as suas, não foram, contudo, os seus fundadores".

Logo, cada grupo expõe argumentos que se podem resumir assim:

### I.ª teoria

Os ocidentais de civilização cristã seriam incapazes dessa criação; a associação secreta é a manifestação de uma mentalidade oriental e anti-cristã; ora, a perfeita organização maçônica prova que os seus fundadores tinham uma grande experiência dos organismos dessa natureza. A universalidade da Maçonaria, a sua duração, a imutabilidade dos seus fins, explicáveis numa criação judaica, ao serviço de interesses judeus, tornar-se-iam incompreensíveis, se a sua origem fôsse cristã.

O próprio objeto da Maçonaria: destruição da civilização cristã revela o judeu, porque só ele pode lucrar com essa ruína, só ele nutre contra o cristianismo um ódio assaz violento, para ser capaz de criar semelhante instituição.

Os símbolos e os ritos maçônicos são de pura origem judaica.

### II.ª teoria

O principal argumento dos seus fatores é que a história não menciona os judeus, nas origens da Maçonaria, na qual só aparecem, em princípios do século XIX e que, ainda nessa época, os Israelitas não desempenhavam na seita um papel primordial. (1)

(1) Os que se interessam, podem ler os estudos de Copin, Alphonse, de Deschamps, de Gougenot, de Webster, de Jouin, de Wichtl, de Pinel, etc.

Em todo caso, sob este ponto de vista, a questão tem apenas interesse retrospectivo; o que nos importa é o resultado presente; saber como foi alcançado constitue uma questão secundária. Ora, o resultado não admite dúvidas. A Juden-Maçonaria está à frente do movimento revolucionário e a preponderância judaica na Associação parece indiscutível e resulta do raciocínio, das afirmações dos judeus e de numerosos fatos.

## DEMONSTRAÇÃO DO PREDOMÍNIO JUDAICO

### I — PELO RACIOCÍNIO

O principal argumento resume-se nisto:

A Maçonaria é uma associação secreta.

E' dirigida por uma minoria internacional.

Jurou ódio implacável ao cristianismo.

Estes três traços característicos são os mesmos que distinguem o judaísmo e provam que os judeus constituem o elemento diretor das lojas.

Os fins da Maçonaria só podem ser proveitosos aos judeus.

"... essas associações do ocultismo não têm, afinal, outro fim senão o das associações judaicas, de que são variantes com fisionomia quasi cristã; porque o pensamento que as dirige é o mesmo, e nós o sabemos, ainda antes que um acidente tivesse relevado a correspondência entre *Nabius* e *Piccolo Tigre*; porque todo o seu labor se limita e tóda a sua propaganda se applica a difundir idéias e a provocar fatos que devem causar a extinção da doutrina de Cristo, nas sociedades cristãs. Noutras palavras, o único objeto dos seus esforços é a vitória das idéias judaicas, proclamadas, sob o nome de *princípios modernos*, pelos próprios israelitas e cuja consequência deve ser a era messiânica, um dos seus votos fervorosos". (2)

Os judeus atacam tanto os que desmascaram a Maçonaria como os que revelam o judaísmo. (Veja-se, entre outros exemplos, o que succedeu à historiadora inglesa Webster, por causa dos protocolos). (3)

(1) Gougenot des Moussaux — O judeu, o judaísmo e a judaização dos povos. Pág. 241.

(2) N. H. Webster — The secret revolution, pág. 105.

Artur Preuss, na sua obra *Estado sobre o Maçonaria americana*, mostrou-nos que a associação extralra grande parte da sua filosofia da cabala judaica. Há, entre as duas, uma íntima afinidade que se pode resumir nestas citações do célebre Alberto Pike:

"A Maçonaria procura a luz. Esta investigação deriva diretamente da cabala. Nesse enredo antigo e obscuro de absurdo e filosofia, o iniciado encontrará a fonte de numerosas doutrinas; com o tempo, poderá chegar a compreender os filósofos herméticos, os alquimistas, os pensadores da Idade-Média contrários ao Papa e Emanuel Swedenborg. (1)

"Todas as verdadeiras religiões dogmáticas, acrescenta Pike, originaram-se da cabala e tendem a voltar para ela. Tudo o que há de científico e de sublime nas visões religiosas de todos os iluminados como Jacob Boehme, Swedenborg, Saint Martin e outros seculares, encontra-se na cabala; todas as associações maçônicas devem-lhe os seus segredos e os seus símbolos". (2)

## II — PELAS AFIRMAÇÕES DOS JUDEUS

Lembramo-nos das palavras de I. M. Wise: A Maçonaria é uma instituição judaica, etc.

O *Jewish World* publicava recentemente:

"Como podem os maçons honrar o rei Salomão e exprobar a um dos seus contemporâneos por ter nas veias o mesmo sangue que o rei?

"O respeito pelo rei Salomão deveria certamente inspirar-lhes simpatia por todos os que pertencem à nação de que ele era chefe glorioso.

"Esperamos ver cessar toda hostilidade dos maçons contra os judeus. Estranha-se que ela possa existir, quando se considera todo o que a Maçonaria deve ao que é essencialmente judeu". (3)

(1) A. Preuss — *Estado sobre Maçonaria Americana*, pág. 130.

(2) A. Preuss — *Essa obra*, pág. 173.

(3) *Jewish World* — Os judeus e a Maçonaria, 11 de maio de 1904.

Já em 1901, o maçom alemão Fiedel escrevia:

"Luta-se menos pelos interesses da humanidade do que pelos interesses e pelo domínio do judaísmo que, nessa luta, se revela como o poder dominante ao qual a Maçonaria tem de se submeter.

"Não há nisto nada que nos deva surpreender, pois, embora de modo oculto e cuidadosamente dissimulado, o judaísmo já é, de fato, o poder predominantemente em muitas lojas maçônicas.

"Relativamente à Alemanha, é preciso não esquecer que o judaísmo se tornou senhor dos mercados financeiros e comerciais, da imprensa política e maçônica e que milhares de alemães são, financeiramente, seus devedores". (1)

## III — PELOS FATOS

Descrever minuciosamente a preponderância judaica nas associações secretas, seria traçar a história da Maçonaria moderna e de todas as revoluções recentes. Um resumo completo desta questão excederia os limites que nos propuzemos. (2)

Lembremos dois exemplos recentes: as revoluções bolchevistas da Baviera e da Hungria. Os documentos divulgados naquela época foram apreendidos pelo governo húngaro, nas lojas de Budapeste, e não podem ser postos em dúvida. Já incluímos, nos capítulos anteriores, o seu resumo. Logo, é inútil insistir sobre a sua importância. Examinaremos mais tarde a ação da Judeu-Maçonaria, na revolução bolchevista da Baviera.

Podemos, pois, afirmar, com plena convicção, o seguinte: Existe uma aliança íntima entre os maçons e os judeus: embora não tenhamos nenhuma prova material absoluta, prova difícil de conseguir, em assunto tão misterioso, expuzemos um

(1) J. G. Fiedel — *Die Juden als Freimaurer*, 1901. Citado por A. Rosenberg "Der Weltkampf", janeiro de 1923, pág. 10. Munich.

(2) Vejamos entre outras as obras seguintes: Dr. Wichel — *Weltfreimaurerei*, cap. VIII. A. Rosenberg — *Das Verbrechen der Freimaurerei*, cap. IV. Moca. Junio — *Le péri Juifs-Maçonnique* (principalmente vol. III), etc.

conjunto de fatos que tendem a provar a preponderância da influência judaica na Maçonaria.

Para concluir o mesmo estudo sobre essa instituição citaremos esta frase de René Guénon:

"Não se ocultará, sob todos esses movimentos, alguma coisa mais temível, que os seus próprios chefes desconhecem e de que são, por sua vez, meros instrumentos?"

"Limitamo-nos a estabelecer este quesito, sem procurar dar-lhe, aqui, uma solução". (1)

## II

# JUDAÍSMO

(1) René Guénon — *Théosophisme*, edição de 1921, pág. 280.

Escrevendo o trecho referido, R. Guénon tinha em vista apenas a teosofia e seus filiais. Ele traduz tão bem a nossa opinião, que não hesitamos em estender-lhe o sentido à Maçonaria.

## INTRODUÇÃO A QUESTÃO JUDAICA

O estudo dos movimentos revolucionários levou-nos ao da Maçonaria; o estudo da Maçonaria levou-nos ao do judaísmo.

A questão judaica é muito complexa; eis o plano segundo o qual pretendemos tratá-la:

Exposição do problema.

Ação revolucionária dos judeus no mundo.

Organização do judaísmo.

Conclusão.

### EXPOSIÇÃO DO PROBLEMA

O judaísmo está ligado intimamente ao movimento revolucionário internacional que, sob formas diversas, se manifesta em todo o mundo.

Examinemos, pois, o papel da influência judaica no mundo moderno em geral e nas revoluções contemporâneas em particular.

"Enigma insolúvel, datando de mais de vinte séculos, o problema judeu é um dos mais temíveis que o futuro propõe à nossa época. Para tentar resolvê-lo, e talvez ainda em vão, é preciso, ao menos, procurar conhecer os seus elementos". (1)

Palavras corroboradas pelas de um judeu, Oscar Lévy:

"Não há, na terra, uma raça mais enigmática, mais fatal e, por consequência, mais interessante que a dos judeus.

"Todo escritor, que, como nós, se achar oprimido pelo aspecto do presente e embaraçado pela ansia do futuro, deve

(1) G. Bataillon -- O problema judeu, pág. 27.

testar esclarecer a questão judaica e a sua influência sobre a nossa época.

"Porque o problema judaico e sua influência sobre o mundo passado e presente têm um interesse fundamental e deveriam ser discutidos por todo pensador sincero, ainda que este assunto seja, como os indivíduos desta raça, complexo e inçadado de dificuldades". (1)

## PRIMEIRA PARTE

### A AÇÃO REVOLUCIONÁRIA DOS JUDEUS NO MUNDO

#### OS JUDEUS NAS REVOLUÇÕES MODERNAS

"Entre os espetáculos que nos proporemos estudar o próximo século (o século XX) devemos mencionar a resolução definitiva do destino dos judeus da Europa. Evidentemente, já que lançaram os seus dardos e trespassaram o seu Habison, só lhes resta tornarem-se senhores da Europa ou renunciarem ao seu domínio, como perderam o do Egito, ao tempo em que se encontraram na mesma situação".

(Nietzsche).

Há um antagonismo profundo entre os judeus e as outras raças; antagonismo ao mesmo tempo espiritual e étnico, proveniente de uma concepção radicalmente oposta da existência, antagonismo mais profundo do que supõem os que lhe notam apenas as manifestações exteriores.

Dispersos e reduzidos, há dois mil anos, à impotência, os judeus sempre foram revoltados rancorosos e, por consequente, encontrámo-los ligados a todas as revoluções modernas, de que são o elemento dirigente mais ativo.

O papel dos judeus, na revolução francesa de 1789, foi evidente, mas conhecemos a seu respeito poucas perspectivas: os trezentos nações da Constituinte lutaram com pertinaz enre-

(1) Oscar Lévy — Carta ao autor de *Significação mundial da Revolução russa*, G. Pitt-Rivers.

gã e renovaram quatorze vezes o ataque, afim de conseguirem, para os judeus, o direito de cidadãos. (\*)

Estudando a Maçonaria, vimos agir os judeus em tôdas as associações secretas promotoras das revoluções. Em regra geral, nos lugares em que a Maçonaria é ativa, o judeu pouco aparece, porque não faz questão de operar em plena luz.

A partir de 1848, a sua influência tornou-se cada vez mais visível, nas revoluções européas. O judeu Disraeli, primeiro ministro inglês, declarou que os israelitas são os promotores do movimento.

"O mundo é governado por personagens muito diversos dos que aparecem aos observadores cujo olhar não alcança os bastidores... essa poderosa revolução que presentemente se trama e se prepara na Alemanha, onde será, de fato, uma segunda reforma mais considerável do que a primeira e a cujo respeito a Inglaterra sabe tão pouco, desenvolve-se completamente sob os auspícios dos judeus".

E ainda:

"Pode-se seguir a influência judaica, nas últimas explosões revolucionárias da Europa. Manifestou-se uma revolta contra a tradição, a religião e a propriedade. A destruição do princípio semítico, a extirpação da religião judaica, sob a forma mosaica ou sob a forma cristã, a igualdade natural dos homens e a agregação da propriedade são proclamadas pelas associações secretas que formam os governos provisórios, e homens de raça judaica se encontram à frente de cada um deles. O povo de Deus colabora com os seus, os mais fervorosos acumuladores de riqueza aliam-se aos comunistas, a raça elcita marcha, de mãos dadas, com a ralé das castas inferiores da Europa: tudo com o intuito único de destruir essa cristandade, que lhes deve até o nome e cuja tirania se lhes tornou insuportável". (†)

Palavras confirmadas pelas de Bernardo Lazare:

Durante o segundo período revolucionário, que se inicia em 1830, mostraram-se mais ardorosos do que no primeiro. Estavam, aliás, diretamente interessados no movimento, pois, na maior parte dos Estados da Europa, não gozavam ainda da plenitude dos seus direitos. Alguns deles, que não eram revolucionários pelo raciocínio e pelo temperamento, foram-no por interesse; cooperando para a vitória da liberalização, trabalhavam para si. E' indiscutível que, com o seu ouro, a sua energia e o seu talento, sustentaram e secundaram a revolução européia... Durante aqueles anos, os seus banqueiros, os seus industriais, os seus poetas, os seus escritores, os seus tribunos, embora movidos por ideais bem diferentes, concorreram para o mesmo fim... Vemos-lhes implicados nos movimentos da jovem Alemanha, inscritos, em grande número, nas associações secretas que formaram o exército revolucionário combatente, nas lojas maçônicas, nos grupos dos carbonários, na Alta Venda romana e por toda parte, na França, na Alemanha, na Suíça, na Áustria, na Itália". (‡)

Muito longa se tornaria a relação minuciosa da ação judaica em tôdas as revoluções modernas; manifestou-se mais particularmente na Rússia onde, em virtude da interdição da Maçonaria, os israelitas não puderam operar sob a sua proteção.

O grande movimento revolucionário que varreu a Europa, logo depois da guerra, foi dirigido por judeus. Eram eles os chefes e recrutavam as suas forças nas infimas camadas do proletariado, à vinda de pilhagem, e entre os utopistas que se deixavam levar pela sua hábil propaganda.

Como o espartacismo alemão, o bolchevismo da Hungria foi um movimento judeu-maçônico, provado indiscutivelmente pelos documentos húngaros oficiais. (§)

"A 22 de março de 1919, foi proclamada a república húngara dos conselheiros; os seus chefes eram maçons, como o mi-

(\*) Vê-se a obra do Abbaud Lemann — *A estrada dos terríveis na sociedade*.

(†) *Vida de Lord George Bentinck*, publicada em 1852.

(‡) B. Lazare — *Antisemitismo*, pág. 241. Paris, L. Chailley, 1894.

(§) Arquivos apreendidos em Budapest — *Mimesis* Jouin — *O perigo judeu maçônico*, vol. III, pág. 24.



nistro da instrução pública, irmão Kuni, (leia-se Koha) o irmão Issai, ministro nacional dos conselhos, o irmão Pedro Agoston, o irmão Lasker, filho de um judeu milionário de Budapeste, e irmão Diemer (dênes zoltan) e principalmente o irmão Bela Kun (leia-se Koha) criminoso de primeira ordem que, ainda hoje, está sob a proteção especial do governo austriaco.

"O governo dos conselhos era composto de judeus. Mencionemos os mais conhecidos, para perpetuar-lhes a lembrança: o sanguinário Tibor Szamuely, (1) o presidente do conselho do governo, Alexandre Garbai, Joseph Pogany, pelo exército, Romai (Rosenstengel) pela justiça, Varga (Weichselbaum) pelas finanças, Vince (Weinstein) pela capital, Moritz Erdösi (Eisenstein) e Desso Biro (Eisenstock n.º 2) pela polícia, todos, todos judeus, excepto Garbai".

J. e J. Tharaud também escreviam:

"Além de Bela Kun, compunham o governo vinte e seis comissários. Dênes vinte e seis membros do poder, dezoito eram judeus, proporção inusitada, se considerarmos, que na Hungria, havia apenas 1.500.000 israelitas, sobre 22.000.000 de habitantes. Acrescentemos que os dezoito judeus tinham nas mãos

(1) Szamuely percorria a Hungria no seu trem especial. Leia-se este trecho da mesma autora da citação:

"Este trem do morte atravessa, rememorando, as noites da Hungria e, quando pára, corpos humanos escodem das árvores e o sangue corre pelo chão. Ao longo da via férrea, encontram-se frequentemente cadáveres nos e arrastados. Szamuely pronuncia as suas sentenças no próprio trem. Quem é obrigado a entrar no comboio, não tardará a sair e jamais costará o que vale.

Szamuely habita o constantemente. Tribos terroristas escolhi dos velam pela sua segurança. Carrancos especiais acompanham-no. O comboio compõe-se de três carros-salão, de dois carros de primeira classe, reservados aos terroristas, e de dois vagões de cereais, para as vítimas. E' nestes últimos que se realizam as execuções. O pavimento está coberto de sangue. Os cadáveres são atirados pelas janelas, enquanto Szamuely se observa ao seu carro-salão fureado de estê rosas e guarnecido de espelhos facetados. Um gesto da sua mão concede a vida ou a morte". (C de Turmy — O Heró presoário, pág. 204).

a direção efetiva do poder. Os oito comissários cristãos não passavam de comparsas.

"Em poucas semanas, Bela Kun e os seus amigos derribaram, na Hungria, a antiga ordem secular e vimos surgir, nas margens do Danúbio, uma nova Jerusalém, gerada pelo cérebro de Karl Marx e edificada, por mãos judias, sobre antiquíssimos princípios. (2)

"Depois de séculos e séculos, através de todos os desastres, o sonho messiânico de uma cidade ideal em que não haverá pobres nem ricos, onde reinara perfeita justiça e igualdade, não deixou de ser a obsessão de Israel. Nos seus guetos cobertos do pó dos velhos sonhos, os judeus selvagens da Galícia teimam em procurar, no céu, nas noites de luar, um signo precursor da chegada do Messias. Trotsky, Bela Kun e os outros continuaram, por sua vez, o sonho fabuloso, mas, cansados de procurar no céu esse reino de Deus inalcançável, tentaram estabelecê-lo na terra. A experiência demonstrou que, colocando-o nas nuvens, os seus antigos profetas eram muito mais bem inspirados". (3)

Segundo o testemunho de um neutro, eis uma passagem do relatório sobre as atividades revolucionárias, publicado pela comissão de legislatura de Nova York, presidida pelo senador Lusk:

"Não houve oposição organizada contra Bela Kun, que, imitando Lenine, cercou-se de comissários investidos de autoridade absoluta. Dos trinta e dois comissários principais, vinte e cinco eram judeus, proporção quasi análoga á da Rússia. Os mais importantes entre eles formavam um diretório de cinco membros: Bela Kun aliiás Koho, Bela Vago (Weiss), Joseph Pogany (Swary), Simon Koeni (Kunstatter) e outro. Outros dois chefes, Alpári e Szamuely, dirigiam o terror vermelho e, as execuções e as torturas da burguesia".

A mesma relação pública uma lista de 76 homens, perse-

(1) J. e J. Tharaud — *Politeira sobre Israel*, pág. 37. Marcelle Lussac, 1926.

(2) J. e J. Tharaud — *Quando Israel é rei*, pág. 110. Mon Nourrit, 1921.

guiões na América, sob a acusação de amargura criminosa, em princípios de 1920, sendo quasi todos nomes judeus.

A preponderância judaica, nas revoluções alemãs de 1918, é também indiscutível; ali, como em toda parte, foram os judeus os dirigentes e os estrategistas do movimento. A república dos conselhos de Munch era judia; basta citar, entre muitos outros, os nomes de alguns chefes: Liebknecht, Rosa Luxembourg e Kurt Eisner.

Após a queda do governo imperial, os judeus assumiram, em massa, a direcção do país.

O novo gabinete alemão era dominado pelos judeus Haase (Ministerio do Exterior) e Landeberg. O primeiro tinha, como assistentes, os judeus Kautsky, um tscheque que, em 1918, não era sequer cidadão germanico, Kohn e Herzfeld. O judeu Schäffer, assistido por Bernstein, era ministro da Fazenda. O judeu Preuss, assistido pelo doutor juden Freund, occupava o ministerio do Interior.

E' supérfluo lembrar a acção do presidente da república bávara dos conselhos, o judeu Kurt Eisner, chefe da revolução bolchevista de Munch.

"Onze miseros homens fizeram a revolução", dizia Kurt Eisner, na exaltação do seu triunfo ao seu colega, ministro Auer. "Parece-me justo conservar a recordação durável desses homens: são os judeus Max Lowenberg, o Dr. Kurt Rosenfeld, Caspar Wölzheim, Max Roschuld, Karl Arnold, Krauß, Rosenbek, Birnbaum, Reis e Kaiser.

"Esses dez homens e Kurt Eisner van Isrealovitch estavam à frente do "tribunal revolucionário da Alemanha". Todos eram maçons e pertenciam à loja secreta n.º 11, situada em Munch, na Brienerstrasse, n.º 51". (1)

Por outro lado, a opinião pública alemã accusava os judeus de terem contribuído para o desmoronamento da ordem social germanica, por meio do espirito bolchevista, da imprensa e da superintendência judaica sobre a alimentação e a industria do país.

Perante a violência da reacção popular e obedecendo pelo que parece, a uma ordem superior, os judeus abandonaram successivamente os principais cargos do governo, sem, entretanto,

renunciar à sua influencia sobre os poderes efectivos, finanças, imprensa, etc.

O judaismo prefere não apparecer claramente, e quando pode superintender o governo, deixa, de boa vontade, aos nativos do país o exercicio do poder. Só entra em luta com uma nação ou um governo, quando estes lhe impedem o dominio ou a exploração do país.

Vangloria-se, então, de fazer, como lhe parece, a guerra ou a paz, de reter nas suas mãos as rédeas do poder mundial ou de restaurar a ordem. Em caso de resistência, pode desencadear o bolchevismo.

A Rússia foi um dos casos de resistência; daí resultou a revolução bolchevista em que, enfim, a raça judia se manifestou claramente.

#### OS JUDEUS E O BOLCHEVISMO

Grandes esforços foram feitos, em toda parte, para nos persuadir de que o bolchevismo não é um fenómeno juden; infelizmente os fatos são evidentes. Não faltam, ahás, afirmações judaicas contrárias, e a circumstancia de não serem geralmente destinadas ao publico só lhes pode aumentar o valor.

Citemos algumas:

O *Jewish World*, de 10 de janeiro de 1929, publicava:

"Isso traz-me à lembrança o que escrevia Mentor, no *Jewish Chronicle*, na época da revolução russa. — Efenovamente é em substância, o que o sr. Cox afirma agora.

"Depois de provar que, em virtude da implacável tirania dos seus adeptos, o bolchevismo constituía uma séria ameaça para a civilização, Mentor observa:

"Todavia é, na sua essência, a revolta dos povos contra o estado social, contra o mal e as iniquidades que culminaram no catolicismo da guerra que, durante quatro annos, devastou o mundo.

"E continava:

"O fato do próprio bolchevismo, a circumstancia de tantos judeus serem bolchevistas e do ideal bolchevista coincidir, em

(1) *Mons. Joule* — Obra já citada. Vol. I, pág. 141.

muitos pontos, com o mais sublime ideal judaico, que forma, em parte, a base dos melhores precitos do fundador do cristianismo, têm uma grande significação que todo judeu sensato examinará religiosamente". (2)

Discursando, em Nova York, em 1919, o rabino J. L. Magnes pronunciou estas palavras:

"Quando um judeu dedica o seu pensamento, toda a sua alma à causa dos operários, dos espoliados, dos desherdados deste mundo, a sua qualidade fundamental é chegar até aos abertores das cousas. Na Alemanha, torna-se Marx ou Lassalle, Haas ou Eduardo Bernstein; na Austria, Vitor ou Frederico Adler; na Rússia, Trotsky. Considero um instante a situação atual na Alemanha e na Rússia, em que a revolução libertou as forças criadoras, e admirai o número de judeus que estavam preparados para o serviço ativo imediato. Revolucionários socialistas, mensheviks socialistas da maioria ou da minoria, seja qual for o nome que lhes dêem, todos são judeus e encontram-se, como chefes de gregários, em todos os partidos da revolução".

No jornal comunista de Kharkoff, em abril de 1919, o sr. Cohen escrevia:

"Pode-se afirmar, sem exagêro, que a grande revolução russa foi obra dos judeus. A massa soezurna e oprimida dos operários e dos camponeses russos conseguiu, por si só, sacudir o jugo da hungaria?"

"Não; foram principalmente os judeus que levaram o proletariado russo à zureira da internacional, e não só guisaram, mas continuam a dirigir a causa dos Sovietes que conservaram nas suas mãos".

Aliás, o livro branco inglês continha o trecho seguinte, escrito pelo ministro da Holanda que representava, na Rússia, os interesses britânicos e inserido na relação enviada, de Christiania, por Sir M. Finlay a Balfour, em 17 de setembro de 1918:

(2) Os idees do bolchevismo. Jewish World, janeiro de 1921, n.º 1112.

"Julgo que a supressão imediata do bolchevismo é atualmente a tarefa mais importante do mundo, sem excluir a própria guerra, que continua as suas devistações. A não ser que, como recomendo, o bolchevismo seja sulocado imediatamente e no embrião, não deixará de se espalhar na Europa e no mundo inteiro, sob formas diversas, porque é organizado e armado por judeus que não têm nacionalidade e cujo único fim é destruir, em seu proveito, a ordem atual. O único meio de afastar esse perigo seria uma ação coletiva de todas as potências". (3)

A esse texto afirmativo juntemos alguns fatos:

A lista completa do pessoal dirigente sovietico foi publicada principalmente pela associação *União de Rússia de Nova York*, em 1920, com o seguinte prefácio:

"A pergunta: "Quem governa a Rússia?" recebe uma resposta categorica com a simples enumeração dos funcionarios responsáveis pelo governo irresponsável dos Sovietes. Os dados contidos neste impresso foram extrahidos cuidadosamente dos órgãos officiaes bolchevistas, com *Inventis, Gatos Traídos, A Gazeta Vermelha* e outros. O fato fundamental é incontestável. O juncionalismo sovietico está quasi completamente nas mãos dos judeus e dos judias, e o número de russos que participam do governo é ridiculamente diminuto. É impossível esquivar este fato, que se eleva, como uma advertência solente, perante os países e os Estados que se denominam cristãos e acreditam em sistemas nacionais de existência opostos ao internacionalismo ilimitado, ao qual a raça judia é o poder predominante".

Sendo a lista demasiado longa, transcrevemo-la em resumo: (4)

(1) Rússia n.º 1 — Coleção de relações sobre o bolchevismo apresentadas ao Parlamento por ordem de S. Magestade, abril de 1919. Passagem imprimida na edição apresentada ao P. Inglês.

(2) Foi reproduzida em francez por Maza Josse na obra já citada. Vol. II, pág. 109.

	Membros	Judeus	Porcentagem %
Conselho dos comissários do povo.....	22	17	77,3
Comissariado da Saúde.....	43	23	79,7
Comissariado do Exterior.....	18	13	91,7
Fazenda.....	34	24	90
Justiça.....	21	20	95
Instrução pública.....	55	40	73,3
A Assistência social.....	6	6	100
Trabalho.....	8	7	87,5
Cruz Vermelha bolchevista: em Berlim, Viena, Varsóvia, Bucareste, Copenhague.....	8	8	100
Comissários provinciais.....	23	21	91
Jornalistas.....	41	41	100

Transcrevemos também a lista dos Altos Comissários do povo (1919):

*Pseudônimo: Verdadeiro nome:*

Lenine.....	Oulianoff, russo, filho de judeus.
Trotsky.....	Bronstein..... Judeus.
Stekloff.....	Nacharness..... Judeus.
Martoff.....	Zederbaum..... Judeus.
Goussieff.....	Drapkine..... Judeus.
Kameneff.....	Rosenfeld..... Judeus.
Sokolianoff.....	Ghisserer..... Judeus.
Lagesky.....	Krachmann..... Judeus.
Bogdanoff.....	Silberstein..... Judeus.
Goreff.....	Goldmann..... Judeus.
Duritzky.....	Radomislsky..... Judeus.
Valodarsky.....	Kohen..... Judeus.
Sverdloff.....	Sverdloff..... Judeus.

*Pseudônimo: Verdadeiro nome:*

Kankoff.....	Katz.....	Judeus.
Ganezky.....	Furstenberg.....	Judeus.
Dann.....	Gourevitch.....	Judeus.
Mashkovsky.....	Goldberg.....	Judeus.
Parvovs.....	Gelphann.....	Judeus.
Rosnoff.....	Goldenbach.....	Judeus.
Martinoff.....	Zimbar.....	Judeus.
Tchernomorsky.....	Tchernomordick.....	Judeus.
Piatnitsky.....	Lavine.....	Judeus.
Adramovitch.....	Rein.....	Judeus.
Lbinszoff.....	Bleichmann.....	Judeus.
Zverditich.....	Fenstein.....	Judeus.
Radek.....	Sohelson.....	Judeus.
Litvinof.....	Finkelstein.....	Judeus.
Lomatcharsky.....	.....	Russo.
Kolonai.....	.....	Russo.
Peters.....	.....	Letônio
Maclakowsky.....	Rosenblum.....	Judeus.
Lapinsky.....	Levenson.....	Judeus.
Vahroff.....	Natanson.....	Judeus.
Ortodoks.....	Alexandre.....	Judeus.
Garine.....	Gerfeldt.....	Judeus.
Glasounoff.....	Schulze.....	Judeus.
Lebedieva.....	Linsom.....	Judia.
Ioffe.....	Ioffe.....	Judeus.
Naout.....	Ginsburg.....	Judeus.
Kamensky.....	Hoffmann.....	Judeus.
Zaporsky.....	Krachmalnik.....	Judeus.
Iszoeff.....	Gelmann.....	Judeus.
Vladimiroff.....	Feldmann.....	Judeus.
BrunnKoff.....	Fomstamensky.....	Judeus.
Masoulsky.....	.....	Judeus.
Larine.....	Lomrié.....	Russos.
Krassine.....	.....	Russo.
Tchücherice.....	.....	Russo.
Goukovsky.....	.....	Russo.

Num total de 545 membros, a administração bolchevista compreende:

- 447 judeus.
- 30 russos.
- 34 letónios.
- 22 arménios.
- 12 alemães.
- 3 finlandeses.
- 2 polacos.
- 1 checos.
- 1 karaim.
- 1 georgiano.
- 1 imeretiano.
- 1 biárgaro.

Estes fatos são universalmente conhecidos; o que nem todos sabem é que o judaísmo, em massa compacta, apoiou o bolchevismo.

Os meios necessários para custear a revolução russa foram fornecidos, em parte, por financeiros e banqueiros judeus.

A. Natchevodoff, tenente-general do exército imperial russo, publicou, em 1924, o que se segue:

"Em 1916, o Estado-Maior do Generalíssimo russo recebeu de Nova York um relatório secreto, enviado por um dos seus agentes. Esse relatório, datado de 15 de fevereiro de 1916, dizia, entre outras coisas:

"O partido revolucionário russo na América resolveu irrevocavelmente passar à ação. É preciso, em consequência, prever a todo momento revoltas prováveis.

"A primeira reunião secreta, que assinala o princípio de uma era de atos violentos, realizou-se segunda-feira, 14 de fevereiro, no bairro oriental (East side) de Nova York. Sóbe um total de sessenta e dois delegados convocados, cuatros eram veteranos da revolução de 1905 e os restantes, adeptos novos. A maior parte dos assistentes eram judeus, sendo muitos dentre eles pessoas instruídas, doutores, jornalistas, etc. Havia também alguns revolucionários profissionais.

"O princípio desta primeira reunião foi consagrado, quasi inteiramente, ao exame dos meios e da possibilidade de provocar na Rússia uma grande revolução, visto que o momento é dos mais favoráveis.

"Foram comunicadas informações secretas recebidas da Rússia, segundo as quais a ocasião seria inteiramente propícia, porque todos os acordos preliminares, para uma feituração imediata, já foram concluídos.

"O único obstáculo sério parecia ser o dinheiro, mas, logo que se levantou esta questão, certos membros da reunião annunciaram à assembléa que ela não devia suscitar nenhuma hesitação, pois, desde que fosse necessário, importâncias consideráveis seriam dadas por pessoas partidárias do movimento em prol da libertação do povo russo. E o nome de Jacob Schiff foi pronunciado várias vezes.

"O número de 23 de setembro de 1919 do jornal *A Mosca*, publicado em Rostow sobre o Don, fornece informações excepcionais, tanto pela sua importância como pela fonte d'onde provém, sobre a ação de Jacob Schiff na revolução de 1917.

"Segundo as declarações do referido jornal, esses dados representam um documento oficial proveniente do Alto Comissário do Governo Francês em Washington: "A autenticidade deste documento é indubitável, visto que foi extraído dos arquivos de uma das altas instituições do Governo da República Francesa". O mesmo documento (spanderaço I-VIII) foi citado em 1920, num suplemento do jornal *Paris France*, publicado em Paris, intitulado *Os Protocolos* em que se diz: "Todos os governos da Entente conheciam o memorial composto com os dados do Serviço Secreto americano e transmitido, em tempo, ao Alto Comissário da França e a todos os seus colegas".

O memorial data de principio de 1919. Eis o seu texto:

97-518-6  
Np. 912—S. R. 2  
II

Transmitido pelo Estado  
Maior do Exército.  
II Gabinete.

## BOLCHEVISMO E JUDAISMO

Nota estabelecida pelos serviços oficiais americanos (transmitida pelo Alto Comissário da República Francesa nos Estados Unidos).

"I — Em fevereiro de 1916, soube-se, pela primeira vez, que uma revolução se preparava na Rússia. Descobriu-se que as pessoas e as firmas abaixo indicadas estavam ligadas a esta obra de destruição:

- I — Jacob Schiff, judeu.  
 II — Kuhn Loeb e C.<sup>a</sup>, firma judia.  
 Diretores:  
 Jacob Schiff, judeu;  
 Félix Warburg, judeu;  
 Otto Kahn, judeu;  
 Martinier Schiff, judeu;  
 Jerónimo H. Haasner, judeu.  
 III — Gugenheim.  
 IV — Max Breitung.

"E' indubitável, por conseguinte, que a revolução russa, que estava um ano depois, foi promovida e fomentada claramente por influências judaicas.

"Efectivamente, em abril de 1917, Jacob Schiff fez uma declaração pública, afirmando que a revolução russa fora realizada em virtude do seu concurso limitado.

"II — Na primavera de 1917, Jacob Schiff começou a comanditar Trotsky (judeu), para promover na Rússia a revolução social. O jornal de Nova York, *Forward*, diário juden-bolchevista, também contribuiu com a sua cotização para o mesmo fim.

"De Stockholmo, a judeu Max Warburg comanditava igualmente Trotsky e C.<sup>a</sup> que também contavam com o concurso do Sindicato Westphalia-Reno, importante sociedade judia, do banqueiro Olof Auelberg, do Nye Banken de Stockholmo e do judeu Jivotovskiy, sogro de Trotsky. Assim se estabeleceram as relações entre os multimilionários e os proletários judeus.

"III — Em outubro de 1917, realizou-se na Rússia a revolução social, assumindo os Sovietes a direcção do povo russo.

Nestes sovietes distinguiram-se os indivíduos seguintes: (Segue-se a lista já citada dos membros judeus do governo russo).

"Ao mesmo tempo, o judeu Paulo Warburg mantinha francamente relações tão íntimas com personagens bolchevistas, que não foi escolhido para o *Federal Reserve Board*.

"IV — Entre os antigos inimigos e os agentes dedicados de Jacob Schiff, figura o colosso Judas Magnes, vigoroso propagandista do judaísmo internacional; e um judeu chamado Jacob Milkow declarou, um dia, que Magnes é profeta.

"Em princípios de 1917, o referido profeta fundou a primeira associação verdadeiramente bolchevista, sob a denominação de Conselho do Povo, e a 24 de outubro de 1918 declarou, em público, ser bolchevista e concordar plenamente com os judeus e as doutrinas do bolchevismo.

"Essa declaração foi feita numa reunião da comissão judaica da América, em Nova York. Jacob Schiff reprovou as ideias de Judas Magnes e este para não sofrer a opinião pública, retirou-se da comissão. Todavia Schiff e Magnes continuaram, em perfeita harmonia, como membros do conselho administrativo da Kehilla (Kahal) judaica.

"V — Judas Magnes, comanditado por Jacob Schiff, manteve, por outro lado, relações íntimas com a organização sionista universal Poale, de que foi director e cujo intuito final é estabelecer a hegemonia internacional do partido trabalhista judeu; e aqui se define novamente a relação entre multimilionários e proletários judeus.

"VI — Há algumas semanas, rebentou na Alemanha a revolução social, simultaneamente, uma judia, Rosa Löwenbourg, assumiu a direcção pública da revolta e um dos principais chefes do movimento bolchevista internacional é o judeu Haase. Actualmente a revolução desenvolve-se na Alemanha, seguindo as mesmas direções observadas na Rússia.

"VII — Se considerarmos que a firma judia Kuhn Loeb e C.<sup>a</sup> mantém relações com o Sindicato Westphalia-Reno, firma judia da Alemanha, com os Irmãos Lazare, firma judia de Paris, com o Banco Comenbourg, estabelecimento judeu de Petrogrado, Tokio e Paris, se notarmos mais que as casas judias acima indicadas estão ligadas nos estabelecimentos judeus Speyer e C.<sup>a</sup> de Londres, Nova York e Frankfurt sobre o Reno e com o Nye Banken, casa juden-bolchevista de Stockholmo, veremos

que o movimento bolchevista é, numa medida determinada, a expressão de um movimento judaico e que certas casas bancárias judias estão interessadas na organização do referido movimento". (1)

Os nomes citados não são apenas individualidades independentes, operando por conta própria e não sob a responsabilidade do judaísmo.

Vejamos o que, sobre isto, afirma Pitt-Rivers, no seu livro, *A significação mundial da revolução russa*:

"Os judeus ocidentais pretendem, com alguma razão, que, no seu todo o judaísmo é muito oposto ao bolchevismo; embora esta afirmação seja, em grande parte verdadeira, porque os chefes bolchevistas que são principalmente judeus não pertencem à Igreja judaica ortodoxa, pode-se, sem incorrer na acusação de antisemitismo, expor este facto evidente: no seu conjunto, o judaísmo, consciente ou inconscientemente, cooperou para estabelecer um despotismo material económico internacional que, aliado ao puritanismo, tende cada vez mais a atenuar os valores nacionais, substituindo-os pelo mecanicismo brutal e desmoralizador da finança e da indústria.

"É certo que o judaísmo, no seu todo, empregou todos os esforços, para provocar o desmoronamento da Rússia monárquica que considerava o obstáculo mais formidável às suas ambições e aos seus diversos instintos; pode-se admitir igualmente a tese, segundo a qual, individual ou colectivamente, a maior parte dos judeus pode detestar cordialmente o bolchevismo; todavia o judaísmo influencia, com todo o seu peso, na balança revolucionária, contra o governo do Tzar.

"É verdade que os judeus apóstatas, que ora exercem o governo, podem ter ultrapassado as ordens. É um facto des-

(1) Este importante documento, reproduzido pelo general Netchvolodoff, teria sido publicado, pela primeira vez, em 1916, em documentos estelinos. Foi reproduzido várias vezes. Encontrei diversas confirmações. Entre outras, citei a do Times, de 9 de fevereiro de 1918, e dois artigos de Samuel Gompers no New York Times, de 1.º de maio de 1903 e de 31 de dezembro de 1922, em que se fala do apoio ao comunismo por parte da alta finança e mencionam-se Kahn e Warburg.

concertante, mas não altera as circunstâncias. É provável também que os judeus, vítimas, muitas vezes, do seu idealismo, tenham cooperado para acontecimentos que, no seu íntimo, não podem aprovar. E', talvez, a maldição do Judeu errante". (2)

Numerosos escritores judeus como Bernardo Lazare, Alfredo Nossig, Kadmi-Cohen, assinalaram a concordância entre os dois polos do judaísmo: o capitalismo judeu internacional e o comunismo.

Depara-se-nos, por conseguinte, este enigma: Como é possível explicar que os judeus em geral e grandes financeiros judeus em particular espalhem e subvencionem, em toda parte, o socialismo e o bolchevismo, destruidores do capital que é uma das suas forças?

A resposta é que, incompreensível os não, o facto existe. É claro que os judeus assim procedem, em seu proveito, e provavelmente sofrerem da nossa ingenuidade.

Leia-se o trecho seguinte de Jorge Bonault:

"O regime mais propício ao desenvolvimento da luta de classe é o regime demagógico, igualmente favorável às intrigas da finança e da revolução. Quando essa luta se desencadeia sob formas violentas, os chefes das massas não reis, mas o dinheiro é deus; os demagogos dominam as multidões, mas os financeiros são senhores dos demagogos e, em último recurso, a riqueza difusa do país, os bens rurais e os bens imóveis, pagam, enquanto duram, as custas do movimento.

"Quando prosperam os demagogos, no meio dos escombros da ordem política e social e das tradições destruídas, o ouro é o poder único e representa a medida de todas as coisas; é onipotente e reina sem contra-peso, em detrimento da pátria, da cidade, da nação ou do império que esm, finalmente, em ruínas.

"Dir-me-eis: dê-se modo, não trabalham os financeiros contra si próprios? Alterando a ordem, não destroem a fonte de toda riqueza? Pode ser verdade, mas, enquanto os Estados, cujos anos se contam pelas gerações humanas, são obrigados, para garantir a sua existência, a conceber e a praticar uma

(2) G. Pitt Rivers — *A significação mundial da revolução russa*, pág. 26. Blackwell, Oxford, 1921.

política a longo prazo, em vista de um futuro remoto, a Finança, que se entre do imediato e do tangível, procura resultados e sucessos rápidos, sem se preocupar com o *avassal* da história". (1)

É preciso não esquecer que há duas espécies de capitalistas: os proprietários, os industriais e outros, geralmente cristãos, e os financeiros internacionais, principalmente senão exclusivamente judeus. A desordem social, fatal aos primeiros, proporciona aos últimos cessões de lucros.

"Do ponto de vista estritamente financeiro, os acontecimentos mais desastrosos da história, guerras ou revoluções, nunca são catastróficos; os manipuladores do dinheiro podem tirar proveito de tudo, desde que estejam informados com antecedência. É certo que os judeus, espalhados por toda a superfície da terra, estão, sob este aspecto, particularmente em boa situação". (2)

Os judeus têm, aliás, um motivo pessoal de apoiar o socialismo: Um deles, Weisinger, explica porque há tantos judeus comunistas:

"O comunismo não é só uma doutrina internacional, mas implica o sacrifício da verdadeira propriedade, especialmente agrária; e como os judeus são internacionais, nunca se afeiçoaram à verdadeira propriedade. Preferem o dinheiro, que é um instrumento de poder".

A suposta ditadura proletária favorece a ditadura dos judeus. Estes não querem destruir o capital, mas tornar-se os seus únicos senhores.

O coletivismo não é, por consequente, um movimento popular, nem um fim. É um meio de destruição.

Os que o dirigem (salvo alguns judeus fanáticos, que julgam o mundo com o cérebro e não com a alma) sabem, melhor do que ninguém, que o sistema não pode vingar; foi expe-

(1) J. Batault — *O problema judeu*, pág. 267.

(2) J. Batault — *O problema judeu*.

rimentado diversas vezes, nas melhores condições possíveis, e o seu insucesso foi rápido e completo. (1)

Pode funcionar, unicamente, no caso de uma comunidade religiosa que tenha renunciado a todo interesse terrestre, ou de nômades que vivam dos seus rebanhos, em vastas regiões desabitadas. Em lugar de ser um progresso, é um regresso à forma de organização mais primitiva. Uma nação moderna, bolchevizada, morrerá de fome. Tomemos como exemplo a Rússia, celeiro da Europa, antes da guerra e depois devastada pelas fomes periódicas, enquanto se aplicou o bolchevismo à agricultura. Que seria na Inglaterra ou na Alemanha?

Dizem-nos que o socialismo é a revolta dos proletários oprimidos pelo capitalismo, a insurreição dos que não têm contra os que possuem.

A este respeito, notemos, de passagem, que o dinheiro parece estar mais do lado dos proletários. Com efeito, as organizações anti-revolucionárias lutam continuamente com falta de recursos, ao passo que esta dificuldade parece não existir, para os partidos socialistas revolucionários que dispõem, aparentemente, de recursos ilimitados.

O socialismo não é, aliás, um movimento popular.

"O intelectual socialista pode falar nas maravilhas da nacionalização, na alegria de trabalhar para o bem comum, sem esperança de lucro pessoal; o trabalhador revolucionário não encontra nisso o menor atractivo. Possa-lhe a sua opinião sobre a transformação social; responderá geralmente em favor de um método qualquer, que lhe permitirá conseguir alguma coisa que não possui. Não quer ver o automóvel do rico socializado pelo Estado, mas deseja-o para si".

"O trabalhador subverbal não é, portanto, socialista; é anarquista e isto deve parecer-nos natural. O que nos deveria

(1) Veja-se, entre outras, na obra de Webster as tentativas de aplicação do socialismo feitas por Etlissa Cabel e William Lanz, no Texas e no Paraguay. Webster — *The world revolution*, págs. 116-171.



surprender seria, pelo contrário, vê-lo renunciar, voluntariamente, a esperança de possuir, um dia, alguma coisa". (1)

Logo, o coletivismo (socialismo, comunismo) não é um movimento popular, nem um fim: é um meio, um magnífico meio de destruição.

A autocracia zarista era o último impedimento material (há ainda um obstáculo moral: Roma e as religiões) à vitória do imperialismo judaico.

"A Rússia era o único país do mundo cuja classe dirigente opunha uma resistência organizada ao judaísmo mundial.

"À frente do governo estava um autócrata, livre de toda pressão parlamentar; os dignitários eram independentes, ricos e tão impregnados de tradições políticas e religiosas, que, com raras exceções, o ouro judaico nenhuma influência exercia sobre eles.

"Os judeus não eram admitidos no exército, nem entre os funcionários do Estado e da magistratura.

"Além disto, a classe dirigente não dependia do capital judaico, porque possuía enormes riquezas territoriais. A Rússia tinha superabundância de trigo e completava perpetuamente a sua provisão de ouro, nas minas do Ural e da Sibéria. A reserva metálica do Estado ascendia a quatro bilhões de roubles, sem contar as riquezas acumuladas da família imperial, das ordens religiosas e da propriedade particular. Apesar da sua ressamada indústria, sem depender de nenhuma importação, a Rússia podia prover às suas necessidades.

"O conjunto dessas condições tornava impossível a subordinação daquele país ao capital judaico internacional, pelos processos aplicados com êxito na Europa ocidental.

"Se acrescentarmos que o império moscovita continuava a ser o depositário das tradições religiosas e conservadoras do mundo, que, com o auxílio das suas forças armadas, defendia os mais sérios movimentos subversivos e que não admitia, no seu território, nenhuma associação política secreta, compre-

(1) Webster — Associações secretas e movimentos subversivos, pág. 337.

enderemos a razão da guerra movida pelo judaísmo mundial ao império russo". (1)

A Rússia era um obstáculo que o bolchevismo conseguiu abater. Na revolução soviética, o aspecto propriamente russo foi a anarquia dos primeiros tempos, o saqueio e a ocupação das terras. Essa anarquia cedeu depressa o lugar à organização judaica. Hoje, a começar pelos anarquistas eslavos, quasi totalmente exterminados pelos bolchevistas judeus, os russos não têm direito de opinião no seu país.

A luta de Bakounine contra Karl Marx era a luta de dois princípios e de duas raças: a anarquia contra o comunismo, os eslavos contra os judeus.

"Nunca se repetirá bastante que, desde o princípio, o bolchevismo não foi somente um movimento político, mas teve por fim a reforma da humanidade. Quis transformar o homem na sua existência comum, nos seus costumes, nos seus hábitos e na sua fé; todos os seus sentimentos e idéas tiveram de se adaptar à circunstância de que, desde essa época, um novo tipo de homem iria povoa a Rússia". (2)

Devemos saber, com efeito, que há uma ideologia do socialismo e que este só triunfou na Rússia, em virtude do fanatismo e do zelo dos seus precusores, Lenine, Trotsky e outros. Para compreender claramente o bolchevismo, é preciso ter presente a mescla característica da alma judaica: de um lado, o idealismo messiânico fanático que pretende dirigir a humanidade, impondo-lhe as concepções judaicas, e do outro, o senso prático mais materialista e mais prudente. Devemos ao primeiro o socialismo internacional, (3) ao segundo, a atual civilização econômica, em que o ouro é rei. O fanatismo justifica o bolchevismo, o sentido dos negócios explica o apólo conce-

(1) Artigo de A. Rosenberg em *Weltkampf*, 1.º de Junho de 1924.

(2) René FILLIP-MULLER — *Wind and Jacc of Bolchevism*, pág. 282.

(3) Em capitulos posteriores, trataremos da influência judaica no socialismo e na vida econômica.

dido ao bolchevismo pela alta finança judaica, por interesse de raça, porque o fim é o mesmo para ambos: o domínio do mundo. O socialismo representa o lado espiritual e a alta finança, o lado material.

As linhas seguintes, escritas por uma húngara durante o regime bolchevista, exprimem admiravelmente a opinião dos que viveram aquelas horas trágicas:

"Não ha nenhuma semelhança entre o eslavo místico e irresoluto, o magiar violento, mas fiel ás suas tradições, e o alemão pesado e reflexivo!

"Todavia o bolchevismo forma-se acima destes pelos mesmos meios e sob signos análogos. O temperamento nacional dos três povos não aparece absolutamente nas concepções terríveis, realizadas por homens de espirito igual em Moscovo, em Budapest e em Munich.

"Desde a dissolução da Rússia, aparece Kerensky e depois Trotsky espresita, embocando á sombra de Lénine.

"Quando a Húngria exangue desfilou, atrás de Karolyi, esperavam Kuntli, Jassi, Poganyi, Bela Kun e o seu estado maior.

"E quando a Baviera vacilou, o diretor do primeiro ato da revolução, Kurt Eisner, estava a postos. E no segundo, Marx Lieven (Levy) proclama, em Munich, a ditadura do proletariado, reedição do bolchevismo da Rússia e da Húngria.

"São tão grandes as diferenças específicas entre os três povos, que a misteriosa similitude dos acontecimentos não provém de analogia de raça, mas unicamente do trabalho de uma quarta raça que vive entre as outras, sem com elas se confundir.

"Entre as nações modernas de pouca memória, o povo judeu é o último representante da antiga civilização oriental. Herdeiro das tradições bíblicas, invoca fervorosamente a realização das castidades profetizadas há tantos séculos. Desprezado ao teu lado, continua sendo o eterno estrangeiro. Chega, sem ser chamado e, até quando o expulsam, consegue ficar. Dispersa-se e todavia é coerente. Encrava-se nas nações. Cria leis aquém e além da lei. Nega a pátria, mas tem a sua que o acompanha e com elle se estabelece. Nega o Deus dos outros povos e, em toda parte, reedifica o seu tempo. Queixa-se do seu isolamento e, por vos misteriosas, reúne as partes da obra

Jerusalém que colate o universo. Tem em toda parte laços e relações, o que explica como o capital e a imprensa, concentrados nas suas mãos, podem servir, em todas as regiões do mundo, os mesmos intuitos e os interesses da raça, que são idênticos nas aldeias mais remotas como em Nova York, se glorificam alguém, este é glorificado pelo mundo inteiro e, se deseja torná-lo, a obra de extermínio procede, como se uma única mão a dirigisse.

"As ordens partem da treva misteriosa. O espirito judeu conserva fanaticamente, no Judaísmo, o que despreza e aniquila nos outros povos. Se costuma ensaiar aos outros a revolta e a anarquia, sabe obedecer admiravelmente aos seus chefes invisíveis.

"No tempo da revolução turca, um judeu dizia orgulhosamente a meu pai: "Somos nós que a promovemos, nós, os jovens turcos, os judeus". Na época da revolução portuguesa, ouvi do marquês de Vasconcelos, embaixador português em Roma: "Os judeus e os maçons dirigem a revolução de Lisboa". Agora que a maior parte da Europa está entregue á revolução, elles desenvolvem por toda parte, o movimento, em obediência a um plano único. Como conseguiram dissimular esse plano, que abrange o mundo e não é obra de poucos meses ou de poucos anos? Abrigando-se atrás dos mistérios de cada país, frivolas, cegos, venais, perversos ou tolos, que lhes serviram de anteparo e ignoravam tudo. E agiam então, em segurança, os agitadores terríveis, os filhos da raça que sabe guardar o segredo.

"Eis porque nenhum deles atraiçou os outros". (\*)

Mas o movimento bolchevista tem uma significação mais profunda. Contém a sêda predominantemente de todas as revoluções, a partir de 1789: destruição da civilização actual.

"O intuito final da revolução mundial não é o socialismo, nem o próprio comunismo; não é a transformação do sistema económico presente, nem a ruína da civilização, sob o ponto de vista material. A revolução desejada pelos chefes é moral e

(\*) Cecília de Torbay — O livro secreto, pág. 125 Edição Plon.

espiritual; é uma anarquia de idéas, em virtude da qual ruirão todas as bases estabelecidas há dezemove séculos, serão espezinhadas todas as tradições veneradas e, mais do que tudo, deverá ser obliterada a idéia cristã. (1)

E' a luta entre duas diferentes concepções do mundo: a judaica e a cristã.

"O pensamento recôndito de Moscou parece ser este: Observando há vinte séculos a doutrina de Cristo, a humanidade seguiu um caminho errado. Já é tempo de reparar esse erro de direção, criando uma moral e uma civilização novas, baseadas em princípios muito diversos. Julgo que foi esta a idéia que os chefes comunistas quiseram simbolizar, quando, há alguns meses, propuseram que se erigisse, em Moscou, uma estatua a Judas Iscarióth, esse homem de bem tão mal apreciado, que se enforcou, não, como estupidamente se acredita, de arrependimento por ter traído o mestre, mas de desespero, cuidado, de pena da humanidade, que pagaria com inúmeros males o caminho errado que se dispunha a seguir". (2)

Transcrevemos a circular comunista que ilustra este ponto:

"Nos nossos decretos, ficou definitivamente ascertado que a religião é assunto individual e particular; mas, desde que os oportunistas parecem crer que estas declarações significam a adoção, por parte do Estado, da política dos braços cruzados, os revolucionários marxistas reconhecem como dever do Estado a luta enérgica contra a religião, por meio de influências ideológicas (1) sobre as massas proletárias".

A luta contra Deus desenvolveu-se com pertinácia feroz e ódio cruente e com o emprego dos meios mais degradantes, tais como:

Desmoralização sistemática da mocidade, pela propagação, nas escolas, dos mais baixos instintos;

Destruição organizada da família, pela abolição do matrimônio e pela socialização dos mulheres;

Massacre do clero russo e transformação dos templos em tabernas e salas de dança;

Casão espiritual da Igreja, pela criação da Igreja viva, etc. Notas cômicas apontam, às vezes, nessa tragédia sombria. Em 1923, Trotsky e Lounatcharsky prenderam, em Moscou, um comitê organizado pela seção de propaganda do partido comunista, para julgar a Deus. Assistiu ao processo cento mil homens do exército vermelho. Foram atribuídos ao acusado vários atos ignominiosos e, como tivera a osadia de não comparecer, foi julgado em contumácia. (3)

O bolchevismo é, portanto, a aplicação lógica, na Rússia, do plano a cujo desenvolvimento assiste o mundo, desde 1789. A essência é idêntica; vimos até agora a fase destrutiva, que assume formas diversas, conforme os países e as circunstâncias. O bolchevismo é a forma russa, ou melhor a forma aplicada a Rússia, visto que é russa, só porque se aplica à Rússia e são russos os que lhe sofrem as conseqüências.

Agora que podemos decantar mais claramente o que se passou naquele desventurado país, torna-se impressionante a profecia seguinte, extraída do livro de Coppi Albanelli, *A conspiração judaica contra os povos*, publicado em 1909:

"Há um projeto de organização do mundo de que se fala muito, há vários anos, a favor do qual se desenvolve, entre as massas uma propaganda perniciosa e para a qual os nossos governantes nos impelam, numa progressão que procuram tornar insensível. Referimo-nos à organização socialista, coletivista que, mais do que todas se relaciona com o caráter, as aptidões e os meios de ação do povo judeu. Tem impressa a marca de fábrica desse moderno povo-rei, que a quer impor ao mundo trilhado, porque só com ele o poderá dominar."

"Em lugar de assumir um aspecto militar ou político, a ditadura imposta pela raça judaica será financeira, industrial e comercial. E, por certo tempo, procurará dissimular-se quanto

(1) Webster — Associação secreta e movimentos subterrâneos, pág. 214.

(2) J. e J. Haysard — Palestra sobre Israel, pág. 25.

(3) *Qui aprés*, 20 de Janeiro de 1923. *Der Worker Tagblatt*, 1.º de maio de 1923. Veja-se os detalhes da luta bolchevista contra a religião em *The Jewish Question* de A. Valentin-C.

he pôr possível. Os judeus dotaram o mundo comercial, industrial e financeiro da sociedade anónima, graças a qual conseguem disfarçar as suas enormes riquezas. Estenderão ao mundo inteiro o que estabeleceram na França: a sociedade anónima de exploração dos povos, denominada república, que servirá, para encobrir a sua realza.

"Combinamos, por conseguinte, para a república universal, porque só assim se poderá instaurar o reino judaico financeiro, industrial e comercial. Mas, sob a sua máscara republicana, essa realza será muito mais despótica do que qualquer outra. Será exactamente análoga à do homem sobre os animais. A raça judaica nos domará pelos nossos necessidades. Aposar-se-á numa posição escolhida, forte e régamente remunerada, disposta a tudo, como se prestam a todas as atonalidades os presidentes de república a que se concedem 1.200.000 francos e que são escolhidos especialmente para esse fim. Fora dessa polícia, haverá apenas operários, engenheiros, directores e administradores. Serão operários todos os humanos não-judeus. Os engenheiros, os directores e os administradores serão, pelo contrário, os judeus; não-se que não chamamos: os judeus e os seus amigos, mas unicamente os judeus; porque, afinal, os judeus não terão mais amigos e, em semelhante situação, procederão com acerto, contando sómente nos da raça".

"Isto parece-mos impossível; e contudo, sucederá do modo mais natural, porque tudo será preparado nas trevas, como se prepara a revolução. Da maneira mais natural, engenheiros, directores e administradores dirigirão o trabalho e a vida do rebando humano; aliás, a reorganização do mundo que nós desejamos ao poder ser operada pelos que, por toda parte, tiverem acumulado a riqueza. Em virtude dessa situação privilegiada que desejamos estabelecer-se em seu proveito, só os judeus se encontrarão em condições de dirigir. Os povos impotentes, com suas próprias mãos, a roda que os há de levar a esse estado de contas. Destruirão tudo o que não for o Estado, enquanto acreditarem que o Estado, esse Estado, senhor de tudo, é representado por eles. Só cetero de cooperar para a sua escravidão, no dia em que os judeus lhes disserem: "Perdição! Compreendestes mal. O Estado, esse Estado possuidor de todas as coisas, não são nós, somos nós!" Então tentarão recalcitrar. Mas será tarde e a sua revolta não impedirá nada, porque a destruição de todas as molas morais inutilizará tam-

bém os recursos materiais. Os rebanhos não resistem aos cães amestrados a dirigi-los e armados de solidas mordeduras. Toda a oposição do mundo trabalhador poderá consistir em se recusar ao trabalho. Os judeus não são tão tolos, que não o tenham previsto. Contarão com as suas provisões e os seus cães de guarda e encarregarão a fome de vencer as resistências. No último caso, lançarão contra as plebes, armadas nos infernos, os seus policiais tornados invencíveis, porque estarão munidos dos envenenos mais perfetos para conter as multidões impotentes. Uma visão dessa invulnerabilidade ofereceu-nos já os combates das forças organizadas contra o povo.

"A França conhece — e esqueceu — o regime do terror maçônico. Conhecerá, juntamente com o mundo, o regime do terror judeu". (1)

Vejamos alguns detalhes desse terror, na Rússia.

Conhecemos pelo princípio

Nos primeiros tempos, o termo vermelho era destinado especialmente ao extermínio da inteligência russa.

"Na expressão da Comissão comunista central, as comissões extraordinárias não são órgãos de justiça, mas de extermínio *desplacé*."

"A comissão extraordinária não é uma comissão de inquérito, uma corte de justiça ou um tribunal; determina, por si mesma, as suas atribuições. É um órgão de combate que opera na frente interior da guerra civil. Não julga o inimigo; extermina-o. Não perdais ao que está do outro lado da barreira; começai-o."

"Não vos custa imaginar como se deve realizar, na realidade, esse extermínio *implacé*, quando em lugar do código moria das leis, reina apenas a consciência e a experiência revolucionária. A consciência é subjetiva e a experiência cede frequentemente ao lugar ao arbitrio que, segundo a qualidade dos países, pode assumir formas diversos."

"Não fazemos guerra às pessoas em particular, escreve Lat-

(1) Capit. Altanovitch — A campanha jurídica contra os povos, II. Vitis, Lyon, 1900: pág. 466.

sia, (4) no Terror Vermelho de 1.º de novembro de 1918. Exterminamos a burguesia, considerada como classe. Não procuramos, por conseguinte, no inquérito, documentos ou provas de ações ou de palavras do acusado contrárias à autoridade soviética. A primeira pergunta que lhe deveis dirigir é a que classe pertence, qual é a sua origem, a sua educação, a sua instrução e a sua profissão". (5)

Com efeito, o comunismo só se sustentou pela generalização do terror e, afinal, as classes operárias e camponesas sofreram tanto como as outras. Inícios dos massacres, o extermínio procedeu a torto e a direito, para impor o regime, pelo terror geral. Um dos dirigentes soviéticos, que tem ao menos o mérito da franqueza, ousou escrever:

"Sem, sem dúvida, a vossa Rússia perece.

"Não existe mais em parte alguma, se é que já existiu, uma classe de população para a qual a vida seja mais pesada do que no nosso paraíso soviético. ... fazemos experiências sobre o corpo vivo do povo — ah! leve-o o diabo! — existamos como um estudante de primeiro ano *trabalha* sobre o cadáver de um vagabundo, seguindo no teatro anatómico.

"Lêde bem as nossas duas constituições.

"Contém, francamente expresso, que não é a união soviética nem as suas partes o que nos interessa, mas a luta contra o capitalismo mundial, à qual sempre sacrificamos tudo e continuamos a sacrificar-nos, nós mesmos e o país. (E' evidente que o sacrifício não se estende até aos Zinovief).

"Aqui entre nós, onde somos senhores absolutos, não recatamos ninguém.

"Devidado pelas guerras, pelas moléstias, pela morte, pela fome (muito perigosa) mas esplêndida) mantido sob a perpétua ameaça da Tcheka e do exército, o país não ousa elevar o mínimo protesto.

"Muitas vezes, nós mesmos nos admiramos da sua paciência que tão célebre se tornou. ... Pode-se afirmar que não há,

(4) Estado de terror na Ucrânia.

(5) S. P. Medvedev — O terror vermelho na Rússia de 1918 a 1928. Fayot, 1927.

em toda a Rússia, uma casa em que, desta ou daquela maneira, não tenhamos assassinado o pai, o mãe, um irmão, uma filha, um filho, um parente ou um amigo. Pois bem! Félix (Dzerjinsky) não se priva, por isto, de passar tranqüilamente, em Moscou, sem guardas e até de noite. Quando lhe proíbimos semelhantes passeios, ele limita-se a rir desdenhosamente e responde "Por quê! Eles nunca osarrão, *parêre*" E tem razão; eles não ousam! Que estranho país!" (6)

Mais do que uma estatística árida, servirá o testemunho seguinte, para dar uma idéa da proporção das matanças realizadas. Quando a comissão de inquérito Rohberg penetrou em Kiel, depois da tomada dessa cidade pelos voluntários, em 1919, encontrou a sala de execuções da Tcheka no estado seguinte:

"Todo o pavimento cimentado do grande armazém (sala de execução da Tcheka departamental de Kiel) estava inundado de sangue. Esse sangue já não corria; formava uma camada de algumas polegadas de espessura; era uma mistura horrível de sangue, de músculos, de fragmentos de caixas cranianas, de ossos e de outros restos humanos.

"As paredes estavam crivadas de milhares de balas, manchadas de sangue e salpicadas de pedaços de matéria cerebral e de tiras de couro cabeludo.

"Um canal de 25 cms. de largura sobre 25 cms. de profundidade, medindo aproximadamente dez metros de comprimento, ia do centro do armazém a um local vizinho em que penetrava num escondouro subterrâneo. Em toda a sua extensão, esse canal estava cheio de sangue até às orlas. ...

"... Ordinariamente, logo depois do massacre, os corpos eram transportados para fora da cidade e sepultados no lado da cova citada; num ângulo do jardim, descobrimos outra cova mais antiga, existindo aproximadamente oitenta cadáveres, sobre os quais descobrimos os vestígios das seivas e das mutilações mais diversas e mais imagináveis. A muitos corpos haviam sido arrancadas as entranhas, a outros faltavam alguns membros, outros ainda estavam illealmente espartilhados. Alguns tinham os olhos furados, a cabeça, o rosto e o tronco crivados de feris-

(6) Carta de Hookarine a Britan. *Revue D'histoire*, 1.º de maio de 1928.

mentos penetrantes. Encontrámos mais afizente um caláver com um poço enterrado no peito. Outros não tinham mais língua e, a um canto da cova, deitas com uma regular quantidade de braços e pernas separados do tronco..." (1)

Não possuimos documentos que permitam avaliar exactamente o número total das vítimas; os algarismos divulgados excedem o que se pode imaginar.

O professor Saróla insere no jornal de Edimburgo, o *Scotsman*, de 7 de novembro de 1923 os totais seguintes: (2)

28 bispos, 1.219 sacerdotes, 6.000 professores primários e secundários, 9.000 doutores, 54.000 oficiais, 260.000 soldados, 70.000 policiais, 12.950 proprietários, 355.250 intelectuais e profissionais, 193.290 operários, 815.000 camponeses.

Num estudo sobre o terror russo, a comissão de inquérito de Demiano sábe as monobias dos bolchevistas, durante o período de 1918-1919, registou 1.700.000 vítimas.

Um cálculo teórico foi feito igualmente por Ev. Kozmou, no *Roul* (3, VIII, 1923).

"No inverno de 1920, a U. R. S. S. compreendia 52 governos, com 52 comissões extraordinárias (Tchekas), 52 secções especiais, 52 tribunais revolucionários, além de incontáveis "Erts-Tchekas", Tchekas das redes dos transportes, tribunais dos caméchos de ferro, tribunais das tropas da segurança interior, tribunais ambulantes, enviados de um lugar para outro, para as execuções colectivas. A esta lista é preciso acrescentar as secções especiais, 16 tribunais do exército e das divisões. Devemos, pois, calcular mil câmaras de tortura e, se considerarmos que havia ainda Tchekas secundárias, o seu número só pode ser maior.

"Mais tarde, a lista de governos da U. R. S. S. aumentou: a Sibéria, a Criméa, o Extremo-Oriente foram conquistados e o número de Tchekas cresceu em progressão geométrica.

"Pelos dados soviéticos (em 1920 o terror não decrestara

(1) Veja-se, S. P. Melgunov — O Terror vermelho na Rússia, pág. 363

(2) Algarismos oficiais publicados em toda parte.

e ainda não haviam sido reduzidas as informações relativas aos massacres) podia-se estabelecer um total médio diário para cada tribunal: de cinquenta execuções, nos grandes centros, e cem, nas últimas regiões conquistadas pelo exército vermelho. As crises de terror eram periódicas, separadas por intervalos, de modo que podemos calcular a média modesta de 5 vítimas diárias, que, multiplicadas pelos mil tribunais, dá 5.000 e, num ano, cerca de 1.500.000". (3)

Por mais incríveis que pareçam êses algarismos, as três citações, provenientes de fontes diversas, concordam bastante e devem conter uma grande parte de verdade.

O Terror vermelho atingiu a tais proporções, que não é possível inserir nestas páginas os detalhes exactos dos principais meios empregados pelo Tcheka. (4) para dominar as resistências; um dos mais usados foi o dos reféns escolhidos entre todas as categorias sociais e que, considerados responsáveis de todo movimento anti-bolchevista (greves, exército branco, greves, recusa de entrega das colheitas das aldeias, etc.) eram imediatamente executados.

Assim, após o assassinio do judeu Dunitz, membro da comissão extraordinária de Penningo, os reféns de reféns foram mortos e muitos seus familiares, pois muitos desses infelizes, homens e mulheres, suportaram, antes de morrer, as torturas mais diversas aplicadas friamente aos redutos da Tcheka.

"Tenho à vista fotografias tiradas em Kharhoff, na presença das missões aliadas, logo depois dos vermelhos se haverem retirado da cidade. É uma série horrorosa de reproduções: cito algumas:

"Corpos de três operários, detidos como reféns de uma fábrica grevista. Um deles tem os olhos queimados, o nariz e os lábios cortados; aos outros dois faltam as mãos.

"Os corpos dos reféns J. Afanassov e P. Prokovich, modestos proprietários rurais, a que os algozes arrancaram-

(3) S. P. Melgunov — Obra citada, pág. 104

(4) Substituída actualmente pelo Guéguet, G.-R.U.

pele. J. Afanasiouk apresenta também numerosas queimaduras produzidas pela llama de um saibee candente.

"Corpo do sr. Bajorf, antigo oficial, a quem foi cortada a língua e uma das mãos e arrancada a pele, ao longo da perna esquerda.

"Epiderme humana arrancada das mãos de várias vítimas, com o auxílio de um prate metálico. Este sinistro achado resultou de uma cuidadosa inspecção operada na adega da comissão extraordinária de Kharloff.

"Corpos mutilados e queimados de mulheres retidas como reféns: S. Ivanova, proprietária de uma mercearia, sra. A. I. Carobkaja, esposa de um coronel e sra. Kholopova, proprietária.

"Corpos de quatro reféns camponeses, Bondartenko, Pookhik, Lavenetz e Sidorfchook com as faces horrendamente mutiladas e submetidos por carrasco chinês a uma operação absolutamente desconhecida dos médicos europeus, e que, na opinião destes, deve constituir uma tortura atroz.

"É impossível enumerar todas as formas de selvageria assumidas pelo terror: um volume seria insufficiente.

"A Tcheia de Kharloff, por exemplo, especializara-se em arrancar a pele às vítimas, especialmente a epiderme das mãos, que lhes era tirada como uma luva... Em Vorontze, introduziam os suplicantes nus em um tonel guardado de pregos e punham-no em movimento. Marcavam-lhes a testa com uma estilha de cinco pontas de ferro em brasa; em Tsaritsine e Kamieâne, serravam-lhes os ossos... em Kiev, fechavam-nos em caixões contendo cadáveres em decomposição, disparavam alguns tiros acima dos desventurados, amuniando-lhes que iam ser enterrados vivos; esterravam o caixão e, meia hora depois, tornavam-no a abrir, para proceder ao interrogatório dos infelizes. Não admira que muitos destes tenham enlouquecido". (\*)

Não esqueçamos que, a 17 de julho de 1919, em Iekaterinenbourg, por ordem da Tcheia — ordem enviada pelo judeu Sverdloff de Moscou — a comissão de execução, chefiada pelo judeu Yourowsky, assassinou a tiros de revólver e à balaeta,

o Tzar, a Tzarina, o Tzarévitch, as quatro Princesas imperiaes, o Dr. Botkine, dois criados e o cozinheiro.

Os membros da família imperial mais próximos ao trono foram assassinados, no noite seguinte. Os grão-duques Mikhaïlovitch, Constantinovitch, Constantino Constantinovitch, Igor Constantinovitch, Wladimir Palcy e a grão-duquesa Elisabeth Feodorovna foram aitados ao fundo de um poço, na Sibéria.

O grão-duque Michel Alexandrovitch foi assassinado, em Perp, com todas as pessoas do seu séquito. (\*)

Os fatos confirmaram esta previsão de Dostolewsky:

"Acode-me, às vezes, a idéa uma fantasia. Que aconteceria na Rússia, se, ao contrário do que é, fosse povoada por oitenta milhões de judeus e três milhões de russos?

"Que succederia a estes russos e como seriam tratados? Conceder-lhes-iam os mesmos direitos? Dar-lhes-iam liberdade de creença? Não os tornariam simplesmente escravos, ou ainda mais simplesmente: não lhes arrancariam a pele? Não os massacraríamos os judeus, até ao extermínio completo, como fizeram nos outros povos da antiguidade, nos tempos remotos da sua história?"

Que acontecerá agora à Rússia?

A situação actual é esta:

O bolchevismo, como agente de destruição, campeão a sua russão. A sua própria violação não lhe permitiria durar eternamente. Já é tempo de passar progressivamente a uma forma de governo estável, do género da República Francesa, forma ebanoda entre todas povoadas, encobridos os verdaderos dirigentes, proporcionalizar o judaísmo a sua instalação definitiva na Rússia e o aproveitamento completo da vitória obtida pelo bolchevismo sobre o povo russo.

Mas os chefes soviéticos, arrastados pelo seu fanatismo, excederam-se com o inevitante de revelar os mistérios do júgo. Deberam perceber que a revolução social é, em grande parte, um movimento artificial, resultante de uma conspira-

(\*) Veja-se Nicolas Sokoloff — O império judicial sobre o assassinio da família imperial. Payot, 1924.

ção distingida principalmente por judeus. E o comunismo só se pode manter, na Rússia, por meio do terror.

O judaísmo mundial e os governos maçônicos (o da França, por exemplo) reprovam aparentemente o bolchevismo condenando os seus excessos impopulares; mas, na realidade, favorecem-no e prolongam a sua duração, até encenarem em uma meia que lhe permita evoluir, para uma forma de governo mais desejável.

Se caísse atualmente, a reacção seria tal, que não é provável que a judaico-maçonnaria, a pesar de todo o seu poder, conseguisse impedir o restabelecimento de uma Rússia nacional e religiosa, governada por um chefe monárquico, investido de poder absoluto. Seria tamanha catástrofe para a Maçonaria, que esta fará o impossível, para a evitar, porque o mundo conheceria, então, com profundo horror, o que foi realmente o bolchevismo.

Os verdadeiros autores da revolução e os seus intuitos apareceriam, pela primeira vez, sob o seu aspecto real; e essa revolução marcaria o fim das ilusões democráticas, socialistas e outras semelhantes.

Definitivamente interdita à Maçonaria, aos judeus e aos revolucionários internacionalis, poderoso, graças aos seus recursos naturais, suprir as suas necessidades, sem passar sob as forças caudinas da alta finança judaica, a Rússia se tornaria o ponto de apoio de todos os elementos contra-revolucionários mundiais, que, em lugar de lutar, às cegas, com um inimigo subterrâneo e invisível dirimiriam elementarmente os seus golpes. Seria, sem dúvida, o princípio de uma nova orientação geral do mundo, que o afectaria do declive revolucionário para o qual desliza, desde 1789.

"Ocorrenos, involuntariamente, esta pergunta,

"Como pode o mundo civilizado suportar nua esse estado de coisas reine sobre a sexta parte do globo? Se houvesse ainda, na Rússia um governo monárquico, é superfluo dizer que ninguém o admitiria. Assisitimos a interpeleções clamorosas nos parlamentos dos dois hemisférios, a protestos inflamados de todas as ligas dos "Direitos do Homem" e dos jornais indignados, a um acordo rápido e unânime de todas as classes sociais e a uma série de medidas nacionais, económicas, diplomáticas e militares, tendentes ao extermínio de semelhante peste. Mas a democracia atual considera-a muito menos im-

portante do que um tesfriado de Mac Donald ou uma contusão do nariz de Carpenter.

"E, se bem que a burguesia ocidental saiba perfeitamente que a potência soviética é uma inimiga irremediável, com a qual não é possível nenhum acordo, que, aliás, seria inútil, pois, economicamente, a Rússia é um cadáver, o flirte com o Komintern é continuo e ameaça transformar-se num longo romance.

"A esta pergunta só há uma resposta.

"O judaísmo internacional (1) que, na Europa ocidental, dirige o poder político, faz sórdidamente como os bolchevistas: judeus dirigem a Rússia, far tudo o que está ao seu alcance, para retardar, quanto possível, a queda do bolchevismo". (2)

#### OS JUDEUS E O SOCIALISMO

Δίκαιον

Prolongámos a descrição do bolchevismo, porque este demonstrou claramente a acção revolucionária dos judeus, esta demonstração resultou do facto da revolução ser violenta, mas, embora menos aparentemente, os judeus são também os chefes do socialismo revolucionário, sob todas as formas que apresenta no mundo inteiro.

"Relativamente aos judeus, a sua acção, no socialismo mundial é tão importante, que não pode ser esquecida. Se examinarmos as grandes revoluções dos séculos XIX e XX, os Karl Marx, os Lassalle, os Kurt Eisner, os Bela Kun, os Trotsky, os Léon Blum, teremos notado todas as ações das teóricas do socialismo moderno. Se não podemos considerar o bolchevismo, no seu todo, como uma criação judaica, e indiscutível que os judeus formaram vários chefes ao movimento maximalista em que, efetivamente, desempenharam um papel considerável.

"A mais clamorosa confirmação das tendências transistite dos judeus, independentemente de toda colaboração a favor de organizações partidárias, é a aversão profunda de um grande judeu, de um grande poeta, Henrique Heine, pelo duce romano! As causas subjetivas e sentimentais da revolta de Rabbi

(1) Ou a Maçonaria, sua aliada.

(2) Wetzlar, Munique, julho de 1924.



Agba e de bar Kochela, no ano 70 da era cristã, contra a *Pax Romana* e o *Jus Romanus*, compreendidas e sentidas, subjetiva e apaixonadamente, por um judeu do século XIX que, na aparência, nada ligava à sua raça!

"E os revolucionários e os comunistas judeus que lutam contra o princípio da propriedade particular, cujo movimento mais sólido é o *Codez Juris Civis* de Justiniano, de Vultiano, etc. imitam apenas os seus antepassados que resistiam a Vespasiano e a Tito.

"Sio, na realidade, "os mortos que falam". (1)

Os judeus foram os criadores do socialismo. O grande profeta da idéia coletivista, o fundador da Internacional, Karl Marx, é judeu; seu verdadeiro nome é Mordechai. São judeus os chefes atuais do movimento, como os capitalistas que o subvertem, o que explica, talvez, a abundância ilimitada dos recursos socialistas. Na França, o jornal *L'Humanité*, foi fundado com dinheiro judeu.

O mesmo aconteceu com a maior parte dos órgãos socialistas do mundo.

Na Inglaterra,

"a influência judaica evidente na atividade bolchevista, não é menos aparente, na sua forma mais moderada; o socialismo". (2)

Além, ninguém é mais afirmativo, relativamente à influência judaica no socialismo, do que um dos maiores escritores do judaísmo, Alfredo Nossig (-) que, no seu livro, "O Judaísmo integral" (*Integrale Judentum*) declara textualmente:

(1) Esdrá — Caban — Nômedes, P. Alcan, 1229; pág. 11.

(2) Webster — Associação secreta, etc., pág. 317.

(3) O Dr. Alfredo Nossig era, em 1911, secretário geral de uma liga internacional para a emancipação dos povos. Fundado a 7 de setembro de 1900, em Genebra, sob a presidência do então ministro Emilio Borel, esta liga publicou um manifesto assinado pelos representantes oficiais de 34 países europeus e endereçado a todos os povos da Europa. Entre os seus membros, contavam-se o Dr. Stresemann, (Informações provenientes do *Westdeutscher Merker*, jornal de Münster; n.º 45, de 5 de outubro de 1911, que reproduz o manifesto).

"68. O socialismo e o mosaísmo não são programas opostos. Há, pelo contrário, entre os princípios fundamentais das duas doutrinas, uma concordância impressionante. O mosaísmo judeu não deve desviar-se do socialismo, como de um perigo ameaçador para o seu ideal, e o socialismo judeu não deve afastar-se do mosaísmo. As duas idéias paralelas se realizarão no mesmo terreno.

"71. Do exame dos fatos resulta, de modo irrefutável, que não somente os judeus modernos cooperaram, de maneira decisiva, para a criação do socialismo, mas os seus antepassados já eram os fundadores do mosaísmo... em outros termos, o mosaísmo é o socialismo, desembaraçado das utopias e do terror do comunismo e da acce cristã.

"A semelhança do mosaísmo operou, através dos séculos, como doutrina e lei: usaram-na conscientemente, outros sofreram-na inconscientemente.

"74. O movimento socialista moderno é, na sua maior parte, obra dos judeus que lhe impuseram o estigma do seu cérebro e também tiveram parte preponderante, na direção das primeiras repúblicas socialistas; em retiro, quasi todos os socialistas judeus governantes estavam afastados do judaísmo; apesar-disto, a sua ação não dependeu só deles. Inconscientemente, obedeceram ao princípio essencial do mosaísmo; o sangue do antigo povo apostólico vivia no seu cérebro e no seu temperamento social.

"4) O socialismo mundial da atualidade forma a primeira fase da aplicação do mosaísmo, o princípio da realização do estado futuro do mundo, anelado pelos nossos profetas. (1).

"79. Só quando existir uma liga das nações, só quando os seus exércitos aliados agirem eficazmente, para a proteção de todos os fracas, poderemos esperar que os judeus consigam desenvolver, sem obstáculos, o seu estado nacional na Palestina, e só uma liga das nações impregnada do espírito socialista nos proporcionará a posse das nossas necessidades nacionais e internacionais.

(1) Citado por nós.

"Eis a razão pela qual todos os grupos judeus, alonistas ou adeptos da Diáspora, têm um interesse vital na vitória do socialismo; devem exigí-lo, não só por convicção, não só pela sua identidade com o mosaísmo, mas também como princípio tático. (1)

"87. Acusa-se também o judeu socialista de exercer um papel primordial, não só no partido coletivista, mas no próprio partido comunista terrorista. Isto que todos os judeus devem lamentar, porque, como verdadeiros mosaístas, reprovam o terror e que só se pode explicar por duas razões: o completo afastamento dos terroristas do espírito mosaico e a forte mistura de sangue hitarico e cossico. Esta última razão não impedia que os dissidentes da raça judaica se elevassem no ideal socialista, mas inculcou-lhes princípios selvagens e cruéis".

Acalhamos de ver a ação preponderante do judaísmo no movimento revolucionário moderno: bolchevismo, socialismo, etc. Examinemos agora o sentido da influência judaica, no mundo em geral e nos diferentes ramos da atividade humana.

#### A INFLUÊNCIA JUDAICA NO MUNDO

No mundo inteiro e em todos os ramos, a atividade judaica desenvolve-se, consciente ou inconscientemente, em um sentido revolucionário, destruidor da civilização cristã. Os dois extremos do judaísmo — na base, os revolucionários, socialistas ou bolchevistas, no vértice, a alta finança — colaboram para o mesmo fim.

Consciente ou inconscientemente, dissemos. Há, com efeito, uma diferença radical entre as duas concepções da existência, a judaica que confere imenso valor à vida terrestre (o reino de Deus sobre a terra) e repõe a esperança de uma vida futura, e a cristã que se baseia exatamente sobre o inverso da primeira. Admitindo ou repelindo a hipótese de uma conspiração judaica mundial, resta sempre o fato de que, a partir de 1789 a concepção judaica tende a dominar a concepção cristã que, até então, prevalecera; e o materialismo geral que dela resulta tem

(1) Grifado por nós.

como consequência lógica e ateuismo, o socialismo e a anarquia universal de que sofremos.

A questão judaica é, em primeiro lugar, uma questão de salvaguarda da nossa civilização e da nossa cultura e da transformação da face do mundo.

"Sem que nós, os Arianos, o percebamos, o idealismo próprio da nossa raça, esse idealismo que, durante séculos, se ensandizou por tudo o que é belo e nobre, pela sinceridade, pela lealdade, pelo direito, pelo dever, pela confiança, é irredimivelmente impellido pela sedutora concepção judaica, para uma materialismo cínico e sem escrúpulos" que encontra a sua expressão política na república judeu-maçônica, atea e universal.

A propagação do ideal judaico causa, por conseguinte, a nossa destruição. Ora, para difundir-lo e aplicá-lo, o judaísmo dispõe de duas armas principais: o dinheiro e a imprensa, graças às quais dirige e intervém em tudo o que opera na opinião pública e tem, no mundo, uma influência subversiva: maçonaria, socialismo, comunismo, teosofia, teatro, cinema, agência de informações, telegrafia sem fios, educação, etc. Influi sobre a maior parte dos governos, quer diretamente, pela maçonaria, quer indiretamente, pelos judeus escolhidos e naturais de cada país, que cercam e dirigem os Chefes de Estado e os políticos influentes, como aconteceu na conferência da paz.

Eis alguns dados que servirão para definir esses diversos pontos.

#### OS JUDEUS E A VIDA ECONÔMICA

Não trataremos, nestas páginas, do talento comercial e financeiro dos judeus que é universalmente conhecido. (1)

Foram eles os inventores dos modernos métodos comerciais e são atualmente os reis da finança. Todos os países em que predomina a sua influência desenvolvem uma intensa atividade econômica, mas muito caro lhes custa esta vantagem

(1) Consulte-se especialmente: Bonhart — Os judeus e a vida econômica. Fayot.

materiais. Ninguém tem direito de censurar o sucesso econômico dos judeus; todavia, é fácil examinar os meios que utilizam para o conseguirem e principalmente o uso que fazem do seu posterior fínaseiro.

O ouro é um instrumento de poder e serve para o bem e para o mal. Até a esta época, os judeus o empregaram num sentido útil à raça judaica e nocivo a todas as outras. Esta é a questão.

Para nós, cristãos ocidentais, a influência judaica, no terreno econômico, é prejudicial, por três motivos:

Pela difusão, no mundo, da mentalidade judaica do ouro.  
Pela maneira de adquirir esse ouro.  
Pelo destino que lhe dão.

A mentalidade judaica do ouro tem uma base religiosa, porque:

"O caráter principal da religião hebraica consiste em sua cogitação da vida futura e ser, única e essencialmente, uma religião terrestre. (1)

"O homem só pode sentir o bem e o mal neste mundo; se Deus o quiser punir ou recompensar, só pode ser durante a vida. Logo, é na terra que o justo deve prosperar e o ímpio sofrer". (2)

Portanto, a religião hebraica considera a riqueza o bem supremo e o dinheiro é, para o judeu, a meta da vida.

"É inútil analisar sobre as diferenças que originam esta oposição entre as duas diversas maneiras de ver do cristão piedoso e do judeu, no que se refere a aquisição da riqueza. Geralmente, se o primeiro se tornou culpado de usura, chega herdeiro da morte alcançando pelo remorso e renúncia, muitas vezes, a todo o que possui, porque o dinheiro mal adquirido lhe pesa na consciência; o segundo, pelo contrário, chegando ao fim da vida, contempla com satisfação os seus cofres e as suas arcas repletas, em que se acumularam os seqüens usurpados aos pobres cristãos e aos pobres maquiannos; e o seu coração

(1) Werner Sombart — Os judeus e o século econômico, pág. 294

(2) W. Sombart — Obra citada, pág. 277.

piedoso pode alegrar-se com esse espetáculo, pois cada sôdo de juro que acumulou foi certo um sacrifício oferecido ao seu Deus". (3)

Hoje, essa mentalidade do ouro difunde-se pelo mundo, dando origem a um materialismo geral, a uma insensibilidade responsável em parte pelo ódio de classe que é um dos elementos destrutores da nossa época. (4)

É o mecanismo e o mercantilismo brutal, sem nenhuma compensação moral que lhe possa atenuar os danos.

Já em 1873, Dostoiévsky rugara-nos neste trecho quasi profético: (5)

"O seu reinado é iminente; um reinado completo. Aproximam-se a vitória dos princípios perante os quais emudecem os ideais de humanidade, o desejo da verdade, os sentimentos cristãos, nacionais e de orgulho popular dos povos europeus.

"Reinará, pelo contrário, o materialismo, a cobiça cega e rapace do bem estar material e pessoal, a ansiedade de acumular dinheiro por todos os meios; eis o que será considerado um fim superior, como a razão, como a liberdade, e substituirá o ideal cristão da mais íntima união moral e fraterna entre os homens.

"O que diremos provocará riso e a observação de que nem todo o mal deriva dos judeus. Acaso o falecido James de Rothschild era um homem mau? Mas nós nos referimos ao todo e aos seus instintos, falamos do judaísmo e do ideal judaico que monopolizou o mundo, em detrimento do cristianismo malogrado.

(1) Werner Sombart — Obra citada, pág. 286.

(2) "Julgo útil notar que o banqueiro judeu holandês, estabelecido em Londres em fins do século XVIII, foi o inventor e o teórico da concepção utilitarista econômica do mundo que hoje apresenta igual em toda parte. O mercantilismo político atual — os negócios nem de tudo, os negócios considerados com o fim supremo dos esforços humanos provêm diretamente do Ricardo". G. De Gaulle — O problema judaico, pág. 48.

(3) F. Dostoiévsky — Diário de um escritor, 1873-1874-1877. Edições Bazar.

"Succederá o que agora ninguém imagina sequer. Todos esses parlamentares, essas teorias civis em que hoje se acredita, essas acumulações de riquezas, os bancos, as ciências e todas as coisas ruirão uma átimo, sem deixar vestígios, salvo os judeus que saberão proceder de modo que a catástrofe se tenha dado em seu proveito. Tudo isto está iminente; direi: perto da porta.

"Sim, a vossa Europa está em vésperas de demorar, de uma queda universal, geral e terrível...

"Todos esses Bismarcks, esses Beaconsfields, a República francesa, Gambetta e outros são, para mim, meras aparências. Quem os manjeja, como a tudo o mais, como a toda a Europa, são os judeus e os seus bancos.

"Vira o dia em que estes pronunciarem o seu veto e Bismarck será varrido como uma palha. Atualmente o judaísmo e os seus bancos dominam tudo: o Europa, a instrução, a civilização e o socialismo; particularmente o socialismo, porque, com o concurso deste, conseguiram cortar pela raiz o cristianismo e destruir a cultura cristã.

"E se de tudo isto só resultar a anarquia, à frente de tudo aparecerá então o judeu, porque, embora propague o socialismo, saberá, pelo os seus irmãos de raça conservar-se fora dele e, no meio da ruína geral da Europa, só o banco judeu prosperará".

Logo, o capitalismo não é unicamente um problema económico; é antes de tudo um problema espirital, o problema da alma europeia.

Em conclusão, a mentalidade judaica do ouro, que já em si nos é prejudicial, avassalou-nos. Mas a influição judaica é ainda mais nociva pelas outras duas razões: o modo de adquirir e de empregar o seu ouro.

Os judeus foram sempre acusados de parasitismo, de não adquirirem a riqueza pela produção, mas pela exploração dos bens alheios. Foi um judeu quem disse:

"As guerras e as revoluções são as searas dos judeus".

Não é uma descoberta recente. Leia-se o que referia o relatório oficial do barão Malouet ao Sr. de Sartine, sobre as reclamações dos judeus portugueses, em 1776:

"Nenhum viajante jamais conseguiu ver um canto de terra invadido pelos judeus, uma manufatura criada ou servida por eles. Em todos os lugares onde penetraram, entregaram-se exclusivamente ao officio de corretor, de adolo e de usurário e os mais ricos tornaram-se, depois, negociantes, armadores e banqueiros.

"O rei da Prússia tentou fixá-los nos seus estados e torná-los cidadãos; teve de renunciar ao seu projecto, quando viu que só conseguiria multiplicar a classe dos revendedores e dos usurários.

"Diversos príncipes da Alemanha e barões immediatos do Império atraíram-nos para as suas terras, na esperança de obterem vantagens pelo a seu comércio; mas a agiotagem e a usura dos judeus não tardaram a empobrecer esse pequenos países, monopolizando a maior parte da moeda em circulação".

Vejamos o que nos relata Werner Sombart:

"Já é tempo de acabar, de uma vez, com a lenda segundo a qual, na Idade-Média europeia e principalmente "depois das Cruzadas"; os judeus viram-se obrigados a exercer, a usura, porque todas as outras profissões lhes eram proibidas. A história bi-milenária da usura judaica, erram à Idade-Média, basta para desmentir essa construção histórica. Mas, ainda no que concerne à Idade-Média e os tempos modernos, as afirmações da historiografia officiosa não correspondem à realidade dos factos. E' falso que todos os meios de vida em geral fossem interditos aos judeus, na Idade-Média e nos tempos modernos, o que todavia não impediu que se entregassem de preferência à ocupação de emprestar dinheiro sob penhor. E' o que Bucher demonstrou, em relação a Francfort sobre o Meno, e que facilmente se pode provar acerca de muitas outras cidades e países.

"O que evidencia irrefutavelmente a tendência dos judeus ao officio de usurários, na Idade-Média e em épocas posteriores, é o insucesso das tentativas dos governos, no sentido de orientá-los para outra ocupação". (1)

(1) Werner Sombart - Obra citada, pag. 461.

Hoje, as suas operações assumiram proporções mais vastas; em lugar de emprestar aos particulares, emprestam muitas vezes aos governos e aos estados, mas o princípio não mudou. Os judeus não são produtores; são financeiros internacionais; ora, o produtor é um conservador, os financeiros não o são.

Finalmente, os judeus exercem sobre nós uma influência malféica, com o uso que fazem do seu ouro.

As grandes empresas tornam-se, cada vez mais, internacionais e interessam a política que, muitas vezes, dominam, mais em proveito próprio do que em benefício do país. O dinheiro perde, então, a sua significação habitual; torna-se uma força, um meio, um instrumento de poder e de domínio; é o caso da alta finança judaica que é, em primeiro lugar, onipotente e, secundariamente, e-té coordenada no mundo inteiro e serve os interesses judeus, em detrimento dos outros. A sua força reside na sua organização e no seu internacionalismo.

Não se trata, aqui, do êxito individual dos bancos judeus que têm, como os outros, direitos que ninguém contesta; o que nos preocupa é a existência desse sistema internacional de bancos que não são ingleses nem alemães ou franceses e sim judeus e todos ligados entre si. Não é a importância e o capital dos bancos isolados, mas a importância e a riqueza do conjunto que formam a força do sistema.

Num momento de expansão, Walter Rathenau declarou um dia:

"Trezentos homens dirigem os destinos econômicos do continente; todos se conhecem e escolhem os seus sucessores entre os que os rodeiam. Não sabe, aqui, o exame das causas singulares deste singular estado de cousas que projeta uma luz intensa, na treva do futuro social".

É certo que semelhante organização constitui uma força poderosa, que pode ser utilizada para o bem e para o mal. Até a esta data, foi usada para benefício da raça judaica e em prejuizo de todas as outras.

Essas forças não ambicionam a notoriedade, contentam-se, habitualmente, com dirigir de longe, pelo trâmite dos seus bancos e dos seus representantes e o mundo não as conhece. Quando é necessário, surgem subitamente e logo tornam a desaparecer. Uma prova recente da que asserimos foi a conferência da paz

em Versalhes, em que a preponderância das influências judaicas foi uma das circunstâncias mais impressionantes, como refere E. J. Dillon:

"Pode parecer extraordinário a alguns dos meus leitores; todavia, é exato que um número considerável de delegados estavam convencidos de que eram semitas as verdadeiras influências que agiam entre os povos anglo-saxões, e resumiam a sua opinião nesta fórmula: "Dora em diante, o mundo será governado pelos anglo-saxões, dominados, por sua vez, pelos seus elementos judeus". (1)

Antes de concluir, digamos algumas palavras acerca de um fato inquietante: a misteriosa simpatia das diversas internacionais pela Alemanha. Devemos ver, nas linhas seguintes, a sua explicação:

"Depois da guerra, a Alemanha americanizou-se; cultiva a penetração americana.

"A esse fetichismo, contrário à lenda e à história do país, o tradicionalismo dos conservadores e dos nacionalistas alemães só pode opor uma surda reação. O domínio financeiro e intelectual passou inteiramente para as mãos dos israelitas que constituem, na actualidade, o elemento ativo que caracteriza a vida alemã". (2)

Logo, a alta finança judaica é, agora, onipotente e serve os interesses judeus. Ninguém lhe pode negar justamente esse direito; mas nós também temos o de nos insurgirmos contra esse domínio estrangeiro. Porque o ouro é uma das armas de Israel, uma arma de poder incalculável, a única a que se submete escassa força que o povo eleito sabe utilizar tão bem: a imprensa.

Examinemos, portanto, a sua influência sobre essa grande força, sobre a imprensa.

(1) Dr. E. J. Dillon — *The inside story of the peace conference*, págs. 431-432.

(2) Artigo de Corrado Alvaro em *Diário Literário*; trecho reproduzido pelo *Piquete* de 2 de setembro de 1921.

## OS JUDEUS E A IMPRENSA

O poder da imprensa é incalculável. O jornal tornou-se a grande escola do adulto, a única fonte de informação; a opinião pública não é senão o reflexo da opinião dos jornais, que influencia até a dos próprios classes elevadas.

Num estudo muito interessante sobre o poder da imprensa (*Grossmacht Press*) Fherlé declarou:

"Minha hora de conversação com um homem inteligente e bem informado revela bem o jornal que costuma ler. Até os altos prelados de Roma, os príncipes católicos Amette e Mercier, deixam-se influenciar pela imprensa dos seus países, muito mais do que eles mesmos imaginam. Verifiquei, muitas vezes, que é, só o seu jornal, que muita gente julga a hula do papa ou o discurso do primeiro ministro". (1)

Dêse um prelado inglês: "Na Inglaterra, se a Bíblia afirmasse uma coisa e o *Times* sustentasse o contrário, sobre 510 pessoas, 500 seriam da opinião do *Times*".

O antigo ministro Combes, promotor da luta anti-religiosa, declarou: "Três quartas partes dos católicos foram afastados da Igreja pela imprensa". E, durante a sua viagem à América o cardeal Mercier pôde dizer com razão, não, graças à imprensa, a *Estrete* conseguiu vencer a guerra.

Não se poderia exagerar a influência do jornal nos instantaneamente, dia após dia e até a qualquer hora do dia, preta por título a parte, nas famílias, nos creches, nas ruas, no trem, na fábrica, nos cinemas, nas cidades e nos aldeias.

Por esta razão, M. Nordau (judeu) checou a afirmar que, entre todas as invenções modernas, é a imprensa a que caracteriza a nossa época e constitui a sua força mais poderosa. E, mais do que ninguém, os judeus lhe avaliaram a importância.

"De que serve discutir? dizia um deles, o barão de Montefiore. Enquanto não fardes senhores da imprensa mundial, trabalhareis em vão".

(1) J. Fherlé — *Grossmacht Press*, Viena, 1920.

E, como a imprensa não é nem pode ser independente, os judeus empreenderam o seu monopólio quasi universal. Um jornal é, antes de tudo, uma empresa comercial, cujo fim primordial é viver e auferir o maior lucro possível.

Admitindo que um jornal sincero e independente pudesse exprimir livremente as suas opiniões — o que seria duvidoso, se elas fossem anti-revolucionárias — a sua empresa lutaria anualmente com prejuízos, porque o preço de venda do jornal paga apenas o custo do papel em que é impresso.

No seu livro, *Sociologia Pura*, o professor Lester F. Ward citou as palavras do jornalista John Swinson, pronunciadas num banquete da imprensa, em Nova York.

"Não há, na América, liberdade independente, a não ser nas pequenas cidades do interior; os jornalistas o sabem tão bem como eu; mas nenhum deles ousa exprimir uma opinião sincera e, se o fizesse, saberia, com antecedência, que a sua seria impressa. Recebo 150 dólares, para reservar para mim as minhas verdadeiras idéas. Outros recebem salários análogos, para idéntico serviço. Se eu consentisse inserir a minha opinião num único número do meu jornal dentro de vinte e quatro horas seria despedido do meu emprego.

"O homem que omettesse a loucura de formular, com clareza, o seu pensamento, seria pôsto, imediatamente, na rua e teria de procurar outro meio de vida. O dever dos jornalistas de Nova York é mentir, amear, curvar-se perante o ouro e vender a sua raça e o seu país pelo seu salário, isto é em troca do seu pão quotidiano. . .

"Somos os instrumentos, os vassallos dos ricos que se ocultam nos bastidores; somos títeres; eles puxam os fios e nós dançamos.

"O nosso tempo, o nosso talento, a nossa vida, as nossas facultades pertencem totalmente a esses homens a quem vendemos a nossa inteligência".

Em tais condições, é natural que os homens sinceros e talentosos se afastem, cada vez mais, do jornalismo.

O jornal depende do governo, das agências de informações (que lhe fornecem as notícias) dos negócios comerciais e, principalmente, do poderio financeiro dos que o dirigem e possuem.

Nenhum governo poder-se-ia manter, com a absoluta liberdade de imprensa. Logo, cada um deles procura exercer a maior influência possível, por diferentes meios, entre os quais primam a corrupção financeira, os favores, o entorpecimento da justiça. Durante a guerra, num e noutro campo, excederam-se os limites extremos da propaganda tendenciosa.

"A corrupção não consiste na influência que o governo exerce sobre a imprensa, sendo muitas vezes necessária, mas em exercê-la em segredo; de modo que o público julga ver a opinião geral em palavras ditadas na realidade, por um ministro; e a corrupção do jornalismo não consiste em servir o Estado, mas em medir a convicção do seu patriotismo pela importância da subvenção". (1)

Relativamente às notícias, o jornal depende das agências de informações, vastas organizações que centralizam as novidades mundiais, para distribuí-las à imprensa. As principais são: Reuter (Inglaterra), Havas (França), Wolf (Alemanha), Stefani (Itália), etc.

Do ponto de vista comercial, o jornal vive de anúncios, lato tito conhecido que dispensa demonstração.

Assim, se estabelece a situação seguinte:

"As grandes agências telegráficas mundiais que são, em toda parte, a principal fonte de informações da imprensa (como as casas de atacado são as fornecedoras dos varejistas) e espalham, ao longe, o que o mundo deve ou não deve saber e sob a forma exigida, pertencem aos judeus ou obedecem à sua direção."

"O mesmo se dá nos escritórios de correspondência que fornecem as notícias aos jornais secundários; as grandes agências de propaganda, que recebem os anúncios e depois os transmitem, em grupos, aos jornais, mediante uma avultada comissão, estão quasi inteiramente nas mãos dos judeus, a quem pertencem também muitas folhas nas províncias. E onde a palavra judaica não se exprime directamente pela imprensa, atuam as suas poderosas influências indirectas: Maçonaria, finança, etc.

(1) Eberlé — Obra citada, pág. 128.

"Em muitos lugares, os judeus preferem essa influência dissimulada, como, na vida económica, consideram as sociedades anónimas as mais vantajosas.

"Os redactores dos jornais podem muito bem ser arianos. Basta que, em todos os assuntos importantes, sirvam os interesses judaicos ou não lhes façam oposição. Consegue-se geralmente este resultado, pela pressão dos escritórios de propaganda". (2)

Eberlé fornece uma estatística completa da imprensa mundial, em cada país, pela qual se verifica que, na Alemanha, as três quartas partes da imprensa, bem como a agência de informações Wolf e as agências secundárias Hirsch e Press Telegraph pertencem aos judeus.

Na França, a situação é quasi idêntica. Já em 1894, Rochefort dizia: "Vêdes a imprensa? Não há mais imprensa francesa; está completamente nas mãos dos judeus". Entretanto, observa-se que, em conjunto, a influência maçónica é mais sensível do que a influência judia.

Tratando da imprensa inglesa, N. H. Webster escreve: "Não seria exagero dizer que executando o *Patriot*, só um jornal ouzo, neste país, ocupar-se francamente dos assuntos que interessam os judeus".

A mesma situação se estabeleceu na América. Citemos, entre outras, a imprensa Hearst que mantém jornais em todas as grandes cidades da América.

As empresas de propaganda constituem um poderoso meio de pressão. Os judeus que as dirigem podem arruinar um jornal, com a simples ruptura dos contratos de anúncios. Muito suggestiva é, sob este aspecto, a campanha judaica contra Gordon Bennett, proprietário do *New York Herald*.

A seguinte anedota ilustra este método:

Pouco depois da guerra, um grande jornal inglês publicou artigos de extraordinário interesse sobre a questão judaica. Estes artigos foram, em seguida, reîmidos em um livro que obteve grande êxito. Mas, pouco depois, o jornal cessou repentinamente de se ocupar dos judeus. Que se havia passado?

... Simplesmente isto: o director fôra avisado de que, se con-

(2) Eberlé — Obra citada, pág. 204.

tinuasse a campanha, os seus contratos de anúncios seriam anulados, o que representaria a ruína financeira do jornal.

Se o público o apoiasse, o diretor poderia lutar com sucesso. Mas, em semelhantes condições, era-lhe impossível continuar a luta.

#### SIGNIFICAÇÃO DA INFLUÊNCIA JUDAICA NA IMPRENSA

Naturalmente o judaísmo serve-se da parte da imprensa de que é senhor, para impedir toda propagação anti-revolucionária e para difundir, no mundo, os princípios favoráveis aos judeus.

Toda campanha anti-revolucionária encontra, desde o princípio, uma obstrução sistemática por parte da imprensa que se manifesta, quer pelo silêncio (recusa de inserção) quer por violentos ataques irreversíveis contra quem ousa atacar, ainda que indirectamente a revolução. E, se alguém denunciar directamente os judeus, a indignação é geral e habitualmente o culpado acaba-se, em breve espaço, reduzido à impotência.

Sendo irresponsável e anónimo, a imprensa não recua perante nenhuma alteração de notícias, nenhuma falsidade, nenhuma calúnia.

Acaso não vemos a imprensa universal, inclusive uma parte da que se diz conservadora clamar, amotinando a opinião contra Mussolini, a quem chamam tirano bárbaro, quando expulsa, da Itália, um revolucionário, enquanto a mesma imprensa guarda quasi absoluto silêncio sobre os três milhões de russos executados pela Tcheka bolchevista?

Naturalmente, em muitos jornais conservadores, ou que se dizem tais, aparecem artigos anti-revolucionários. Seria de estranhar, se assim não fosse. Mas tais artigos, cuidadosamente dosados, são meras aparências e não chegam a atingir a essência revolucionária. A habilidade consiste em dirigir órgãos de todos os partidos, desde o bolchevismo até à extrema direita. Este procedimento permite neutralizar a opinião pública, tranqüilizando-a e dirigindo-a no sentido desejado, por meio de uma propaganda subtil, apresentada a cada classe de leitores sob a forma mais aceitável.

Os senhores da imprensa não a utilizam só para evitar todo ataque ao judaísmo, mas para propagar universalmente os princípios que lhe são favoráveis.

Desta circunstância resultam as tendências da imprensa mundial que é geralmente:

Literária, democrática, republicana;

Socialista;

Irreligiosa ou anti-religiosa;

Materialista;

Em resumo: geralmente revolucionária.

#### A INFLUÊNCIA JUDAICA NA VIDA SOCIAL

A mesma influência atua, embora menos universalmente, na literatura, firmando a reputação dos escritores cujas idéias são consideradas íteis à revolução. (Em sentido dilatado, considera-se útil todo princípio de dissolução do mundo social cristão: liberalismo, sensualismo, materialismo, determinismo, etc. Einstein e Freud servem de exemplo). Como na imprensa, hostilizam-se, na literatura, os autores contrários à revolução, empregando para tal fim os meios mais enérgicos, como atesta esta passagem significativa de N. H. Webster:

"Na época em que comecei a escrever sobre a revolução, um conhecido editor de Londres preveniu-me:

"Lembre-se de que, se adotar uma atitude anti-revolucionária, terá contra si o mundo literário inteiro".

"Pareceu-me incrível. Como podia o mundo literário simpatizar com um movimento que, desde a Revolução Francesa, fóra sempre dirigido contra a literatura, as artes e as ciências, e proclamara francamente o seu intuito de exaltar o trabalho manual, em detrimento da inteligência? "Os escritores devem ser proscritos, como os mais perigosos inimigos do povo", dizia Robespierre. Nas secções de Paris bradava-se: "Desconfiem desse homem: éle escreve um livro". E a perseguição fóra organizada contra os homens de talento. Na Rússia, seguiu-se a mesma política e o principio de Collet d'Herbois continua a ser actual: "Tudo é lícito, para quem opera em favor da revolução".

"Eu ignorava tudo isto, quando iniciei a minha obra. Sabia que, no passado, escritores franceses tinham alterado os fatos, em favor dos seus intuitos políticos e que, ainda atualmente, existe uma espécie de conspiração contra a história, dirigida



por membros influentes das lojas maçônicas e da Sorbonne. Mas ignorava que semelhante conspiração tivesse ramificações na Inglaterra e as advertências do editor pouco se impressionaram. Se os fatos por mim citados e as minhas conclusões fossem inexatas, aceitava, com antecedência, todos os ataques que lhes fossem dirigidos. Não mereciam um reconhecimento ou uma refutação razoável os anos que dedicara a laboriosas pesquisas históricas? Ora, aconteceu que, independentemente dos elogios da imprensa, o meu livro provocou críticas que assumiram formas imprevisíveis. Não houve uma só refutação tranca à minha *Revolução Francesa* ou à minha *Revolução Mundial*, pelos métodos habituais das controvérsias. As asserções baseadas em documentos foram simplesmente desmentidas, sem o apêlo de uma única prova. O plano geralmente adotado foi o seguinte:

"Não se quer se procura discutir, mas preferiu-se lançar o descrédito sobre as minhas obras, interpretando-as deliberadamente em sentido contrário, atribuindo-me intuídos que nunca tive e até tornando-me objeto de ataques pessoais. Devemos admitir que este método de crítica não tem igual, em qualquer outro tempo de controvérsia literária.

"Devo notar, como fato particularmente interessante, que a mesma tática foi adotada, há três anos, contra o professor Robinson e o abade Barruel, dois escritores cujos trabalhos sobre as forças secretas da revolução causaram sensação naquela época.

Entre as críticas que sofreram não havia nenhuma das que seria lícito esperar". (1)

Um personagem americano que pretendia publicar nos Estados Unidos *As forças secretas da revolução* consultou previamente um advogado seu amigo e obteve a resposta seguinte:

"Tendo em vista as leis contra a difamação que vigoram neste país, não podeis de modo algum participar da publicação das *Forças secretas da Revolução* de Poncins, sem incorrerdes numa grave responsabilidade legal, com risco de processos de indenização. Embora as afirmações contidas nessa interessante obra possam ser justificadas e susceptíveis de demonstração, as

(1) N. H. Webster — *Associações secretas e movimentos subversivos*. Prefácio.

pessoas e as associações criticadas são tão poderosas e proeminentes no país, que da publicação do livro resultariam, provavelmente, processos vultuosos. Creio que nenhum editor sério querrá empreender a sua publicação, sem um seguro de indenização instituído pelo autor ou pelos editores".

O teatro, o cinema, a própria telegrafia sem fios são instrumentos poderosos para influenciar a opinião pública; e por isto estão profundamente impregnados de maçonzaria e de judaísmo, não só nos seus diretores, mas também nas tendências gerais que nêles predominam. No cinema, os filmes exibidos na Europa provêm, na sua maior parte, das grandes fábricas americanas Metro-Goldwyn, Fox-Film, etc. que são todas quasi exclusivamente judaicas.

Várias vezes foram assinaladas as tendências revolucionárias do teatro moderno. Transcrevamos este trecho de N. H. Webster, relativo à Inglaterra:

"Basta observar, diariamente, ao redor de nós, para ver a mesma força dissolvente operar na arte, na literatura, na imprensa, no teatro, em tudo o que pode influenciar a opinião pública.

"Os nossos cinemas modernos incurvem-se perpétuamente de excitar o ódio de classe, por meio de cenas e frases demonstrativas da injustiça dos reis, do gozimento do povo, do egoísmo dos aristocratas, ainda que não enibam perfeitamente no argumento da peça.

"Não posso crer que tudo isto seja acidental, não creio que o público requeira espetáculos desmoralizadores ou anti-patrióticos; ele responde, pelo contrário, a todos os apelos do patriotismo e das emoções sãs. O coração do povo ainda é bom, mas realizam-se esforços incessantes, afim de o perverter". (1)

A influência dissolvente estende-se a todos os ramos da atividade humana, à ciência, à arte, à moda, pelas teorias subversivas tais como o freudismo, a teosofia, a ciência cristã e certas tendências artísticas gerais, no sentido de alterar as regras de beleza observadas até à época presente.

(1) N. H. Webster — *Obra citada* pág. 142.

No seu estudo sobre a teosofia, René Guénon assinala este fato:

"Um escritor que parece bem informado declara que "tudo se passa atualmente, como se certos protagonistas dos mais costumes obedecessem a uma ordem", (Jean Maxé, *Cadernos do Anti-França*).

"Essa ordem não provém certamente dos que dirigem o teosofismo: eles mesmos obedecem e, conscientemente ou não, cooperam para a realização desse plano, como outros colaboram no mesmo sentido, nos respectivos domínios. Que empresa formidável de desordem e de corrupção se esconde, sob todo o que se agita, presentemente, no mundo ocidental? Um dia provavelmente o saberemos, mas devemos temer que seja, então, demasiado tarde, para combater, com resultado, um mal que incessantemente se alastra". (1)

É supérfluo acrescentar que, nessa obra de decomposição, a educação desempenha um papel primordial. Todos conhecem os esforços realizados por toda parte e principalmente na França, para estabelecer o ensino laico e ateu. Mencionamos esta circunstância, sem acrescentar nenhuma detalhe, pois, tratando-se de fatos notórios, não cabem neste obra, cujo intuito é apontar as forças ocultas da revolução.

Acabamos de ver o aspecto subversivo da influência judaica no mundo em geral e nas revoluções modernas em particular. Já é tempo de examinar mais de perto o judaísmo, para saber exatamente o que é, o que pretende, o que obtve e, enfim, a sua organização geral.

## SEGUNDA PARTE

### A ORGANIZAÇÃO JUDAICA

#### CAUSAS DA HOSTILIDADE GERAL ENTE OS JUDEUS E OS OUTROS POVOS

Em todas as épocas, os judeus foram objeto da hostilidade geral dos povos entre os quais vivem. Serão vítimas, como pretendem, ou opressores?

Na opinião de um judeu, Bernardo Lazare:

"Se essa hostilidade, essa repugnância contra os judeus só se manifestasse numa época determinada ou num único país, seria fácil conhecer-lhe as causas restritas. Mas essa raça foi objeto do ódio de todos os povos entre os quais se estabeleceu. Desde que os inimigos dos judeus pertenceram às mais diversas raças, viveram em regiões muito afastadas umas das outras, eram governados por leis diferentes e por princípios opostos, não tinham os mesmos costumes, os mesmos hábitos, eram animados por espíritos contrários que não lhes permitiam julgar do mesmo modo todas as coisas, devemos crer que a causa geral do antissemitismo residiu sempre nos próprios israelitas e não nos que os combateram."

As razões dessa antipatia foram expostas muitas vezes e resumem-se nas três seguintes:

Sempre e em toda parte, os judeus foram estrangeiros, parias e revoltionários; além disto, durante toda a Idade-Média, foram os deixidas. Com o enfraquecimento do cristianis-

(1) René Guénon — Teosofismo; pág. 187, edição de 1921.

mo, a acusação de débilis perdeu o seu vigor e mencionamo-la sem comentários.

Os judeus são estrangeiros, insociáveis e inassimiláveis, porque são exclusivos e intolerantes.

"Que virtudes ou que vícios provocaram essa inimizade universal contra o judeu? Porque foi sempre e igualmente maltratado e detestado em Alexandria e em Roma, pelos persas e pelos arabes, pelos turcos e pelas nações cristãs? Porque, em toda parte e até aos nossos dias, o judeu foi um ser insociável.

"Porquê foi insociável? Porque é exclusivo o o seu exclusivismo e ao mesmo tempo político e religioso, ou melhor provém do seu culto e da sua lei." (1)

A sua insociabilidade o judeu acrescentou o exclusivismo.

"Sem a lei e sem o povo de Israel que a pratica, o mundo não subsistira; Deus o reduziria outra vez ao nada; e o mundo só será feito, quando se tiver submetido ao império universal dessa lei, isto é ao império dos judeus. Por consequência, o povo judaico é o povo escolhido por Deus, para depositário da sua vontade e dos seus desejos; é o único com quem a divindade celebra um pacto, é o eleito do Senhor.

"Israel é o filho predileto do Eterno, o único que tem direito ao seu amor, à sua benevolência, à sua protecção especial; e os outros homens estão colocados abaixo dos hebreus; só por piedade, os pode contemplar a misericórdia divina, porque só as almas dos judeus descendem dos primeiros homens. Os bens confiados às nações pertencem, na realidade, a Israel e o próprio Jesus respondeu à mulher grega:

"Não se deve tirar o pão às crianças, para atirá-lo aos cães."

"Essa fé na sua predestinação, na sua eleição, alimentou nos judeus um imenso orgulho que os fez considerar os outros povos com desprezo e, muitas vezes, com ódio, quando a essas razões teológicas se uniram motivos patrióticos". (2)

(1) B. Lazare — *Antisemitismo*, pág. 3.

(2) B. Lazare — *Antisemitismo*, pags 8-9.

Além de se conservarem estrangeiros aos meios em que viveram, os judeus innoceram na censura de serem parasitas e explorarem o trabalho alheio. Julgo inútil insistir sobre este ponto de que já me occupi no capítulo "Os judeus e a vida económica."

Passemos, pois, à terceira razão. Os judeus são revolucionários. Foram-no sempre, e os numerosos exemplos citados da sua atividade no socialismo trazem a esta asserção uma confirmação inquietante.

Como revolucionários, manifestam-se, presentemente, sob dois aspectos: são revolucionários, em luta constante contra a autoridade, ou revolucionários no sentido actual da palavra, isto é os mais sólidos estírios dos princípios de 1789; e o socialismo é em grande parte obra sua.

"Foram sempre descontentes. Não pretendo dizer que tenham sido simplesmente insatisfeitos ou opositores sistematicos de qualquer governo, mas o estado das cousas nunca os satisfiz.

"Viveram perpetuamente inquietos, na esperança de um futuro melhor que jamais lhes pareceu realizado. E, como o seu ideal não é dos que vivem de esperanças — nem tão alto o situaram — não podiam contentar-se com sonhos ou fantasmas; julgavam ter direito de exigir satisfações imediatas e não promessas remotas. Eas o móvel da agitação constante dos judeus

"Os motivos que originaram, entreteram e perpetuaram essa agitação, na alma de alguns judeus modernos, não são causas exteriores, como a tirania efectiva de um príncipe, de um povo ou de um código severo. São causas internas que derivam da própria essência do espirito hebraico. Na lóca que os israelitas formam de Deus, no seu modo de encarar a vida e a morte, devemos procurar a razão dos sentimentos de revolta que os animam." (1)

E' o que vamos examinar.

Sempre houve, por consequente, animosidade entre os judeus e os que não o são.

Viverá esta animosidade os adeptos de uma religião?

Além do motivo religioso, isto é da differença radical en-

(1) B. Lazare — *Obras*, pag. 305.

vre a concepção judaica e a cristã, há outras razões. Os judeus formam uma raça separada e, a-pesar-de dispersos, constituem uma nação isolada entre as nações.

### A RAÇA JUDAICA

Os judeus formam uma raça separada, uma raça inassimilável, com caracteres físicos e morais ruidosamente acentuados.

"Quando certos judeus afirmam que se consideram uma seta retilínea igual aos católicos romanos e aos protestantes, não avaliam corretamente os seus sentimentos e atitudes. Até quando um judeu é batizado ou — o que não é necessariamente a mesma coisa — quando se converte sinceramente ao erismianismo são raras as que não o consideram mais judeu; o seu sangue, o seu temperamento, as suas particularidades espirituais ficam inmutáveis." (1)

Sob o aspecto físico, é evidente

"a extraordinária, a absurda persistência da raça semítica. É, em uma raça, a persistência dos tipos físicos. Judeus completamente ocidentalizados conservam, às vezes, um fígado de uma semelhança impressionante com o de um árabe beduíno, do qual os separa um período três vezes milenário.

"A conservação de certos hábitos é, por outro lado, significativa. Séculos de vida entre as populações nórdicas ou eslavas não habituaram o judeu a comer o seu frango, a sua necessidade de gestos, não mudaram o seu gosto pela cozinha variada e ázua da Mediterraúnea.

"Estes exemplos de estabilidade surpreendente, que mais justamente se deveria denominar sobrevivência, são tão numerosos que abrangem, de fato, toda a vida árabe, toda a vida judaica." (2)

"Observa-se, na sorte da raça como no caráter semítico, uma fixidez, uma estabilidade, uma imutabilidade, que impres-

sionam o espirito. Devemos tentar explicá-las, pela ausência de misturadões mistos? Mas em que reside a causa dessa repugnância pelo homem ou pela mulher estranhos à raça? Por que essa permanência negativa?

"Há consanguinidade entre o gaulês descrito por Júlio César e o francês moderno, entre o germânico de Tácito e o alemão contemporâneo. Largo espaço separa esse capítulo dos "Comentários" das comédias de Molière. Mas se o primeiro é o germe, o segundo é a plena florescência.

"A vida, o movimento, a diferença imprimiram-se no desenvolvimento dos seus caracteres e a sua forma contemporânea é a idade adulta de um organismo que era jovem, há vários séculos, e que, dentro de vários séculos, alcançará a velhice e desaparecerá.

"Nada de semelhante se nota entre os semitas. Como as consonantes do seu idioma, eles aparecem, desde o aurora da raça, com um caráter nitidamente definido e sob formas raras e indigemas, não susceptíveis de acréscimo ou de diminuição, rígidas como o diamante que resista todos os corpos e que nenhum corpo consegue riscar.

**Sou o que sou, disse o Eterno. O Eterno — a Eterna — E' a raça.**

**Uma em sua substância universal. Uma no tempo — estável — eterna." (3)**

Os caracteres morais da raça judaica são tão nítidos como os físicos. O escritor que acabamos de citar, Kadmi-Cohen, publicou recentemente, sob os auspícios do ministro A. de Monzie, uma obra intitulada *Nómades*, que é um estudo notável da alma judaica.

Na sua opinião, os judeus são nómades, o que explica o seu caráter atual.

"A unidade do conceito semítico tem a sua explicação primordial e absoluta no caráter nómade do gênero de vida dos semitas. Raça de pastores mais do que de agricultores ou de

(1) *Judeus e nomadidade*, A. D. Levi.

(2) Kadmi-Cohen — *Nómades*, pág. 112.

(3) K Cohen — *Obra citada*, pág. 115-116.

proprietários rurais, foram sempre nômades e conservaram-se nômades. O estigma é indelével, como a marca que se grava no estorço da árvore nova; o tronco cresce, desenvolve-se, a marca alonga-se, desfigura-se, mas nunca perde o caráter primitivo.

"Esse género de vida foi o guardião precioso da unidade da raça, porque a preservou de um contacto prolongado com a terra, de uma residência continua na mesma gleba. (1)

"Não se bem: continuamente ao que sucede entre outros povos, o estado nômade nunca assumiu, entre os semitas, o carácter de transição, de estado passageiro que precede e prepara a vida sedentária. originou-se da própria alma semítica. (2)

"Compreende-se que, por si só, o estado nômade tenha sido o conservador da raça, da sua pureza étnica. A vida errante de um grupo humano significa o isolamento desse grupo e, a-pesar-dos seus deslocamentos ou justamente por motivo d'elles, a tribo conserva-se isolada e si própria. (3)

"Assim, o sangue que lhes corre nas veias conservou a primitiva pureza e a successão dos séculos só poderá fortificar o valor da raça, isto constituir, em resumo, o predomínio do *ius sanguinis* sobre o *ius soli*.

"Os semitas, e particularmente os judeus, oferecem, ainda hoje, uma prova histórica e natural d'este fenómeno. Em parte alguma o respeito do sangue foi prescrito de maneira tão severa.

"Como está registada na Bíblia, a história desse povo insiste continuamente sobre a prohição de aliança com estranhos. E, atualmente, como há trinta séculos, esta particularidade da raça fortifica-se e avalha-se pela raridade dos matrimonios mistos entre judeus e indivíduos de outras raças.

"E, por consequente, nesse amor exclusivo, nessa espécie de zelo da raça que se concentrou o sentido profundo do semi-

tismo e que se manifesta o seu carácter ideal. Esse povo é uma entidade autónoma e autógena: não depende de um território, não aceita os estatutos resis do país em que reside e recusa os ressaltados, aliás fecundos, do cruzamento com outras raças. Sem amparo material, sem apoio exterior, cultiva unicamente a sua unidade. Inclue em si mesmo a sua existência e só depende do poder vital da sua vontade intrínseca, que se conserva pura, alheia a todas as contingências que ella evita ou despreza.

"E esse valor formidável assim conferido à raça explica, por si só, este fenómeno único, excepcional entre os inúmeros povos, só um, o judeu, sobrevivendo a si mesmo, prolonga uma existência paradoxal, continua uma duração lógica e, a-pesar-de todos os ataques, de todos os desambramentos, de todas as persecuções combinadas, impõe a luz fulgurante da unidade, o signo esplandente da eternidade, da supremacia da idéa. Um povo único conservou-se sano, sempre e a-pesar-de tudo. (4)

Como não possuo a competência necessária para discutir esta opinião, limito-me a verificar o resultado, que é o que unicamente nos interessa: o carácter anal dos judeus.

Em primeiro lugar:

"Todos os que estiveram em contacto ou travaram relações pessoais com judeus manifestaram-se impressionados pela exaltação com que elles tratam de todas as questões. E' o que se convencionou denominar "o fogo sombrio dos profetas."

"Uma violência particular preside a toda a sua atividade. Quer se trate de arte, de ciência — nesses domínios em que, por definição, deveria reinar a serenidade — quer de negócios ou, com mais razão, de politica, os judeus apaixonam-se logo e, infalivelmente, tornam o debate apaixonado. Isto é tão notório e todos os dias verificamos tantos exemplos armados desse entusiasmo, que julgo inútil insistir. (5)

"Esse entusiasmo apaixonado da raça explica o fenôme-

(1) Kohen-Cohen — *Vivendes*, pág. 14

(2) K. Cohen — *Otra cidade*, pág. 19.

(3) K. Cohen — *Otra cidade*, pág. 25.

(4) K. Cohen — *Otra cidade*, pags. 36-27 28

(5) K. Cohen — *Otra cidade*, pág. 33.

no, freqüentemente verificando, da incoerência da história árabe e judaica. Efetivamente, do seu decurso foi banida a influência da lógica que coordena e regula não só o conjunto dos fatos que constituem a vida, mas a sucessão dos acontecimentos que compõem a história. (1)

"Depois da dispersão, a história judaica é um verdadeiro paradoxo, um desafio ao bom senso.

"Viver, durante vinte séculos, em rebelião constante contra todas as populações ambíguas, insultar os seus costumes, os seus idiomas, as suas religiões com um separatismo intransigente, constitui uma monstruosidade. A revolta é, às vezes, um dever; muitas vezes, a dignidade a impõe; mas erigi-la em estado definitivo, quando é tão fácil deixar-se absorver, evitando simultaneamente o desprezo, o ódio, o opróbrio vinte vezes secular, não é um raciocínio justo, é um absurdo, é uma insanidade. (2)

"A unidade da raça, a exaltação individual condicionadas pelo estado nómade têm necessariamente por corolário, no conceito semítico a negação do princípio de autoridade e o desprezo natural da disciplina. (3)

"O princípio da disciplina é, entre os judeus, incompatível com o sentimento mais profundo da raça, chegando a Bíblia a atribuir uma origem divina à proibição de instaurar a realeza. (4)

"Supra as outras civilizações baseavam ou basearam instituições mais ou menos duráveis sobre um princípio de autoridade interior e soberana, os semitas não fundaram nenhuma instituição permanente. E foi por não terem compreendido ou por não conhecerem a força e a virtude social deste prin-

(1) K. Cohen — Obra citada, pag. 53

(2) K. Cohen — Obra citada, pag. 58

(3) K. Cohen — Obra citada, pag. 60

(4) K. Cohen — Obra citada, pag. 62

cípio, que situaram a autoridade na vontade íntima dos indivíduos agrupados. (5)

"Direi mais:

"A noção da autoridade — e, portanto, o respeito da autoridade — é uma noção anti-semítica. Foi no catolicismo, no cristianismo, nos próprios pecceitos de Jesus, que ela encontrou a sua consagração simultaneamente leiga e religiosa. (6)

"Se o respeito, talvez exagerado, da vontade individual se oponha, entre os semitas, à instauração e à extensão do princípio de autoridade, favorecia, pelo contrário, a germinação e o desenvolvimento do princípio de igualdade.

"Foi assim que, na fase de Ibn Khaldoun, floresceram, na alma semítica, como realidades vivas, a Liberdade e a Igualdade, estes dois princípios gêmeos que, mais tarde, passaram a ser letras maiúsculas, escritas nos preliminares das constituições modernas e na frontispício dos edifícios públicos. (7)

"O princípio da igualdade humana impede a criação de desigualdades sociais; isto explica a ausência de nobreza hereditária, entre os árabes e os judeus, que ignoram até a própria noção do *estrangeirismo*. A condição primordial de três diferenças seria a admissão da desigualdade humana; ora, é no princípio oposto que tudo se baseia, entre esses povos.

"A causa accessória do aspecto revolucionário da história semítica reside igualmente nesse exagero do princípio de igualdade. Como poderia existir um estado, necessariamente subordinado à hierarquia, se todos os indivíduos que o compõem pretendessem conservar-se rigorosamente iguais?

"O que, com efeito, impressiona, na sucessão da história semítica, é a ausência quasi total de estados organizados e duráveis. Dotados de todas as qualidades exigidas para formar, politicamente, uma nação e um estado, os judeus e os árabes não souberam organizar a instituição de um governo definiti-

(5) K. Cohen — Obra citada, pag. 68

(6) K. Cohen — Obra citada, pag. 70

(7) K. Cohen — Obra citada, pag. 72

vo. Toda a história política desses dois povos aparece profundamente impregnada de indisciplina.

Toda a história judaica relata, a cada passo, movimentos populares, cuja razão material não percebemos. E na Europa, no decorrer dos séculos XIX e XX, a ação exercida pelos judeus em todos os movimentos subversivos é ainda mais considerável. Se, na Rússia, as perseguições anteriores justificam a sua colaboração em tais movimentos, o mesmo não se dá em relação à Hungria, à Baviera e a outros lugares. Devemos procurar, no domínio da psicologia, a explicação da história árabe e das modernas tendências judaicas. (2)

O conceito exagerado da igualdade constitui, por consequente, um dos aspectos mais característicos da alma judaica:

"Seria, contudo, incompleto, sob este aspecto, se não lhe acrescentássemos, como causa ou consequência deste estado de espírito, o predomínio da ideia de justiça.

"Se foi possível afirmar que, rigorosamente, as religiões semíticas não têm conteúdo moral, é preciso, entretanto, reconhecer que a humanidade lhes deve o esplendor da ideia de justiça. (3)

"Aliás — e o reparo é interessante — é a ideia de justiça que, com a exaltação própria da raça, constitui a base do sentimento revolucionário dos judeus. Despertando essa noção de justiça, consegue-se determinar a agitação revolucionária. A injustiça social, resultante da desigualdade entre as classes, é, entretanto, fecunda; uma moral pode encobri-la, a justiça nunca.

"O princípio de igualdade, a ideia de justiça e exaltação determinam e condicionam o princípio de revolta. A indisciplina, a ausência de noção de autoridade favoreceram a sua realização, logo que se apresenta o objeto da revolução.

(1) K. Cohen — Obra citada, págs. 76-78

(2) K. Cohen — Obra citada, pág. 81.

"Mas este objeto é a riqueza, causa das lutas humanas, desde a mais remota antiguidade — luta pela sua posse e pela sua divisão.

"E' o comunismo contra o princípio da propriedade particular. (4)

"Mas o instinto da propriedade resultante do apêgo à gleba não existe entre os semitas — étnos nômades — que nunca possuíam o solo e nunca desejaram possuí-lo. Disto derivam, desde a época mais remota, as suas inegáveis tendências comunistas. (5)

"O seu entusiasmo apaixonado pode levá-los muito longe, até ao extremo, até ao fim: pode determinar a extinção da raça, por uma série de loucuras fanáticas.

"Mas essa intoxicação tem o seu âmbito e essa desordem do pensamento encontra o seu corretivo na concepção e na prática de um utilitarismo positivo. Se chega, às vezes, a extrair-se do céu, o semita não perde, todavia, a noção da terra, dos seus bens, dos seus proveitos. Muito pelo contrário. O utilitarismo é o outro polo da alma semítica. Nêle, dizemos nós, tudo é especulação: mas ideias e nos negócios; e, neste último campo, entrou o hino mais vigoroso de glorificação do interesse terrestre.

"Trotsky e Rothchild assinalam a amplitude das oscilações do espírito judeu; estes dois extremos abrangem toda a sociedade, toda a civilização do século XX". (6)

Resumamos:

"Do ponto de vista étnico, distinguem-se ordinariamente duas espécies de judeus: os do ramo português e os do ramo alemão (Sephardim e Astezanim).

"Mas, do ponto de vista psicológico, os judeus derivam unicamente de duas espécies: os Hassidim e os Mithagdim. Aos

(1) K. Cohen — Obra citada, pág. 83.

(2) K. Cohen — Obra citada, pág. 85.

(3) K. Cohen — Obra citada, pág. 154.

primeira pertencem os exaltados. São os místicos, os cabalistas, os demoníacos, os apaixonados, os desinteressados, os entusiastas, os poetas, os onívoros, os frenéticos, os irrefletidos, os quiméricos, os voluptuosos. São os judeus do Mediterrâneo, os católicos do judaísmo, do catolicismo da era mais gloriosa. São os profetas que vaticinam sobre o tempo "em que vizinhão o lobo e os cordeiros e os gládios fornecerão as relhas dos arados de Halevi", como Isaias que cantava. "Seque a minha mão direita, ó Jerusalém, se eu te esquecer, e seja-me tirada a fala, se eu não pronunciar o teu nome" e que, no delírio do seu entusiasmo, desentendendo na Palestina, beijava o pó da terra nazal, desdenhando a aproximação do bárbaro eia lança o devia trespassar. São os militares de judeus universais dos gnetos que, na época das Cruzadas, se massacravam entre si ou se deixavam massacrar, ao lado milenario de "Escuta Israel," para não se reconhecerem uns aos outros e não renequem o seu Deus. São as inúmeras vítimas e os mártires incontáveis que marcam o caminho da humanidade, do profundo da barbárie para uma era melhor.

"Os Mithragadins são os utilitários, os protestantes do judaísmo, os nórdicos. Frios, calculadores, egoístas, positivos, correm, na sua ala extrema, os elementos vulgares, rousosos de lucro, sem escrúpulos, os oportunistas, os implacáveis.

"Desde o lanqueiro e o homem de negócios até ao mercador e ao usurário, a Golseck e a Shylock, compreendem a terra imensa de homens de coração de pedra, de dedos aduncos, que jogam e especulam sobre a miséria dos indivíduos e das nações. Procuram tirar proveito de toda catástrofe; quando a carestia se declara, monopolizam todas as mercadorias disponíveis. A fome cunha, para eles, uma ocasião de bons negócios. E, quando se desencadeia a onda antisemítica, são os que primeiro invocam o grande princípio da solidariedade da raça, para atrair para si a proteção." (1)

Ao estudo da raça devemos acrescentar o da religião, pois, no judaísmo, as duas noções são inseparáveis.

(1) Kadmi-Cohen — Outra cidade, págs. 129-130.

"O judaísmo apresenta o fenómeno, único nos anais do mundo, de uma aliança indissolúvel, de uma fusão íntima, de uma combinação intrínseca do princípio religioso e do princípio nacional. (2)

"Não há, entre o judaísmo e as outras religiões contemporâneas, apenas uma questão de gradações, mas uma diferença de natureza e de espécie, uma antinomia fundamental. Não estamos em presença de uma religião nacional, mas de uma nacionalidade religiosa. (3)

"A ideia de Deus, a imagem de Deus, tal como se reflecte na Bíblia, passa por três estádios bem distintos.

"Primeiro estádio: o Eate Supremo aparece sequioso de sangue, zeloso, terrível, guerreiro. As relações do hebreu com o seu Deus são as do inferior com o superior tendo que se quer propiciar.

"Segundo estádio: As condições tendem a equilibrar-se. O pacto concluído entre Deus e Abraão desenvolve todas as suas consequências; as relações tornam-se quasi convencionais. No Hagada Talmúdico, os patriarcas travam controvérsias, debates judiciais com o Senhor. A Torá ou Bíblia intervém nesses debates e a sua intervenção é preponderante. Demandando contra Israel, Deus perde, às vezes, o processo. A igualdade das duas partes afirma-se.

"Finalmente, no terceiro estádio, o carter subjektivamente divino de Deus perde-se. O Eate Supremo torna-se uma espécie de ser fictício. A quem conhece o espirito subtil dos seus autores, as lendas semelhantes à que acabamos de citar dão a ideia de que, tanto os autores como os leitores, consideram a Deus como um ser imaginário e a divindade, sob o aspecto de uma personificação, de uma simbolização da raça." (4)

Essa religião tem o seu código: o Talmud.

(1) G. Balant — O problema judaico, págs. 66.

(2) G. Balant — Outra cidade, pag. 66.

(3) Kadmi-Cohen — Nomeses, págs. 129.



## O TALMUD

O *Talmud* é o código das leis judaicas religiosas e sociais, a deformação progressiva da antiga lei mosaica, abandonada há muito tempo.

Sob a ação do tempo e do contacto de influências exteriores, como as doutrinas religiosas dos caldeus, os sacerdotes membrados da direção espiritual de Israel, principalmente os fariseus, transformaram, pouco a pouco, a lei de Moisés. Entre outros pontos, "as predições de uma série de profetas, que apontam Israel como o povo eleito por Deus, converteram-se na convicção de que Israel é o povo de Deus," e a promessa de domínio de Jeová transformou-se em promessa de hegemonia mundial, em proveito dos judeus.

Os fariseus sempre transmitiram oralmente os seus preceitos. Um dos mais notáveis entre eles, Judas o Santo, codificou-os, em 190 depois de Cristo, na *Mishna*, que, com o seu anexo *Ghemara*, (composto no século V pelo rabino Iochann) forma o *Talmud de Jerusalém*.

Transportando-se para Constantinópla, o *Saukedrino*, governante judeu da dispersão, redigiu, em fins do século V, as conclusões do *Ghemara*, edição revista e atenuada do *Talmud de Jerusalém*, desoçando depois *Talmud de Babilónia*,... Foi impresso pela primeira vez, em Veneza, por Daniel Bomberg, de 1520 a 1531, e suscitou uma indignação geral no mundo católico.

Sendo o *Talmud* muito extenso e confuso, o sábio rabino Joseph Caro redigiu, em princípios de 1500, um resumo abreviado e claro do seu conteúdo: *E' o Scheulchan-Aruch*, cuja reputação e autoridade conservaram-se inmutáveis. Tornou-se o código por excelência dos judeus de todos os países.

O *Sepher Ha Zoar*, um livro do esplendor, contém a mística judaica; é a expressão da cabala moderna. (1)

(1) O estado do *Talmud* é até à compressão da questão judaica, mas não cabe nos nossos limites. Veja-se o resumo publicado por Moss. Joubin no *Priggo judéo-magúico*, vol. V, que oferece também uma importante bibliografia a respeito. Veja-se também: Bernardo Lazare — *Antisemitismo*. G. Bataula — *O problema judeu*, etc.

Quando se fala entre nós na religião judaica, pensa-se apenas na Bíblia, na religião de Moisés; é uma ilusão. Os judeus da Idade-Média são Talmudistas e nem todos deixaram de o ser. Ainda hoje, o *Talmud* tem muita autoridade do que a Bíblia.

Reconhecemos a superioridade do *Talmud* sobre a Bíblia, dizem os *Arguãos Israelitas* e o *Universo Israelita* afirma:

"Durante dois mil anos, o *Talmud* foi e é ainda o objeto da veneração e o código religioso dos israelitas."

"O que constitui o princípio fundamental, a extraordinária originalidade do judaísmo é o seu exclusivismo. Toda a história do povo judeu e a da sua religião, que são inseparáveis, gravitam em torno desse fenómeno central.

"Um Deus cioso; Iahvé, seu povo eleito; Israel, os ritos, os mandamentos, as leis que os ligam entre si: eis a essência da verdade e da justiça. Fora disto, só há o mundo e o mal; o mundo do mal. Este conceito breve, mas apaixonado e singularmente poderoso, formou a integridade de um povo durante três mil anos. Esse exclusivismo indefectível criou uma raça, uma nação, uma religião, uma mentalidade sem par na história do universo.

"Pela própria e única força das tradições, através das tempestades que agitam os homens, no decorrer dos séculos, o judaísmo manteve-se inabalável, inexoravelmente idêntico a si mesmo; como foi na sua origem, encontram-lo hoje. Porque os judeus formam o povo mais conservador entre os povos, são a prova de uma conservação indestrutível e intransigente. A humanidade muda, os impérios elevam-se e desmoronam, os ideais surgem, resplandecem e morrem, mas o judeu fica, o judaísmo permanece, envolto no seu exclusivismo feio, esperando tudo do futuro, infatigavelmente, sobrehumano, deshumano.

"Já demonstrei que a situação dos judeus na sociedade, ou melhor à margem de todas as sociedades, deriva do seu exclusivismo; para se conservar, devem fatalmente manter-se afastados de um mundo mutável.

"Assimilar-se seria renunciar, consentir em desaparecer,

como desapareceram os egípcios, os babilônios, os persas, os gregos, os romanos, os galeses, os francos; suas tradições exclusivas preservaram-nos da mesma sorte. Povo sem terra, nação<sup>1)</sup> errante, raça dispersa, conservas uma pátria, uma religião; ameta-se um ideal comum, formado pelas mesmas esperanças, sempre ilusórias e continuamente renovadas. Perduram assim, sempre iludidos a miragem da idade de ouro, de uma era nova, de uma época messiânica, em que o mundo viveria no júbilo e na paz, submisso a Iahvé, subordinado à sua lei, sob a direção do povo sacerdotal, perpétuamente eleito, amadurecido pelas provações na esperança dessa hora única.

"Sucede, porém, que esse povo, que é, como digo, o mais conservador entre os povos, tem a justa reputação de estar possuído por um espírito inextinguível de revolta. Ha, nisto, um paradoxo ou uma aparência de paradoxo que me proponho a dissipar.

"Prisioneiros das tradições imutáveis que são a essência do seu exclusivismo, no meio da humanidade formada de uma imensa maioria de raças estranhas à sua, os judeus são eternos inadaptáveis.

"Seja onde for, como a ordem estabelecida não foi, não é e nunca será baseada na rigorosa observância das leis de Iahvé, essa ordem nunca será conforme ao sonho de Israel.

"O judaísmo só pode desejar a sua subversão; o dever do judeu, principalmente do seu instinto, formado por tradições três vezes milenárias, é cooperar para a sua destruição.

"O exclusivismo impõe e justifica o espírito de revolta"<sup>(1)</sup>

Esta religião gera homens de negócios e revolucionários, porque é:

Essencialmente terrestre.

Exclusiva.

Messiânica.

É essencialmente terrestre, porque não crê na vida futura e promete a bemaventurança na terra, originando logicamente

(1) G. Halanck — O problema judeu, pág. 183. Ed. Plon-Neuril, 1921.

se um materialismo desenfreado e o culto do ouro, único criador dos gozos materiais.

■ É exclusiva.

Ao exclusivismo une-se o messianismo, que dele deriva, em grande parte: Iahvé promete aos homens a felicidade na terra, pela liberdade, pela igualdade e pela justiça e — ponto capital — os judeus julgam-se incumbidos da missão de instaurar, neste mundo, essa era de perfeita felicidade, sonho messiânico que os torna essencialmente revoltados.

"Sem a lei e sem o povo de Israel que a pratica, o mundo não subsistira; Deus o recriaria, de novo, ao nada; e o mundo só conhecerá a felicidade, quando se tiver submetido ao império universal dessa lei, isto é ao império dos judeus. Portanto, o povo hebraico é o povo escolhido por Deus, para depositário das suas vontades e dos seus desejos, o único com quem a divindade celebrou um pacto, o eleito do Senhor... Israel está sob o próprio olhar de Jeová, é o filho predileto do Eterno, o único que tem direito ao seu amor, à sua benevolência, à sua proteção especial; e os outros homens estão colocados abaixo dos hebreus; só por piedade, os pode consagrar a misericórdia divina, porque só as almas dos judeus descendem do primeiro homem."<sup>(1)</sup>

"Essa felicidade se realizará pela liberdade, pela igualdade, pela justiça. Todavia, se entre as nações, foi a de Israel a primeira que concebeu estas idéias, outros povos, em diferentes épocas da história, bateram-se por elas, sem serem, como os judeus, povos de revoltados. Porquê? Porque, se estavam convencidos da excelência da justiça, da igualdade, e da liberdade, não consideraram possível a sua realização total, no mundo, e não lutavam unicamente, em prol do seu advento.

"Os judeus, pelo contrário, não só acreditaram que a justiça, a liberdade e a igualdade poderiam ser as soberanas do mundo, mas julgaram-se especialmente incumbidos de instaurar esse regime. Todos os anelos, todas as esperanças, que esses três princípios faziam nascer, acabaram cristalizando-se em

(1) R. Luzzat — Antisemitismo, pág. 8.

torno de um núcleo central: o sonho dos tempos messiânicos, a chegada do Messias que deveria ser enviado por Iahvé, para estabelecer o seu poderio nas ruínas terrestres". (1)

"E o resultado da revolução messiânica deve ser, para ele, sempre o mesmo: Deus subverterá as nações e os seus reis e fará triunfar Israel e o seu Senhor, as nações se converterão ao judaísmo e obedecerão à sua lei, ou serão destruídas, tornando-se os judeus senhores do mundo". (2)

Logo:

"Os acontecimentos contemporâneos (3) demonstram, por mais que se queira cavilar, o parentesco íntimo do judaísmo e do espanto de revolta. Sob formulas diversas, é sempre o velho sonho messiânico dos profetas e dos salmistas que domina os cérebros. O internacionalismo pode muito bem ser um nacionalismo dilatado, um verdadeiro imperialismo ideológico, que aspira a subordinar as nações ao ideal de justiça obstinado e exclusivo que foi o de Israel, no decurso dos séculos, que arruína Israel e que, há dois mil anos, lava o mundo. Desprezando os limites humanos, as diferenças, as imperfeições, desdenhando as necessidades da vida e todas as tradições, excetuando a sua, a paixão messiânica, agitada pelo sópro tempestuoso do espírito de revolta, percorre o mundo, devastando todo à sua passagem. Chamando para o futuro, do profundo de um passado milenar, a voz dos profetas continua a incitar a raça para um mundo de justiça, em que se deveria realisar o sonho orgulhoso e impossível de Israel". (4)

Esta raça, em que a religião imprime as suas tendências anti-ecuménicas, estará organizada, possuirá chefes reconhecidos, com autoridade sobre todos os grupos judaicos do mundo?

(1) B. Lazare — Obra citada, pág. 222

(2) G. Batault — Obra citada, pág. 116.

(3) Entre outros, o bolchevismo.

(4) G. Batault — Obra citada, pág. 156.

## AS ORGANIZAÇÕES JUDAICAS

NÃO se pode duvidar de que os judeus obedecem a uma organização. O indivíduo de outra raça dificilmente lhe descobrirá os detalhes secretos, mas as suas manifestações exteriores provam a existência de uma autoridade, de um poder oculto inegáveis.

Falando às autoridades inglesas, na ocasião da sua visita a Jerusalém, um judeu, Chaim Weizmann, declarou:

"Rehaveremos a Palestina, com o vosso consentimento ou sem ele. Podéis acelerar a nossa chegada ou retardá-la; mas, no vosso próprio interesse, deveis ajudar-nos, pois, em caso contrário, o nosso poder construtor se transformará numa força de destruição que subverterá o mundo." (1)

Na mesma época, nos Estados Unidos, um judeu, B. M. Baruch, disse a uma comissão de Inquérito do Congresso americano:

"Posso dizer — e, sem dúvida, é verdade — que exerci poder maior do que o de qualquer homem durante a guerra."

E alguém acrescentou:

"Ele poderia ter dito: "Durante a guerra, nós, os judeus, tínhamos mais poder do que vós, os americanos." E diria a verdade."

Se dermos a esta autoridade o nome de governo, poder-se-á discutir a denominação; mas isto não alterará o facto da existência de um poder judaico, de ter este conseguido abater a Rússia e de se vangloriar de poder humilhar, em caso de necessidade, os governos ingleses e americanos. A campanha dos judeus, em 1909, contra o presidente Taft e a derrota deste provam que esta asserção não é sem fundamento.

Por outro lado e diversas vezes, viram-se as organizações

(1) Rosenberg — *Der Staats-sindliche Zionismus*. Frase que me foi confirmada por um oficial inglês que, naquele tempo, fazia parte do Intelligence Service da Palestina. Veja-se também o *Morning Post*, de 1-3-1911.

judaicas movimentar massas judaicas; tais movimentos foram sempre caracterizados pela rapidez e pela ação coletiva, demonstrando, portanto, que os judeus estavam solidamente unidos entre si, pelas suas organizações e provando também a existência de uma direção central, investida de uma autoridade considerável. Citemos, como exemplos, o caso Dreyfus e a imigração judaica nos Estados Unidos, após a guerra.

As principais organizações judaicas, mas ou menos ocultas, mas de cuja existência se tem certeza, são:

As Kahals e suas filiais, como a Comissão judaica da América.

A aliança israelita universal.

A ordem universal dos Beai Brith.

A Poale Zion.

Ignoramos se, encobertas por estas, existem outras organizações mais secretas. É quasi certo que de uma perquisição operada nos centros das referidas organizações resultariam descobertas interessantes; porém, não é menos certo que nenhum governo atual ousaria exporê-la.

Supõe-se que a mais importante entre estas organizações seja a Kahal ou Qahal.

## KAHAL

### *Origens e bibliografias (1)*

Já citamos o livro da Kahal de Brafman. É a principal ou melhor a única fonte donde podemos tirar informações.

"Nascido na Rússia e de origem judaica o autor converteu-se ao cristianismo, com a idade de trinta e quatro anos. Como chegara a consultar numerosas atas da Kahal, estava per-

(1) Este estudo da Kahal é um resumo da obra de Mons. Joule *O perigo judeu-Maçônico*, vol. V.

Os judeus orientais africanos que este resumo não corresponde ou não corresponde mais à realidade. Incluímos, portanto, este capítulo para ser objeto da discussão. Assim conseguimos, talvez, elucidar o assunto.

feitamente informado. Em 1870, publicou, em Vilna, o seu *Livro da Kahal* em idioma russo. A impressão cuidada foi tal, que o governo dispôs-se a intervir contra essa jurisdição oculta dos judeus. Mas essa intervenção ficou só em projeto.

"Uma tradução francesa da obra appareceu, em 1873, sob o título de: *Livro da Kahal. Materiais para o estudo do judaísmo, na Rússia, e sua influencia, sobre as populações onde existe*, por L. Brafman. Traduzido por T. P., Odessa Tipografia L. Nitschke, 1873.

"É um volume em 8.º de IV, com 256 páginas e dividido em duas partes. A primeira, que forma a obra propriamente dita, compreende apenas 17 capítulos e 93 páginas. A segunda é formada por uma preciosa coleção de atas da Kahal. Brafman, que examinara cerca de um milhar de atas, publicou integralmente 285 desses documentos, correspondentes ao período 1795-1883.

"Os exemplares da tradução francesa tornaram-se também raríssimos, e foi por um acaso feliz que a *Revista Internacional das Associações Secretas* conseguiu fotografar um deles.

"Faltando a obra original, é possível consultar outro livro que nela se inspirou e é quasi a sua reprodução, a obra de Calixto de Wolski, *A Rússia judaica*, publicada em francês, em 1887, por A. Levine, em Paris, e que, por sua vez, deu origem ao livro de L. Viol, *O judeu sectário ou o intolerância islâmica*, publicado, em 1889, por Fleury em Paris". (Jouin vol. V, págs. 91 e 92).

Sabemos que, para os judeus, o *Talmud* representa a lei. Esta encontra a sua fórmula resumida no *Schulchan Arabb* que representa o código.

"Examinemos agora a sua applicação. A prática quotidiana da lei exige, como em todas as sociedades, um poder executivo e judiciário que, entre os judeus, está reservado a um resumido grupo de magistrados. Esse tribunal soberano denomina-se Kahal.

"A Kahal é a assembleia dos representantes de Israel. A

instituição data das épocas mais remotas. Vigorava já no regime democrático, instaurado, por Moisés.

"Mais tarde, na época de Cristo, a Kahal tornou-se, na expressão da *Jewish Encyclopedia*, "o centro da vida judaica." Sob o aspecto de *Sanhedrin*, era a Kahal que tratava de todos os negócios do estado, não só do ponto de vista religioso e judiciário, mas também dos assuntos legislativos e referentes à administração.

"A-pesar-da dispersão, a Kahal não devia perder a sua autoridade, nem a sua influência. Garantida pela tradição secular, a instituição conservou o seu poder. Mas não funcionava mais francamente e ocultava-se nos guetos. Entretanto, em 1806, Napoleão I tentou restituir-lhe o esplendor, estabelecendo o Grande Sanhedrin da França ao qual competia a missão de regular a condição social dos judeus, relativamente ao estado jurídico dos diversos países em que estavam disseminados. O Imperador não tardou a perceber que fora pouco previdente: quis limitar os abusos de Israel e, bem depressa, viu elevar-se contra o seu poder "essa força misteriosa da finança, contra a qual ninguém, nem o próprio Napoleão, consegue resistir", como afirmou, um dia, Leão Say, na tribuna parlamentar." (1)

#### Generalidades da Kahal

"A Kahal exerce o poder legislativo e executivo. O Beth-Dine é o tribunal que garante o respeito dos atos administrativos.

"Embora represente a sobrevivência do antigo *Sanhedrin*, o Beth-Dine é apenas o anexo e o complemento da Kahal. Esta é que exerce a autoridade soberana.

"Seja qual for a sua importância, qualquer Kahal compreende duas categorias de membros: a primeira, formada de magistrados e dignitários, é a Kahal propriamente dita; a segunda compõe-se do pessoal subalterno.

"Os dignitários constituem o Grande Conselho e exercem

uma autoridade soberana sobre a comunidade judaica da sua religião.

"A Kahal é o regulador da vida judaica. Em cada circunscrição, o seu papel consiste, efetivamente, em assumir a defesa dos interesses da comunidade. Delibera e estatue sobre a situação criada pelos acontecimentos, estabelece as medidas que convém aplicar. Intervém, por conseguinte, na vida diária de cada judeu, a quem dirige, de certo modo, sob todos os pontos de vista. Resolve as questões religiosas, civis e comerciais, regula a hierarquia social, etc. (2)

"Esta disciplina imposta pela Kahal aos membros da comunidade é compensada pelo cuidado atento que dedica à defesa dos seus interesses. E esta solicitude incansável explica o etnolativismo judeu de que é uma manifestação.

"A vigilância da Kahal, no domínio prático, completa o zelo com que, através dos séculos, os rabinos mantiveram as leis judaicas acima das leis das nações. Israel recusa incorporar-se aos povos que lhe costumam hospitalidade. Entre os costumes dos seus hóspedes, só aceita os que se harmonizam com as suas tendências. Em tudo o mais, eleva-se como antagonista, cioso dos privilégios que se arroga no decurso dos séculos. A Kahal exerce contínua vigilância, afirm de que as posições conquistadas não sejam abandonadas e as vantagens obtidas se perpetuem, a-pesar-das tentativas feitas, para as anular." (3)

#### O BETH-DINE

"As atribuições da Kahal são de ordem administrativa, referem-se especialmente aos interesses da comunidade. Tratando-se de um processo, de um litígio ou de um crime, em uma palavra: de uma questão judiciária ou disciplinar, é ao Beth-Dine que cabe tomar conhecimento do caso.

"Como já dissemos, o Beth-Dine corresponde ao Sanhe-

(1) Jouin — Vol. V, pág. 90.

(2) Jouin — Vol. V, pág. 100.

(3) Jouin — Vol. V, pág. 100.

din dos tempos antigos. Mas hoje não possui a independência, que, outrossa, podia reivindicar. Está subordinado à Kahal, de que é apenas a secção judiciária. E' a este tribunal que se dirigem os israelitas, preferindo-o às jurisdições dos países em que vivem.

"O Beth-Dine pode impor sanções de diversas categorias, que consistem principalmente em multas e castigos materiais. Nos casos graves, lança um adiutens contra o delinqüente". (2)

Estas informações ténicas são confirmadas por um estudo documentado sobre a Kahal de Nova York, publicado no "International Jew". (3)

"Há lojas e organizações exclusivamente judaicas bem conhecidas do público; mas não são estes os grupos que merecem atrair a atenção. No meio d'elles e encoberto por elles, existe

(1) Joias — Vol. V, pág. 116-121.

(2) Em 1929, o *Dearborn Independent*, jornal de H. Ford, publicou uma série de artigos sobre a questão judaica. Esses artigos, muito documentados e serenos, obtiveram tanto sucesso que o jornal adquiriu imediatamente uma expansão enorme. Depois, os mesmos artigos foram reeditados num livro, intitulado *The International Jew*. Os judeus ficaram profundamente indignados, porque o adversário era sério. E saeteram contra Ford uma violenta campanha que durou diversos annos e só terminou em 1937.

Angustiado por graves embargos financeiros, processado pelos judeus perante os tribunais americanos, vítima de um grave acidente automobilístico que se não ter sido muito misterioso, Ford saerava às organizações judaicas uma carta em que desmentia tudo o que publicara contra os judeus. Estas, depois de o deixarem algum tempo na incertura, accltaram a retratação. Os processos em andamento foram anistados e corre o boato de que, se o arrependimento de Ford for sincero, dá-se-se pensar no seu nome, para a presidência dos Estados Unidos.

Embora a retelação pessoal de Ford não diminua o valor intrínseco dos seus documentos, publicamos o trecho extrahido do livro em questão, sob absoluta reserva e unicamente sob o seu aspecto documental.

um grupo central, o governo oculto cujas ordens constituem leis e cujos atos são a expressão official do plano judeu.

"Duas dessas organizações, notáveis ambas pelo seu ocultismo e pelo seu poder, são a Kahal de Nova York e a Comissão judaica da América.

"Dizendo ocultismo, queremos exprimir que estas associações existem em grande número, que interessam pontos vitais da vida americana, sem que ninguém suspeite da sua existência.

"Se hoje consultássemos a população de Nova York verificaríamos, talvez, que apenas um sobre cem não judeus ouviu falar da Kahal da cidade; todavia ella é um dos fatores da vida politica de Nova York. Conseguiu existir, amoldar e remodelar a vida da cidade, sem que ninguém a tenha percebido.

"Se a imprensa menciona a Kahal, a impressão — se há impressão — é que se refere a uma vulgar organização judaica.

"A Kahal promulga leis, julga casos legais, é um governo na dispersão; ou melhor: depois que o destino transformou os judeus em povo errante, elles organizaram um governo próprio, em condições de funcionar independente dos governos gentios. No cativello babilónico como, atualmente, na Europa occidental, a Kahal é o poder e o protetorado a que o judeu recorre, para obter direção e justiça.

"A conferência da paz instituiu a Kahal na Polónia e na Rússia. A Kahal, estabeleceu suas salas de justiça na cidade de Nova York.

"A Kahal promulga leis, julga casos legais e sentenças de divórcio. Os judeus recorem à Kahal, preferindo a justiça judaica à do país. E' o resultado de um accordo celebrado entre elles, como os cidadãos dos Estados Unidos concordam em serem governados pelos instituições que elegem para tal fim.

"A Kahal de Nova York é a união judaica mais poderosa do mundo. O centro do poderio judaico foi transferido para esta cidade. Isto explica a enorme migração judaica para Nova York, que é, atualmente, para os judeus, o que Roma é para os católicos e Mecca para os muçulmanos. Pela mesma razão, os emigrantes judeus procuram a Palestina.

"A Kahal é a resposta categórica à afirmação de que os judeus estão tão divididos, que toda ação premeditada se lhes

torna impossível. Esta fórmula destina-se especialmente aos profanos; com efeito, verificou-se, muitas vezes, que, se nem sempre há unidades entre os judeus, houve, em todos os tempos, perfeita solidariedade contra os não-judeus.

"A Qahal é uma aliança, mais ofensiva do que defensiva, contra os gentios.

"A maioria da Qahal é inteiramente radical; é formada por esses militares de homens que organizaram cuidadosamente, nesta cidade, o governo que devia assumir o poder na Rússia, chegando até a designar o judeu que sucederia ao Tzar. Contudo, a-pesar desta maioria radical, os seus chefes são judeus que ocupam cargos importantes no governo, na finança e na justiça.

"A Qahal apresenta o espetáculo singular e realmente magnífico de um povo originário de uma raça uniforme, confiando tão profundamente em si próprio e no seu futuro, que domina os dissentimentos particulares, para combinar finalmente uma organização possante, destinada a promover a elevação material e religiosa da sua raça, em detrimento das outras".

"Dependem atualmente da Qahal mais de mil organizações judaicas. Para avaliar a sua importância, é preciso considerar a população de Nova York. Segundo os estatísticos judeus (não existem outros) há três anos, havia, só na cidade, — 1.500.000 judeus.

"Depois este número aumentou consideravelmente. O próprio governo dos Estados Unidos não lhe conhece a proporção exata.

"Nova York é judia."

"Na previsão de que alguém queira diminuir a importância da Qahal, reduzindo-a a simples representação dos elementos mais radicais, dos "judeus apóstatas", como agora se costuma dizer, enumeramos aqui alguns dos seus chefes:

"Jacob Schiff, banqueiro.

"L. Marshall, juriscônsulto, presidente da Comissão judaica da América e freqüentador assíduo da presidência, em Washington.

"A. S. Ochs, proprietário do *New York Times*.

"Otto H. Kuhn, do banco Kuhn Loeb & Cia.

"B. Schlesinger, que regressou recentemente de Moscou, onde conferenciou com Lenine, etc.

"Membros de tôdas as classes sociais uniram-se todos, com essa solidariedade que só se encontra entre os judeus, e coallzaram-se, para proteger os interesses judaicos. Contra quem? Os americanos não gozam de nenhum direito que não tenha sido concedido aos judeus. Contra que os quem se organizaram os judeus? Que querem? É a pergunta que constitui a base do problema judaico."

O que querem é, em resumo, a judaização do mundo; pretendem substituir a idéa cristã pelo conceito judaico em todos os ramos da vida.

## ALIANÇA ISRAELITA UNIVERSAL

Foi fundada por Crémieux em 1860. Segundo Butmi, ela reúne os maçons escolhidos de todo o universo. Tendo sob as suas ordens tôdas as organizações maçônicas martinistas, frankistas simonistas, parece ser um senado maçônico com influência internacional.

"O sucesso desta instituição deriva, em grande parte, dos recursos consideráveis de que dispõe e que provêm dos seus membros opulentos que a dotaram prodigantemente, particularmente o célebre construtor dos caminhos de ferro dos Bálcãs, o barão judeu Mauricio Hirsch." (1)

A Aliança israelita exerce uma influência mundial, e é a essa organização que se deve, em grande parte, a Liga das Nações, realização judaica de uma idéa alimentada e reclamada insistentemente pelos judeus; efetivamente, já em 1864, os *Arquivos Israelitas*, órgão da Aliança, publicavam a declaração de um dos seus membros, Levy Bing, requerendo a instituição de um supremo tribunal judaico, destinado a julgar as desavenças entre as nações.

"Se as vinganças pessoais foram pouco a pouco diminuindo, se, nos litígios, não é mais licito fazer justiça por si mesmo, mas recorrer a julgamentos geralmente aceitos e desinteressados,

(1) Netchkvalodoff — Obra citada, pág. 125.

dos, não será natural, necessário e muito mais importante ver, em breve, outro tribunal, um tribunal supremo encarregar-se das grandes dissensões públicas, das queixas das nações, um tribunal que julgue sem apelação possível e cuja palavra constitua lei? É esta palavra deve ser a palavra de Deus, pronunciada pelos seus filhos prediletos, os hebreus; e diante dela se inclinam com respeito todas as potências, isto é, o universo dos homens nossos irmãos, nossos discípulos e nossos amigos". (1)

## OS BNAI — BRITH

A ordem dos Bnai-Brith é uma ordem maçónica internacional, reservada exclusivamente aos judeus (porque, se estes procuram fazer parte de todas as associações secretas, interdiem, nas suas, a entrada a quem não fôr judeu).

Foi fundada em 1843, em Nova York, mas tem, actualmente, em Chicago o seu quartel-general; divide o mundo em 11 districtos, sendo sete nos próprios Estados Unidos. Conta cerca de 500 lojas com quasi 100.000 adeptos.

Os quatro membros da sua comissão executiva não residem nos Estados Unidos; estão, respectivamente, em Berlin, Viena, Bucareste e Constantinopla. As lojas estão dissimuladas pelo mundo inteiro e os seus directores (os que são conhecidos como tais) são os mesmos que aparecem em todas as grandes organizações judaicas.

A importância da ordem dos Bnai-Brith é indiscutível.

Quando, em 1909, o governo dos Estados Unidos rompeu o tratado de comércio com a Rússia, o presidente Taft, antepondo os interesses do seu país aos interesses judaicos, opôs-se resolutamente a essa ruptura, «o» foi rapidamente vencido.

Para acobiar bem que esse sacrificio era devido, especialmente, a ordem dos Bnai-Brith, o presidente presentou-a com a pena que servira para notificar à Rússia a ruptura do tratado.

Não há, aliás, nenhum candidato à presidência da grande república americana que não corteje essa associação.

(1) *Archives Israélites*, N.º 236-240 Março de 1866.

Segundo pessoa bem informada, os Bnai-Brith constituiriam uma superposição de associações secretas, terminando num centro único de direcção. Acima dos Bnai-Brith, haveria os Bnai-Moshé, os Bnai-Zion e finalmente a suprema direcção oculta. Como não possuo provas, limo-me a transcrever a informação.

## A POALE-ZION

Eis o que nos diz um judeu sobre esta organização.

"As Poale-Zion impõem como fim à actividade do proletariado judeu a criação de um estado socialista na Palestina. Examinemos alguns trechos do programa do partido.

"A Poale-Zion tende à criação de um centro político e nacional na Palestina; preconiza uma luta activa contra a ordem social existente. O partido Poale-Zion adota o programa do partido socialista internacional, que aspira à abolição da sociedade capitalista e ao estabelecimento de um estado socialista. A criação de um centro nacional e político na Palestina é, para o partido, a condição essencial da existência e do desenvolvimento normal do povo judeu.

"A Poale-Zion trabalha em prol deste resultado na Rússia, na Palestina e alhures; parece ser actualmente o único partido proletário israelita internacional. Uma das suas frações adere a Internacional comunista e a outra à Internacional socialista." (1)

Outro partido, o Bund (união dos operários judeus da Lituânia, da Polónia e da Rússia) tem um programa socialista análogo, mas pretendia realizá-lo na própria Rússia e não na Palestina.

"Antes da guerra, a acção desses dois partidos, na Rússia e na Palestina, foi considerável. Como, actualmente, conside-

(1) Elias Zboroff — *Os judeus de hoje*. Ed. Rieder, 1925, pag. 34.



ra o seu programa realizado na Rússia, o *Bund* fundiu-se com os partidos comunistas e menchevistas da U. R. S. S." (1)

Não é exagero afirmar que os judeus formam uma nação entre as nações, com poderosas organizações internacionais, sendo algumas secretas.

Tirar desta circunstância a conclusão de que todas essas organizações obedecem à direção única e oculta de um governo judaico mundial, seria inverossímil. Se diversas manifestações do poder judaico (o caso Dreyfus, a imigração judaica para os Estados Unidos, após a guerra) evidenciaram a existência de uma direção judaica internacional, há, por outro lado e freqüentemente, violentas dissensões no seio do judaísmo.

Aliás, não creio que haja necessidade de uma única direção central, para explicar a unidade de ação dos judeus.

O exclusivismo religioso, a solidariedade da raça, a comunhão de espírito e de interesses explicam-na amplamente.

Mais do que uma conspiração propriamente dita, é a aspiração messiânica da raça inteira, que Bernardo Lazare resume nestes termos:

"O judeu é anti-social, numa sociedade com bases cristãs, ou melhor, religiosas; mas que outras bases pode ter a sociedade?" (2)

#### O PLANO JUDAICO DE AÇÃO

Possuirão as organizações judaicas um programa geral de ação, ao serviço dos interesses judeus e em detrimento dos outros? Em caso positivo, qual é esse programa?

É difícil saber exatamente o plano da atividade judaica, mas podemos conhecê-la a fita geral de ação, observando o sentido da atividade que os judeus desenvolvem no mundo e estudando os documentos que possuímos.

Na primeira parte do nosso estudo sobre o judaísmo, verificamos a orientação da atividade aparente: examinemos agora alguns documentos, principalmente um que, depois da guer-

(1) ELIAS HEBERTIN — Obra citada, pág. 25.

(2) B. LAZARE — O Messias de Jon, Rieder, Paris, 1927.

ra, teve uma repercussão enorme: *Os Protocolos dos Sábios de Sião*.

Foram publicados, pela primeira vez, na Rússia, em 1901, por Sérgio Nilus e, quasi na mesma época, por G. Burmi: um dos seus exemplares foi depositado, em 10 de agosto de 1906, no *British Museum* de Londres.

A princípio, este singular documento passou despercebido e foi considerado como a obra de um demente visionário.

Mas, quando a guerra e o bolchevismo realizaram o que estava anunciado nos *Protocolos*, estes, a-pesar-de todos os impedimentos, tornaram-se conhecidos em todo o mundo.

Consiste na exposição de um plano mundial da ação judaica que teria sido forjado durante uma conferência sionista secreta, realizada na Suíça, numa localidade que se ignora, em 1877. Eis as suas linhas gerais:

"I Há e houve, desde muitos séculos, uma organização judaica secreta, política e internacional.

"II O espírito que anima esta organização parece ser um ódio tradicional e eterno contra o cristianismo e uma ambição insana de domínio universal.

"III O fim almejado durante séculos é a destruição dos Estados nacionais e a sua substituição pelo domínio judaico internacional.

"IV O método empregado para enfraquecer primeiro e depois aniquilar os corpos políticos atuais, consiste em inocular-lhes idéias políticas desorganizadoras. Estas idéias remetem-se nos princípios revolucionários de 1789."

O judaísmo está imune dessas doutrinas corrosivas.

"Nos pregamos o liberalismo aos gentios, mas conservamos, simultaneamente, na nossa nação, uma disciplina absoluta".

As referidas idéias inoculam-se por meio da escola, da Monarquia, da imprensa, do teatro, etc.

Os dois primeiros tradutores, Nilus e Butmi, publicaram os *Protocolos*, sem comentários e sem fornecer nenhuma prova da sua autenticidade. Deve-se ao seu sucesso à sua clareza, à sua redacção fria e lógica, à explicação do caso mundial que contém e à realização dos acontecimentos que vaticinavam.

Os *Protocolos* foram objecto de violenta polémica. Se os seus defensores não conseguiram provar a sua autenticidade, os seus adversários também não puderam refutá-los: (1) ouçamos a opinião de N. H. Webster:

"O certo é que os *Protocolos* nunca foram refutados e que a inutilidade das suas pretensas relações e a circunstância da sua supressão temporária contribuíram, para convencer o publico da sua autenticidade, mais do que a totalidade dos escritos antisemitas relativos ao assunto."

Podemos concluir, portanto, que os *Protocolos* constituem um documento muito impressionante; mas, desde que não lhes podemos attribuir uma origem histórica propriamente dita, preferimos descartá-los inteiramente.

Se consultarmos a litteratura judaica, verificaremos que é difficil abrir um livro de qualquer dos seus escriptores — historador, sociólogo, estadista ou literato — sem encontrar essa miragem da hegemonia mundial que influencia o cérebro do povo eleito, os seus pensamentos e os seus atos.

Sobre esta supremacia todos concordam, a sua forma é que difere, segundo as individualidades; uns a predizem material, outros a prevêem espirital e outros ainda, os mais numerosos, a desejam material e espirital.

Atendo-nos aos auctores mais conhecidos e importantes, estaremos, entre outros, Herel, Asher Ginsberg, Alfredo Nossig e Bernardo Lazare.

Demos a palavra ao último:

(1) Vejam-se os livros de Mons Jouis, de R. Lambelin, do general Nechvalodoff, de N. H. Webster etc.

"Povo enérgico, vivaz, infinitamente orgulhoso, considerando-se superior ás outras nações, os judeus quiseram constituir uma potência. Possuem naturalmente o instinto do predomínio, porque, pela sua origem, pela sua religião, pela qualidade da raça eleita que sempre se attribuíram, julgam-se superiores aos outros povos. Não lhes foi dado escolher os meios, para o exercicio dessa espécie de autoridade. O ouro conferia-lhes o poder que todas as leis políticas e religiosas lhes recusavam, o único que podiam esperar.

"Detectores do ouro, tornavam-se senhores dos seus senhores, dominavam-nos, e nisto consistia também o único meio de desenvolverem a sua energia e a sua atividade." (1)

E ainda:

"Os judeus emancipados penetraram nas nações como estrangeiros... Entraram nas sociedades, não como hóspedes, mas como conquistadores. Assemelhavam-se, antes, a um relento encurralado. Repentinamente as barreiras caíram e eles precipitaram-se no campo que lhes era franquado. Ora, os judeus não eram guerreiros... Realizaram a única conquista para que estavam armados: a conquista económica, para a qual, há tantos anos, se preparavam". (2)

Logo, e ainda segundo Bernardo Lazare:

"O judeu é o testemunho vivo do desaparecimento desse Estado que tinha por base princípios teológicos, um estado cuja reconstrução é o sonho dos antisemitas christãos. No dia em que um judeu occupou uma função civil, o estado christão começa a estar em perigo; isto é exacto e, em lugar de afirmarem que os judeus destruíram a nação do estado, os antisemitas poderiam dizer, com mais acerto, que o ingresso dos judeus na sociedade simbolizou a destruição do estado: do estado christão, bem entendido". (3)

(1) B. Lazare — *Antisemitismo*. Chelley, 1884.

(2) B. Lazare — *Obras citadas*, pág. 322.

(3) B. Lazare — *Obras citadas*, pág. 361.

Vejamos agora a idéa de domínio espiritual.

Alfredo Nossig, um dos dirigentes do judaísmo, no seu livro *Integritas Judæntum*, fornece-nos, sobre este ponto, nítidas e precisas informações:

"A comunidade judaica é mais do que um povo, no moderno sentido político da palavra. É a depositária de uma missão historicamente universal, ou melhor cósmica, que lhe confiam os seus fundadores Noé e Abrão, Jacó e Moisés, missão que forma o núcleo inconsciente do nosso ser, a substância contida nas nossas almas.

"A primitiva concepção dos nossos antepassados não foi fundar uma tribo, mas instituir uma ordem mundial destinada a guiar a evolução da humanidade.

"Eis a verdadeira, a única significação da escolha dos hebreus, para povo eleito. Não foram chamados a uma glória exterior, nem ao domínio material do mundo, mas unicamente à realização deste dever cósmico, mais pesado e mais severo, que consiste em trabalhar para o progresso do desenvolvimento espiritual e moral da humanidade. . .

"*Gesta naturæ per Judæos*: eis a fórmula da nossa história. Repetamo-la continuamente: não somos, como os adversários rancorosos nos expõem, um povo que aspira ao domínio do mundo, sob o aspecto material, mas uma ordem espiritual destinada a dirigir o progresso da humanidade". (1)

Esta é, portanto, a missão de Israel, que está convencido da sua próxima realização.

"Salmos de uma longa noite, assustadora e sombria. Diante de nós, estende-se uma paisagem gigantesca: a superfície do globo. É o nosso caminho. Passam ainda, sobre nós, nuvens escuras e tempestuosas. Os nossos ainda morrem, às centenas, pela sua fidelidade à nossa causa. Mas já se aproxima o tempo da gratidão e da fraternidade dos povos. Já brilha no horizonte, a aurora do *Nosso Deus*". (2)

(1) A. Nossig — *Integritas Judæntum*, págs. 16.

(2) A. Nossig — *Obra citada*, pág. 31.

Israel pretende, por conseguinte, edificar a ventura da humanidade e julga-se em vésperas de a realizar. Esta elevação de sentimentos é, em princípio, magnífica; mas que meios se propõe a empregar? Nas páginas seguintes, A. Nossig nos informa de que: "Esse supremo progresso humano, para o qual Israel nos deve guiar, é o socialismo universal".

Repetamos algumas frases já citadas:

"O mosaísmo é o socialismo desembaraçado das utopias e do terror do comunismo, como da ascése cristã.

"O socialismo mundial da atualidade constitui o primeiro estágio da aplicação do mosaísmo, o princípio do estado futuro do mundo, anunciado pelos nossos profetas".

Concluindo, Nossig afirma:

"Se os povos quiserem realmente progredir, devem libertar-se do seu receio medieval dos judeus (1) e dos preconceitos reacionários que nutrem contra eles. Devem, finalmente, reconhecer que são, na realidade, os precursores mais sinceros do progresso da humanidade.

"Hoje, a salvação do judaísmo requer que reconheçamos francamente, perante o mundo, o programa socialista. A salvação da humanidade, nos séculos futuros, depende do triunfo desse programa".

É depois da assustadora catástrofe russa, depois da falência total do princípio socialista, falência confessada pelos próprios bolchevistas, que se ousa dizer isto! (2)

(1) Vimos como W. Sombart redos ao nada, esta alusão histórica.

(2) Reclamamos continuamente ao mesmo equívoco: Em consequência do espírito de revolta, do exclusivismo e das tendências messiánicas que os animam, os judeus são essencialmente revolucionários, mas não o percebem e julgam cooperar para o progresso sob este aspecto, o Heru de Bernardo Lazare é típico. Querem a felicidade na terra, pela justiça, mas o que chamam justiça é a vitória dos princípios judeus no mundo, princípios cujos dois extremos são a plutocracia e o socialismo. O anti-semitismo moderno é a reação contra o mundo atual, produto do judaísmo.

Na Rússia, Israel teve ensejo de aplicar esse socialismo que deve formar a ventura da humanidade. Em alguns anos, quasi em poucos meses, destruiu a obra de muitos séculos, originando um regime cuja atrocidade não tem exemplo na história mundial. Sei que Nassig reprova os processos terroristas, mas todas as revoluções demagógicas prometeram a felicidade, sem efusão de sangue, e todas terminaram, mais ou menos, na orgia dos massacres. E é para esse socialismo de que se fez experiência na Rússia que Nassig nos quer encamiliuar, admirando-se da nossa resistência, que qualifica: "preconceitos reacionários"!

Que perigo para a humanidade, a existência de uma raça letifera, propagadora de semelhantes princípios de dissolução!

A carta que alguns reproduzimos, escrita por um judeu bem conhecido nos meios literários ingleses, Oscar Lévy, confirma completamente esta opinião e responde às teorias de Nassig.

Pouco depois da guerra, o escritor inglês G. Pitt-Rivers publicou um livro intitulado *A significação mundial da revolução russa*, em que demonstrava a ação da influência judaica no bolchevismo e a significação mundial deste fato. Tendo comunicado o seu manuscrito a um judeu, Oscar Lévy, este respondeu com uma carta que Pitt-Rivers mandou imprimir como prefácio do seu livro.

Como é muito extensa, reproduzimos apenas as passagens principais:

"Não poderia escolher livro mais apropriado do que *Significação mundial da revolução russa*, porque nenhuma acontecimento, em época alguma, terá, para o mundo atual, mais significação do que este.

"Está ainda muito próximo de nós, para podermos avaliar completamente o sentido complexo dessa revolução, desse acontecimento que foi, sem dúvida, um dos intuitos mais secretos e, portanto, menos evidentes da conflagração mundial, encoberto a princípio pelo fogo e pela fumaça dos entusiasmos nacionais e dos antagonismos patrióticos.

"Reconhecestes, com muito acerto, que há uma ideologia sob o comunismo.

"Porque o bolchevismo é uma religião e uma fé. Como

podiam esses crentes semi-convertidos (os demotráuticos) pensar em vencer os verdadeiros crentes da sua própria fé, esses fervores cruzados que, reunidos em torno do estandarte rubro do profeta Karl Marx, combatam sob a audaciosa direção desses oficiais experimentados das revoluções modernas: os judeus?

"Não há, talvez, na Europa moderna, um só acontecimento que não se possa atribuir aos judeus. Todos os ideais, todos os modernos movimentos de idéias provêm originariamente de fonte judaica. Pela simples razão de que, afinal, a idéia semítica conquistou e subjogou inteiramente o nosso universo, que só é ato, na aparência.

"E é certo também que a atual influência judaica não pode ser considerada, sem uma justificada inquietação.

"Todavia, a questão principal é saber se os judeus são malfetores conscientes ou inconscientes. Pessoalmente, estou convencido da sua inconsciência, mas não julguéis por isto que os queira absolver. Tenho a convicção absoluta de que os revolucionários judeus não sabem o que fazem.

"Notastes, com estranheza, que os elementos judeus fornecem as forças dirigentes do comunismo e do capitalismo, da ruína material e espiritual do mundo. Mas, ao mesmo tempo, mostrastes suspirar de que a causa deste fato singular reside no intenso idealismo dos judeus. E tivestes muita razão. Na prática e na teoria, no idealismo e no materialismo, na filosofia e na política, os homens e as mulheres da raça judia, Hassé, Levine, Rosa Luxembourg, Landauer, Kurt Eisner, de Moisés a Karl Marx, de Isaías a Eisner, são hoje o que sempre foram: dedicados apaixonadamente aos seus fins, aos seus ideais e dispostos a verter o próprio sangue, em prol da realização das suas visões.

"Mas todas estas visões são falsas, direis vós. Considerai o estado a que reduziram o mundo. Pensai que tiveram ensejo de serem experimentadas, durante três mil anos. Por quanto tempo ainda pretendes reconhecê-las e infligi-las, e que meos empregareis, para nos reitardes do luduça a que nos atrastes, se não mudardes a direção tão desastrosa que imprimistes ao mundo?

"A essa pergunta só posso responder: "Tendes razão". A vossa censura que é — estou certo — a base do vosso antisemitismo é mais do que justificada e, neste campo, estou disposto a estender-vos a mão, e a defender-vos da acusação de

inchar o ódio de classe. Se sois antissemita, eu, o semita, o sou também, e antissemita mais fervoroso do que vós.

"Porque — espero e creio — há um antissemitismo que presta aos judeus serviços mais valiosos do que o filosemitismo e que permite ser justo com eles, sem incorrer no romantismo,

"Nós, os judeus, nos enganámos e muito gravemente. E se o nosso erro tinha aparência de verdade há três mil, há dois mil e até há cem anos, é, atualmente, uma falsidade e uma loucura; uma loucura, que originará uma miséria e uma anarquia ainda maiores.

"Nós, que prometíamos guiar-vos para um novo céu, acabámos arrastando-vos a um novo inferno. . .

"Não houve nenhum progresso, principalmente no domínio moral, e é a nossa mentalidade que o impede e — fato mais lamentável — que põe obstáculos a toda reconstrução do nosso mundo em ruínas.

"Considero o mundo e estreiteço, verificando-lhe o horror, principalmente por que conheço os autores espirituais desse horror.

"E eles são incoerentes, não com em tudo o que fazem. Seus olhos não vêem as misérias, seus ouvidos não ouvem os lamentos, o seu coração é insensível à anarquia da Europa; só pensam nos seus cuidados, chegam indolentemente sobre a sua sorte, vergam apenas sob o seu fardo".

Por sua vez e sob o título: *A questão judaica, por um judeu*, René Groos escrevia:

"A 11 de novembro de 1918, a Alemanha viu-se obrigada a depor as armas e confessar-se vencida. A guerra custara a França 1 600 000 mortos, o sangue mais generoso da sua melhor mocidade. . . E não é certo que este sacrifício tenha servido para alguma coisa. . .

"Se não se tomar cuidado, os vencidos de ontem, vencedores hoje, serão amanhã os conquistadores.

"Para esse fim, trabalham arduamente as duas internacionalizações da finança e da revolução, que são as duas faces da internacionalização judaica.

"Os criminosos revelaram-se com demasiada impudência e em muitos países. O imperador da Rússia projetou sobre o crime o clerão intenso das suas formidáveis labaredas.

"Existe uma conspiração judaica contra todas as nações e, em primeiro lugar, contra a França, contra o princípio de ordem que ela representa no mundo. Esta conspiração iniciou-se em quasi todos os ramos do poder. E, na França, reina incontestavelmente.

"Não tive razão de falar num reinado judeu? Embora seja menos aparente do que na Rússia e na Hungria bolchevístas, não é menos real". (1)

Depois desta revista de numerosos e variados textos judeus, chegámos logicamente a esta conclusão:

Se a observação dos acontecimentos que se desenvolvem atualmente, no mundo não bastasse para nos informar, há escritos judeus, numerosos e indistiguíveis que provam o seguinte:

A ideia de dominio judaico universal existe e não se limita ao abstrato, mas realisa-se, presentemente, sob os nossos olhos, no domínio material e sobretudo no domínio espiritual, por meio da revolução mundial. O judaísmo e a Maçonaria formam a base deste movimento subversivo.

Seria exagero afirmar que o judaísmo o criou completamente, mas, seja qual for a parte que nelle toma, pode-se garantir que, mais do que ninguém, aproveita com as revoluções e dá-lhes o apóio da força compacta da sua possante organização.

Incontestavelmente, sem o apóio da Maçonaria e do judaísmo, segundo todas as probabilidades, os movimentos revolucionários não conseguiriam assumir tão grandes proporções, nem difundir-se como succedeu, no mundo inteiro.

(1) *Nouvelles Revue*, maio de 1927.

## CONCLUSÃO

Antes de concluir o estudo da questão judaica, devemos ainda elucidar dois pontos:

I — O movimento mundial de destruição revolucionária será apoiado pela totalidade dos judeus?

II — Esta obra de ruína é consciente ou inconsciente?

E, como corolário, apresenta-se o quesito seguinte:

O movimento revolucionário e sua consequência, o domínio judaico, será o resultado de uma conspiração judeu-maçônica ou simplesmente o efeito natural dos princípios modernos, estabelecidos desde 1789: materialismo e ateísmo, no domínio espiritual, liberalismo, democracia e república, no domínio político e coletivismo, no domínio social?

Existem, no mundo, poderosas forças maçônicas e judaicas. Como verificá-las, estas forças obedecem a uma organização e a uma direção internacionais; podemos, portanto, considerá-las uma conspiração.

Seria, contudo, absurdo concluir daí que o judaísmo constitui um exército revolucionário compacto, dirigido por um chefe supremo, único grão mestre da revolução universal. Qual é a proporção dos judeus nessa conspiração? Ignoramo-lo. Todos os judeus não são bolchevistas, nem todos os maçons, revolucionários ateus; é, porém, incontestável que os judeus, pela sua mentalidade judaica, e os maçons, pela sua mentalidade maçônica, são essencialmente revolucionários.

"O exclusivismo, o monoteísmo feroz, a ciosa intolerância, a lei confusa — que formaram os judeus e lhes garantiram uma triste continuidade — e a sua tradição intransigente conservaram a nacionalidade e criaram, de certo modo, a raça inassimilável que parece zombar do tempo e desafiar a história.

"A instintiva oposição dos judeus a toda ordem estabelecida é a consequência direta do seu esforço secular, para manter inmutáveis o seu ideal e a constância das suas tradições primitivas. O espírito de revolta inerente ao judaísmo é negativo. No seio das nações que pretende dissolver, abala todas as formas religiosas, políticas e sociais e tende a destruir, por um instinto egoísta de conservação.

"E assim que o povo mais rigorosamente conservador do mundo pretende sempre militar à frente do progresso, oferecendo o seu concurso aos pretensos partidos atenuados, aos descontentes de toda espécie que, por motivos diversos, aspiram a destruir a ordem existente e a substituí-la por outra, preferível por definição.

"As lutas sociais que, em última análise, se reduzem à luta dos ricos e dos pobres, são fenômenos históricos banais que, com diversa intensidade, se verificaram em todos os lugares e em todos os tempos; quando se prolongam, se exasperam e atingem ao proximo, provocam fatalmente a ruína dos estados e o desaparecimento das nações.

"Para manter a sua integridade material e espiritual, o judaísmo e o povo em que este se encarna se comprazem em favorecer e entreter, nas outras nações, essa luta mortífera das classes que, afinal, lhes deve servir. Tal como os formosos a lusteria, o espírito e o instinto do judeu consideram essa luta que é um poderoso instrumento de dissolução, como um meio de assegurar a vitória do povo eleito e o advento da era messiânica. O judaísmo pode fornecer uma verdadeira metafísica da revolução eterna". (1)

Passagem confirmada pelas palavras de um judeu. Elias Eberlin:

"Quanto mais radical for uma revolução, maior será o seu resultado de liberdade e de igualdade, para os judeus. Toda corrente de progresso contribui para consolidar a sua posição. Mas são eles, igualmente, as primeiras vítimas de todo regresso, de toda reação. Uma simples orientação política para a direita basta, muitas vezes, para expô-los à hostilidade, ao me-

(1) G. Bataill — O problema judeu. pág. 255.

merus classus, etc. Sob este aspecto, o judeu é o manômetro da caldeira social.

"Portanto, como entidade, a nação judaica não pode lutar ao lado da reação, isto é, o regresso ao passado representa, para o povo judeu, a continuação das condições anormais da sua existência. (2)

A influência judaica seria, pois, inconscientemente, ou melhor, instintivamente subversiva?

Sem esquecer a ação das organizações judaicas, com intintos nitidamente subversivos, podemos admitir que o fato da inconsciência seja mais provável do que se pensa.

Como entidade, os judeus são, portanto, essencialmente revolucionários e a circunstância de o serem inconscientemente não altera os fatos, nem o seu perigo.

Um livro como o de Alfredo Nossig é uma obra notável, pelo fervoroso espírito judaico nacional e religioso que o anima. Denuncia uma convicção profunda e absoluta do destino grandioso reservado ao povo judeu, eleito para dirigir espiritualmente a humanidade.

O autor, cujas frases revelam a sinceridade e o patriotismo judaico, só tem em vista a grandezza de Israel; grandezza fatal de origem divina, que arrasta os próprios judeus a um movimento inconciente, a que o mundo se deve submeter como a uma lei natural. Este gênero de patriotismo tem a sua grandezza selvagem e fanática que não recua perante nenhum meio, nenhuma ruína, para realizar o ideal que a alma, e poderia provar que os judeus não destroem com a intenção deliberada de prejudicar, mas pelo desejo instintivo de aplicar a sua força para o consequimento do seu predomínio material e espiritual do mundo.

Deve-se lamentar que este intuito implique a desagregação espiritual e, em parte, material das nações não judias.

A obra de Nossig tende principalmente a provar-nos que o socialismo é a expressão mundial, muitas vezes inconciente, da mentalidade judaica; é tanto possível, mas isto não impede que consideremos o socialismo um elemento de destruição; e a afirmação de que, defendendo-nos contra ele, procedemos

(2) E. Eberlin — Os judeus de hoje. pág. 201.

como antisemitas, porque hostilizamos a mentalidade judaica, é insustentável.

É absolutamente lógico que, no regime democrático, os judeus se tornem rapidamente os únicos e verdadeiros dirigentes, e não é menos lógico que, conseguido este resultado, queiram impor ao mundo o seu modo de pensar e de proceder, aproveitando-se da sua situação, para favorecer os seus interesses, em prejuízo dos interesses genios. (Principalmente porque julgam ter contas a ajustar).

Procuremos, pois, impedir o estabelecimento de semelhante situação.

Aqui há oportunidade para uma pergunta:

Devemos, então, censurar os judeus, por trabalharem para o engrandecimento da sua raça?

Responda, sem hesitar: Não.

Não os devemos censurar por isto, como não estranhámos que um inglês ou um alemão trabalhem para a grandeza do seu país. Parece-nos até muito edificante o fervor, a convicção do patriotismo judeu. Se aos nós que devemos tomar as precauções necessárias, não são eles que devem mudar. Isto seria, de resto, indesejável, se não houvesse uma diferença: os alemães e os ingleses são conhecidos como tais e não occultam que são, antes de tudo, alemães e ingleses e, por consequência, nossos antagonistas, ao passo que os judeus se aproveitam da sua falsa naturalidade, para trabalhar, sem obstáculos, para o futuro do judaísmo, em detrimento do país que lhes concede hospitalidade. Gostam, portanto, das vantagens da sua situação, sem cumprir os deveres que dela derivam.

Secundariamente, se a hegemonia judaica mundial significasse elevação moral e material da humanidade, não teria adversários; mas implica, pelo contrário, a ruína espiritual e, em parte, material dos povos, unicamente em proveito do povo judeu. Logo, o anti-judaísmo é uma obra de defesa e de conservação social, e não um ato de agressão, como pretendem os judeus.

Resumindo, podemos afirmar:

O domínio judaico é o resultado da conjugação das leis naturais e de uma conspiração.

Se é, de certo modo, a consequência lógica dos princípios modernos, sucede também que, em muitos casos, a origem e a aplicação destes princípios se devem à conspiração judeu-maçõ-

nica, cujos esforços no sentido de estabelecer, no mundo, os princípios de 89 no domínio espiritual (materialismo, ateísmo), político (liberalismo, democracia, república) e social (coletivismo), acabamos de verificar.

Refreando-lhes a atividade revolucionária, prestaríamos um serviço aos próprios judeus, primeiro, porque o seu famoso socialismo não é aplicável e secundariamente, porque, se nós sucumbíssemos, eles também perecerão, pois as suas faculdades são, essencialmente, facultades de parasitas e a história ensina que, entregues a si próprios, foram sempre incapazes de edificar e dirigir os seus estados.

As advertências, todavia, não nos faltaram. Sabemos o que disse Dostóiewsky, no seu *Diário de um escritor*, antes de 1880. Citámos também a impressionante profecia de Comyn Albancell. Transcrevemos agora a opinião de um autor menos conhecido, Wilhelm Marr.

Wilhelm Marr foi um revolucionário alemão que guerreou encarniçadamente, durante muitos anos, o cristianismo e tomou parte ativa na revolução de 1848. Mais tarde, verificou que esta força proveitosa para os judeus, e, em 1879, publicou um livro intitulado *A vitória do judaísmo sobre o cristianismo*, em que dizia:

Eu disse:

"Declaro, em voz alta e sem a mínima intenção de ironia, a vitória do judaísmo, na história mundial; publico o boletim da batalha perdida, da vitória do inimigo, inexorável para os vencidos.

"Neste país de pensadores e de filósofos, a emancipação dos judeus realizou-se em 1848. Desde então, começou esta guerra de trinta anos que o judaísmo nos move agora abertamente.

"Nós, os alemães, pronunciamos, em 1848, a nossa abdição oficial, em favor do judaísmo que, a partir da sua emancipação, se tornou para nós um assunto proibido...

"No momento atual, única entre todos os Estados da Europa, a Rússia ainda opõe resistência ao reconhecimento oficial da invasão dos estrangeiros. É o último baluarte, contra o qual os judeus edificaram a sua última trincheira e, se julgarmos pela marcha dos negócios, a capitulação da Rússia será apenas uma questão de tempo.

"Nesse imenso império, o judaísmo encontrará esse "ponto



de apóio de Arquímedes" que lhe permitirá arrancar definitivamente dos eixos toda a Europa ocidental. O espírito elástico dos judeus arrastará a Rússia a uma revolução tão formidável, como jamais nos foi dado contemplar.

"Na Rússia, a situação do judaísmo é tal, que ainda faz temer a sua expulsão. Quando tiverem abatido a Rússia, os judeus não receberão mais nenhum poder. Quando se tiverem apossado de toda as funções do Estado, na Rússia e entre nós, empreenderão oficialmente a destruição da sociedade da Europa ocidental; e este último momento da Europa condenada não tardará mais do que cem ou cento e cinquenta anos, porque, atualmente, os acontecimentos se desenvolvem com rapidez muito maior do que nos séculos precedentes".

## CONCLUSÃO GERAL

O fim desta obra era mostrar a influência revolucionária de duas forças geralmente desconhecidas. Mas porque até agora o público parece ignorá-las, não devemos cair no exagero oposto a acusá-las de serem a causa única de todo o mal.

Podemos, em resumo, formular, nas suas linhas gerais, a seguinte conclusão:

São diversas as causas da revolução: algumas normais e bem conhecidas — industrialismo, superpopulação, mal-estar geral, anarquia universal, devida ao enfraquecimento de todo poder espiritual — foram expostas, com grande competência, por outros autores e não cabem nos limites deste livro. Limitar-nos-emos a dizer que criaram um descontentamento geral, explorado por uma determinada classe de indivíduos e de organizações, para propagar a revolução: mal-estar, que, muitas vezes, onde não existia foi promovido artificialmente, para o mesmo fim.

Há, em toda revolução, mais artifício do que geralmente se pode julgar.

Não devemos atribuir unicamente aos judeus este artifício: ignoramos também se eles constituem o elemento subversivo mais numeroso; mas, em virtude das suas qualidades de raça, são os estrategistas, os dirigentes e quasi os únicos beneficiários de todas as revoluções.

Não atacamos os judeus, só por serem judeus. Nem nos preocuparia a sua expansão material, e principalmente moral, se ela não originasse fatalmente a nossa destruição. Clamam, sem cessar, contra as perseguições; mas quem são, na realidade, os perseguidos? Se consideram antissemitismo o fato de nos defendermos contra eles, há, então, pelo mundo muitos antissemitas inconscientes. Os verdadeiros responsáveis não são eles,

soamos nós. As forças do mal sempre existiram; é verdade que, a partir do século XVIII, uniram-se e organizaram-se universalmente, assenhoreando, ao mesmo tempo, uma forma mais insidiosa; a destruição por meio da ideia. Todavia, enquanto os estados se guiam pelos dois princípios directores da monarchia absoluta por direito divino e da religião, as forças do mal não puderam contra elles, no dia em que os abandonaram, o poder maléfico trunfo.

O socialismo e a democracia constituem a ilusão mais formidável dos tempos modernos. Não há necessidade de insistir sobre isto: os próprios revolucionários o affirmam. Quanto á forma de governo republicano, tão exaltada atualmente, seria louvável em teoria, se não existisse fatalmente sob o domínio judeu-maçônico. Alia, o judeu-maçonaria não oculta que preuzza esta forma de governo, para dominar mais facilmente, sem sérios obstáculos. E' por isto que tem tanto o poder absoluto, o tempo que lhe pode cortar o caminho.

A gravidade da situação atual não consiste nos danos materiais causados pela revolução, mas no espirito democrático, materialista e subversivo que impregnou a nossa época e cujo influencia todos sofrem, ás vezes inconscientemente. A mentalidade judaica invadiu o mundo, mas o judaísmo só se tornou um elemento destrutor, porque nos deixamos dominar por elle. Nunca se insistirá bastante sobre este ponto.

O problema judeu é um assunto interdito, e a situação se está tornando muito grave e já não é possível calar-se.

Não é admissível que deixemos massacrar os nossos irmãos russos, sem tentar alguma coisa em sua defesa.

Vimos o que o judaísmo fez na Rússia. Uma sorte igual ameaça-nos a todos. Só os meios differem, conforme os países. No Rússia, aprou-se o bolchevismo; na França, opera a desagregação lenta, provocada pela república maçônica; noutra parte, será outra coisa. Mas o fim, a vitória da revolução — com a sua consequência, o domínio material e espirital do judaísmo — é, em toda parte, o mesmo.

A primeira parte da luta deve consistir, por consequente, em elucidar a questão judaico-maçônica. Se, como affirmam, são innocentes, os judeus e os mações, deveriam ser os primeiros a desejar um esclarecimento público que até agora nunca receberam.

Depois tratar-se-á de organizar as medidas defensivas, que

podem muito bem não ser violentas. Cabe aos competentes definir quão serão as mais apropriadas.

Atualmente, o que mais importa é lutar contra a revolução, sobretudo contra o espirito revolucionario. Esta luta deve assumir caracter internacional, e é preciso que uma mesquinha exaltação patriótica não ponha obstáculos á união indispensável de todos os elementos sãos do globo, contra o inimigo comum.

E', para nós, questão de vida ou de morte e questão urgente, porque, quanto mais tardarmos, mais ruínas se irão acumulando.

Como se pode combater o espirito revolucionario? Infortunadamente apenas a direção geral, que conviria seguir.

E' preciso agir ao mesmo tempo direta e indiretamente. Verificou-se que a ação indirecta é a mais eficaz e consiste em operar a nossa conversão, sem esperar a conversão do adversario.

Para tal fim, é preciso libertar-nos dos mortíferos princípios de 1789 que nos foram inoculados pelos judeus e pelos mações; é necessario abandonar o parlamentarismo, o sufrágo universal, o liberalismo, a demagogia, o ateísmo considerado religião official; é indispensável voltar ás tradições, á monarchia absoluta, ao ensino obrigatório dos preceitos religiosos nas escolas, á hierarquia social, a tudo o que pode reprimir as forças cegas da corrupção popular e o poder limitado do ouro, assim, conseguiremos, talvez, subtrair-nos a esta embrutecedora mentalidade económica atual, de origem judaica, que torna os negócios e o ouro fim supremo e razão de ser da vida, em prejuizo da cultura, da beleza e da elevação moral. Então o organicismo social voltará á normalidade e o micróbio judeu-maçônico nada poderá contra elle.

Esta questão é internacional. E' a luta entre dois conceitos de civilização diametralmente opostos, um dos quais deve triunfar ou perecer no mundo. Não há uma separação impermeável para as ideias. Não seria possível, por muito tempo, a coexistência de uma civilização socialista e materialista em Moscou e de uma civilização cristã no occidente. A teoria da espalhar a revolução nos países vizinhos, para enfraquecê-los, em proveito da própria nação, é insustentável. E' lamentável que haja governos conservadores, capazes de aplaudir a revolução russa e que ainda hoje não compreendam que o perigo da contami-

nação bolchevista é muito mais grave do que uma rivalidade comercial ou militar. Assimilemos, a este respeito, a perspectiva do ministro da Holanda, cujo relatório citamos.

Todas as considerações deveriam estar, hoje, subordinadas à luta contra o espírito revolucionário. Sou dos que pensam que só a monarquia absoluta, apoiada numa nobreza forte, é capaz de lutar eficazmente o que devemos promover o estabelecimento e o restabelecimento das monarquias em qualquer país.

Os sociólogos e os filósofos dizem-nos que a forma política e a simples manifestação da mentalidade de um povo e que, marcar a obra de reforma pelo lado político, é pôr o arado adiante dos bois, é partir das consequências e não dos princípios, é edificar sobre areia.

Dois razões se podem opor a esta opinião. Em primeiro lugar, a monarquia não é apenas um regime político, mas compreende, quasi totalmente, um sistema político, social e religioso que, pela sua essência e no seu interesse, se opõe a todo princípio subversivo. O caso dos revolucionários pela monarquia prova-o cabalmente.

Em segundo lugar, a mentalidade de um povo não é um produto espontâneo; pode ser criada e formada por diferentes meios, sendo os princípios a escola e a imprensa. É preciso, pois, contar com estes dois fatores da opinião pública. O regime político é o meio de alcançar os princípios essenciais cuja base é a religião, visto que a tradição e a religião cristãs constituem, há dois mil anos, a espinha da sociedade ocidental.

Ao mesmo tempo, devemos agir diretamente, organizando medidas defensivas contra a Maçonaria e o judaísmo.

#### Contra a Maçonaria?

É muito simples. Basta proibir toda associação secreta, não autorizada pelo Estado. Não se conseguirá com isto destruí-la, mas reduzi-la emco à impotência. Mussolini e o governo húngaro deram um exemplo que será, sem dúvida, imortal.

Muito mais difícil será defender-se contra os judeus. Algumas individualidades, e não das menos importantes, consideram insolúvel este problema. Não existe uma solução perfeita que permita protegê-los, sem prejudicar os judeus. A única verdadeiramente eficaz, seria o extermínio total dos judeus ou das

outras raças, sobre a qual é inútil insistir. Examinemos as outras.

A assimilação? A própria existência do judaísmo torna-a impossível, como atesta a história do povo judeu.

"A assimilação consistiria o nulagre, a ruptura no cadeia eterno da casualidade... o judeu assimilado poderia não formar uma única ideia judaica, não ler nunca um livro judeu, mas, no caráter essencial de todas as suas paixões tanto como em todos os seus atos, seria sempre judeu." (1)

"Desde que não pode ser igual, aspira a ser superior à massa dos homens. So a violência brutal e irresistível pode torná-lo escravo." (2)

"Não, a assimilação é impossível; é impossível, porque o judeu não pode mudar o seu caráter nacional; embora quisesse, consegue, menos do que qualquer outro povo, reagrar-se a si próprio." (3)

"A-pesar-de tudo, é judeu e conserva-se judeu. Cada um tarde, o perceberá. Judeus e gentios sabem que este questão é insolúvel; esperam encontrar um recurso. Não há nenhum. Nenhum..." (4)

Privar os judeus dos direitos civis e políticos? Além de ser profundamente irritante, esta medida não representaria um meio de defesa eficaz. Não esqueçamos que é preciso protegê-los, tanto contra o espírito judaico, quanto contra os indivíduos. E esse meio nada poderia contra a finança judaica.

O Sionismo, isto é, conceder à raça judia uma pátria própria? Seria talvez a solução preferível, a mais justa; mas será realizável? Davidamos. Aliás, os judeus não a aceitam absolutamente; ou desejam-na, mas com esta condição:

"A nova Judéia, não abrangeria a totalidade dos judeus; a maior parte d'este continuaria a residir na pátria adotiva, mas receberia da pátria comum o impbo necessário. A criação de

(1) Ludwig Levinsohn -- *Israel*, pág. 38. Nova York, 1923.

(2) L. Levinsohn -- *Obra citada*, pág. 87.

(3) L. Levinsohn -- *Obra citada*, pág. 88.

(4) L. Levinsohn -- *Obra citada*, pág. 81.

um centro judeu de restituír a vida e a unidade. E' este, integralmente, o sonho dos sionistas contemporâneos"

Comentando estas palavras, G. Bettsitt escreve:

"Se fosse este o sonho integral do sionismo e se o sionismo fosse realmente isto, constituiria uma verdadeira conspiração contra os gentios e justificar-se as manobras e as contramarchas dos antisionistas. Que seriam, com efeito, esses judeus que costumariam a viver nas pátrias adotivas, recebendo, ao mesmo tempo, do seu país o impulso necessário, senão uma conspurcação permanente contra a segurança dos Estados?"

"Se o povo judeu reconstruísse quiser formar uma nação entre as nações, todos temos o interesse e o dever de o auxiliar, se, pelo contrário, pretender organizar-se internacionalmente, para arruinar e dominar as nações, estas têm o dever de se insurgir, e não de lho impedir".

Alto, não é certo que, formado uma nação em território próprio e com governo nacional, os judeus consigam prosperar. Mas as faculdades natas, desenvolvidas por trinta séculos de hereditariedade, tornaram-nos uma raça maravilhosamente apropriada para utilizar o que os outros produzam, em todos os ramos, mas raramente capaz de uma produção original. No dia em que, em lugar de viverem dos outros, os judeus se dependerem de si próprios, a situação lhes parecerá infinitamente desagradável. (1)

Mesmo isto, não podendo mais exercer-se contra os governos gentios, o espírito de revolta inerente ao judaísmo voltar-se-ia contra o seu. Mas isto afinal não nos interessa, e seria justo que utilissem, contra os mesmos, as faculdades destrutoras que, por tanto tempo, dirigiram contra os cristãos.

Na realidade e por muitas razões, a primeira experiência do sionismo, na Palestina, malogrou-se.

E' indubitavel que o problema judeu se apresenta cheio

(1) Nos primeiros tempos do sionismo, todo um jornalista conhecido a nível de que os judeus não ficariam na Palestina por não terem a quem explorar, e imprensa judaica cobriu-o de injúrias.

de dificuldades; todavia, não será praticando a política do abstruz os ignorando-o deliberadamente, que o resolveremos. Continuando assim, chegaremos ao resultado seguinte

Assistiremos a um triunfo passageiro da revolução, quer sob a forma violenta assumida na Rússia, quer sob a forma lenta adotada na França, cuja consequência será a primeira realização da hegemonia judaica mundial. A tudo isto succederá uma reacção contra os abusos inevitáveis dos judeus e uma onda de antisionismo de uma violência tal, que assestará o mundo. A segunda parte do programa prepara-se na Rússia e na zona da Europa oriental que já experimentou o domínio judaico. Resultado final: ruína e destruição nos dois campos.

Terminamos o nosso estudo sobre as duas principais forças secretas da revolução.

Não haverá, porém, um terceiro poder, cuja sombra temível paira sobre toda esta obra?

"Sob as forças concretas da revolução, atrás do grupo secreto e invisível que talvez as dirija, não existirá outra força ainda mais poderosa?"

"Quando o nosso olhar investiga, através dos séculos passados, os episódios sombrios que assinalizam a história da humanidade desde os seus origens mais remotas — cultos estranhos, ondas de magia, hierifâmias e sacrilégios — torna é inevitável duvidar da existência de um poder oculto, operando no mundo?"

"Indivíduos, sotas e raças animados pelo desejo de domínio mundial, forneceram as forças ativas de destruição.

"Mas, atrás deles, opera o verdadeiro espírito das Trevas, em perpétuo conflito com o espírito da Luz." (2)

(2) N. K. Webster — Associações secretas e sustentamentos místicos, conclusão.

## APÊNDICE

O trecho seguinte mostra o ponto a que pode chegar o ódio judeu contra o cristianismo:

"Ieshou (Jesus) o Nazareno, que desviou o mundo do culto do Santo — bendito seja, — será julgado eternamente. Todas as sextas-feiras, seu corpo será recomposto e atirado à ferverura, à entrada do Sabbath. O inferno poderá faltar, mas o seu castigo e os seus tormentos nunca terão fim. Ieshou e Mahomet são esses ossos impuros do cadáver putrefato, de que diz a Escritura: "Vós os deitareis aos cães". São os excrementos imundos dos cães e, por terem vedado os homens, desceram ao inferno, donde jamais torção a subir". (1)

Pode-se objeter que se trata de textos antigos, mas encontram-se trechos quasi análogos, numa história blasfema do nascimento e da vida de Jesus, traduzida do hebreu, brochura editada em 1919, que todos podem comprar, em Londres, por 6 pences. Certas passagens, impressas em latim, eram demasiado obscenas, para serem publicadas em inglês. É o *The Jewish Life of Christ, being the Sepher Toldoth Ieshu or book of the generation of Jesus; London, the Pioneer press, 1919*, traduzido do hebreu por G. W. Foote e J. M. Wheeler.

É a reedição do celebre *Sepher Toldoth Ieshu*, versão cabalística judaica da vida e da morte de Jesus Cristo.

Esta do principio da era cristã. Os judeus ocultavam-no zelosamente. Foi traduzido pela primeira vez em fins do século XIII, por um monge dominicano chamado Raymond Martin. Não é singular que essa história medieval circule hoje, pelas ruas de Londres, sob a forma de edição popular?

F I M

(1) *Sepher Ha Zohar*, tradução Jean de Pury, vol. II, pág. 28, Paris. H. Leroux, 1907. Nota do tradutor: um trecho semelhante suprimido pela censura, foi citado por G. H. Dalman. São as interpolações modernas que não pertencem à essência do Zohar.

## OBRAS A CONSULTAR

### FRANÇA

- Luchet (Marquez de) — *Essais sur la secte des Illuminés*, 1789.
- Robinson (John) — *Preuve d'une conspiration contre les Rois et les religions* (tradução), 1798.
- Barruel (Abade) — *Mémoires pour servir à l'histoire du Jacobinisme*, 1798.
- Eckert — *La Franc-Maçonnerie dans sa vraie signification* (tradução), 1852.
- Crétineau-Joly — *L'Église Romaine en face de la Révolution*, 1859.
- Lecouteux de Cantelau (Comde) — *Les Sectes et Sociétés secrètes, politiques et religieuses, essai sur leur histoire depuis les temps les plus reculés jusqu'à la Révolution Française*, 1863.
- Gougenot des Moursaux — *Le Juif, le Judaïsme et la judaïsation des peuples*, 1869.
- Deschamps (P.) — *Les Sociétés secrètes et la Société*.
- Deschamps (P.) et C. Janet — *Histoire des sociétés secrètes*.
- Janet (Cláudio) — *La Franc-Maçonnerie et la Révolution*.
- Lemana (Abade) — *L'entrée des Israélites dans la société française*.
- *La prépaud'rance juive*, 1869.
- Cochin et Charpentier — *La campagne électorale de 1789 en Bourgogne*.
- Lazare (Bernard) — *L'antisémitisme*, 1894.
- *Le fanier de Job*, 1928.
- Brafman (I.) — *Le livre du Kabbal* (tradução), 1873.
- Kalixt de Wolsky — *La Russie juive* (tradução), 1887.
- Rohling (A.) — *Le Juif Talmudiste*, 1878.

- Lamarque (Abade de) — *Le Juif Talmudiste*, 1888.  
 Lombard de Langres — *Histoire des Sociétés secrètes*.  
 Boed (G.) — *La Franc-Maçonnerie en France*, 1908.  
 Copin Albanelli — *Le drame maçonnique, le pouvoir occulte contre la France*, 1908.  
 — *La conjuration juive contre les peuples*, 1909.  
 Le Forestier — *Les Illuminés de Bavière*, 1914.  
 Delassus (Mons.) — *Le problème de l'heure présente*.  
 — *La conjuration antichrétienne*, 1910.  
 Drumont (E.) — *La France juive*.  
 Tormay (C de) — *Le livre proscrié*, 1919.  
 Jouin (Mons.) — *Le péril judéo-maçonnique*, 5 volumes, 1910-1927.  
 Lambelin (R.) — *Le riqne d'Israël chez les Anglo-Saxons*. — *L'inspiration d'Israël*.  
 Gros (René) — *Enquête sur le problème juif*, 1920.  
 Batault (G.) — *Le problème juif*, 1921.  
 Sombart (Werner) — *Les juifs et la vie économique*, 1923.  
 Lebey (A.) — *Dans l'atelier maçonnique*.  
 — *La Franc-Maçonnerie et la paix*.  
 Michel (G.) — *Le dictionnaire de la Fr. M. sur la France*, 1924.  
 Prens (A.) — *Étude sur la Fr. M. américaine*.  
 Netchvolodoff (A.) — *Nicolas II et les Juifs*, 1924.  
 Cochin (A.) — *Les sociétés de pensée et la révolution en Bretagne*, 1924.  
 Sokoloff (Nicolas) — *L'Enquête judiciaire sur l'assassinat de la famille impériale de Russie*, 1924.  
 Béranit (H.) — *Ce que j'ai vu à Moscou*, 1925.  
 Lantoin (A.) — *Histoire de la Franc-Maçonnerie Française*, 1925.  
 — *Hirons couronnés d'épines*, 1926.  
 — *Hirons au jardin des oliviers*, 1928.  
 Mavé (J.) — *Anthologie des défallistes*, 1925.  
 Martin (G.) — *La Fr. M. Française et la préparation de la révolution*, 1925.  
 Guénon (R.) — *La crise du monde moderne*, 1927.  
 — *Le théosophisme*, 1921.  
 — *Le roi du monde*, 1927.  
 Trouzet (J.) — *Paris, capitale des religieux*, 1927.  
 Molle — *Le front unique*, 1927.

- Melgouanov (S. P.) — *Le Terreur rouge*, 1927.  
 Gauthierot (G.) — *Le monde communiste*, 1927.  
 Elio-Eberlin — *Les Juifs d'aujourd'hui*, 1927.  
 Tharaud (J. et J.) — *Quand Israël est roi*, 1921.  
 — *Casserie sur Israël*, 1927.  
 Duguet (Raymond) — *Un bagne en Russie Soviétique*, 1928.  
 Fleg (Edmond) — *Pourquoi je suis Juif*, 1928.  
 Menneville (R.) — *L'organisation antimaçonnique en France*, 1928.  
 Plantagenet (E.) — *La Franc-Maçonnerie Française*, 1928.  
 Malynski (E.) — *La Grande Conspiration mondiale*, 1928.  
 Kadmi-Cohen — *Nomades (Essai sur l'Âme juive)*, 1929.  
 Cavalier (A.) — *Les Rouges Chrétiens*, 1929.  
 X... — *L'Élu du dragon*, 1929.

## INGLATERRA

- Robinson (John) — *Proof of a conspiracy*.  
 HUGHAM (W. J.) — *Constitutions of the Freemasons of the premier grand Lodge of England*, 1809.  
 GINBERG (A.) — *Transvaluation of value*.  
 Morning Post — *The cause of the world unrest*, 1920.  
 Webster (N. H.) — *The world revolution*, 1922.  
 — *Secret Societies and subversive movements*, 1924.  
 — *The socialist Network*, 1927.  
 DALTON (Dr. E. J.) — *The inside story of the peace conference*.  
 Pitt-Rivers (G.) — *The world significance of the Russian Revolution*, 1920.  
 Valentinas (A.) — *The assault of Heaven*, 1925.  
 Belloe (Hilare) — *The Jews*.  
 Dargon — *The Nameless order*.  
 Rev. H. J. Thurston S. J. — *Freemasonry*.  
 Sopher Toldath Jeshu — *The jewish life of christ* (trad. par G. W. Foote e J. M. Wheeler) 1919.

## ESTADOS UNIDOS

- Ford (H.) — *The International Jew*, 4 vols. 1920.  
 Lewinschu (Ludwig) — *Israël*, 1925.

## ALEMANHA

- Eckert — *Der Freimaurorden in seiner äußeren Bedeutung*, 1852.
- Justus (Dr. Brinman) — *Der Induspiegel*, 1883.
- Föcher (De.) — *Der Induspiegel im Lichte der Wahrheit*, 1884.
- Lewin (Ad.) — *Der Induspiegel des Doctors Justus*, 1884.
- Loewe (H. G.) — *Der Sinsheimbruch*, 1837.
- Karl Marx — *Die Judenfrage*, 1844.
- Goldschmidt (Lazarus) — *Talmud* (tratação alemã).
- Jellitich (A.) — *Der Jüdische Stamm*, 1869.
- *Gegen die Antisemiten*, 1882.
- Graetz — *Die Geschichte der Juden*.
- Weininger (Otto) — *Geistlich und Charakter*.
- Marx (Wilhelm) — *Der Sog des Judentums über das Christentum*, 1879.
- Hatzel (Th.) — *Der Indusstaat*.
- Stens (L.) — *Die Vorschriften der Thora welche Israel in der Zerstreuung zu beobachten hat*, 1904.
- Begemann (W.) — *Vorgeschichte und Anfänge der Fr. M. in England*, 1909.
- Gruber (H.) — *Der giftige Kern*, 1899.
- Muffelmann (Ludwig) — *Die Italienische Freimaurerei und ihr wirksamer Beitrag zur Teilnahme Italiens an dem Krieg*, 1915.
- Pharos (Prof.) — *Der Proceß gegen die Altentwürfe von Sarajewo*, 1918.
- Findel (J. G.) — *Der Jude als Freimaurer*.
- *Grundsätze der Freimaurerei im Völkerverkehr*.
- Rosenberg (A.) — *Das Verbrechen der Freimaurerei*, 1920.
- *Der Staatsfeindliche Zionismus*.
- *Unmoral im Talmud*.
- *Pest in Russland*.
- *Die Spur der Juden*, 1919.
- Lisch (Hans) — *Bilder aus dem Kommunistischen Ungarn*, 1920.
- Wichl (D.) — *Weltfreimaurerei, Weltrevolution, Weltrepublik*, 1921.
- Eberlé (J.) — *Großmacht Presse*.
- Nossing (A.) — *Integrale Judentum*.
- Kohn (A.) — *Die Juden und die Freimaurer*.

- Fritsch (Th.) — *Taschenbuch der Judenfrage*.
- *Socialistes révolutionnaires russes de Berlin* — Tcheka.
- Nilostonsky — *Der Blatruath des Bolschewismus*, 1920.
- Popeff (Georg) — Tcheka, 1926.
- Ladenborff (E.) — *Die Vernichtung der Freimaurerei*, 1927.
- *Kriegshelden und Völkermörder*, 1928.
- Schwartz Bostumitch (Gregor) — *Die Freimaurerei*, 1928.
- Hergesh — *Aus dem Werkstatte der Freimaurer und Juden in Oesterreich*, 1928.



# Índice

	Pág.
Prece de S. A. I a Gran-Duquesa Olga. . . . .	5
Préambulo . . . . .	7
Proclamação . . . . .	9

## MAÇONARIA

Introdução a Questão Maçonica . . . . .	15
---	----

## PRIMEIRA PARTE

### A MAÇONARIA NA APARENÇA

Definição da maçonaria . . . . .	19
Origens da maçonaria . . . . .	20
Organização da maçonaria . . . . .	20

## SEGUNDA PARTE

### O PAPEL REVOLUCIONÁRIO DA MAÇONARIA NO MUNDO

A maçonaria e a revolução de 1789 . . . . .	25
A ação maçônica na política francesa, de 1789 aos nossos dias. . . . .	41
A maçonaria revolucionária na Europa . . . . .	45
A maçonaria e a guerra . . . . .	70
Conclusão . . . . .	78
Organização da maçonaria . . . . .	80
A unidade da maçonaria . . . . .	87
A influência judaica na maçonaria . . . . .	96
Demonstração do predomínio judaico . . . . .	99



# LIVROS SÔBRE A QUESTÃO JUDÁICA

LEITURAS DE GRANDE INTERESSE NESTE MOMENTO  
HISTÓRICO EM QUE SE DEGLADIAM DUAS  
CIVILIZAÇÕES

**O JUDEU INTERNACIONAL**, por Henry Ford - Com gar-  
dardia de homem universal, o autor discute e pe-  
netra sem temores no problema que o Judaismo  
apresenta ao mundo com o seu programa de domínio  
internacional cruamente estampado nos "Protocó-  
los dos Sábios de Sião" — 432 páginas — Preço:  
8\$000 e 12\$000.

**AS FORÇAS SECRÉTAS DA REVOLUÇÃO**, por Léon de  
Fonclès — Maçonaria — Judaismo — O papel revo-  
lucionário da Maçonaria no mundo — A ação revo-  
lucionária dos judeus — A organização judaica — 266  
páginas — Preço: 7\$000 e 10\$000.

**NACIONALISMO - O PROBLEMA JUDÁICO E O NA-  
CIONAL - SOCIALISMO**, por Anor Butler Maciel — Uma  
obra onde é demonstrado o perigo que constitui para  
o Brasil a crescente influência do elemento israelita  
na vida íntima nacional — A verdadeira signifi-  
cação do nacional-socialismo — 148 págs. — Pre-  
ços: 6\$000 e 9\$000.

**A QUESTÃO JUDÁICA**, pelo Pe. J. Cabral - Uma obra de  
grande valor — O perigo semita analisado por um  
sacerdote da Igreja Católica — 220 páginas —

Edições da LIVRARIA DO GLOBO

Barcellos, Bertusa & Cia.

Andradas, 1418 — Porto Alegre